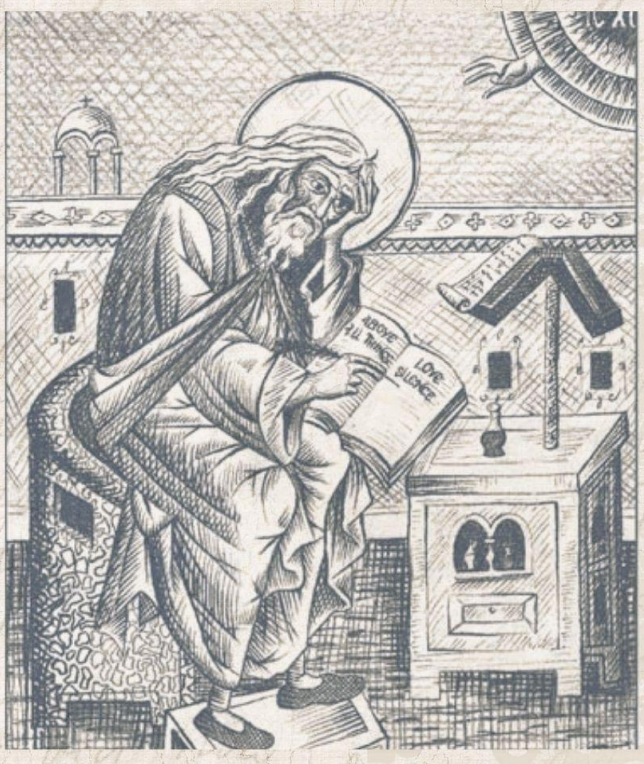
COLEÇÃO SOPHIA



ANTOLOGIA

DE TEXTOS ESPIRITUAIS

VOL. VI:

«PAIS DO DESERTO E MESTRES DA ORAÇÃO»

© 2025 ECCLESIA

S O P H I A

ANTOLOGIA DE TEXTOS ESPIRITUAIS

Vol. VI - «Pais do Deserto e Mestres da Oração»:

(Macário do Egito, Doroteu de Gaza, João Clímaco, João Carpátio, Diádoco de Foticéia, Siluane do Monte Athos, Simeão, o Novo Teólogo, Teognosto, Filoteu do Sinai, Hesíquio (Batós/Jerusalém), Hesíquio do Sinai) e João Cassiano.

Textos recolhidos da seção SOPHIA,
de ECCLESIA (Brasil)

Sumário

APRESENTAÇÃO **13**

VOLUME VI: PAIS DO DESERTO E MESTRES DA ORAÇÃO 13

ABA POEMEN, O GRANDE **17**

1. *Ditos* 18
2. *«Ai de vós porque carregais os homens com fardos insuportáveis»* 18
3. *«O que é a fé?»* 19

ANTÃO, O GRANDE **21**

4. *«Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra»* (Mt 11,25) 22

EVÁGRIO PÔNTICO **24**

5. *Ditos* 25
6. *«Sobre a Oração em Espírito»* 27
7. *«Santificado seja o vosso nome; venha o vosso Reino»*..28

DIÁDOCO DE FÓTICEIA **30**

8. *«Cala-te e sai desse homem!»* 31
9. *«Quem se despreza a si mesmo, neste mundo assegura para si a vida eterna»* (Jo 12,25) 32
10. *«Tomai sobre vós o meu jugo e [...] encontrareis descanso para as vossas almas»* (Mt 11,29) 33

DOROTEU DE GAZA **35**

11. *«Vinde a Mim»* 36
12. *«A Lei Nova» / «Não resista ao homem mau»* 37
13. *«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»* (Lc 6,36) 38
14. *«Então verás bem»* 39

ISAAC O SÍRIO **43**

PARTE I – HUMILDADE E FUNDAMENTO ASCÉTICO 44
15. «Vim trazer um fogo à terra» (Lc 12,49)..... 44
16. «Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 50,12)..... 45
17. «Quem se humilhar será exaltado» (Lc 14,11)..... 45
18. «O meu servidor não quebrará a cana fendida, não apagará a mecha que fumega... As nações colocarão a sua esperança no Seu nome»..... 47
19. «Orar sempre, sem desfalecer» (cf. Lc 18,1) 48
20. «Herodes procurava ver Jesus»..... 49
21. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigênito»..... 50
22. «Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele.»..... 51
23. «[O meu servo] não quebrará a cana já fendida, nem apagará a torcida que ainda fumega [...]; e as nações colocarão a esperança no seu nome»..... 51
24. «Dizei: "somos inúteis servos"»..... 53
25. «O Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17,21)..... 53
PARTE II: CONVERSÃO E COMPUNÇÃO..... 54
26. «Mantenham as lâmpadas acesas» 54
27. «A ovelha perdida»..... 55
28. «Chorar com Cristo» 56
29. «Jesus começou então a censurar as cidades onde tinha realizado a maior parte dos Seus milagres, por não se terem convertido» 57
30. «Ai de vós, doutores da Lei, porque carregais os homens com fardos insuportáveis»..... 57
31. «Encheu-Se de piedade para com eles» (Mt 14,14) 58
32. «Sofro terrivelmente nesta fornalha»..... 59
33. «Então o diabo deixou-O.» 60
34. «De madrugada, ainda escuro, levantou-Se e saiu; foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração» (Mc 1,35)..... 61
35. «Nesta mesma noite virão pedir-te a vida» (Lc 12,20) ... 62
36. «Aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas aquele que perder a sua vida por mim e pelo Evangelho salvá-la-á» 63
PARTE IV: ORAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO 64

37. *«Por que duvidaste?»* 64
38. *«Eu creio! Ajuda a minha pouca fé»* 65
39. *«Caminhar sobre as águas, atravessar o fogo»* 65
40. *«A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida»* 66
41. *«Não devias também tu ter piedade do teu companheiro, tal como eu tive piedade de ti?»* 68
42. *«Se alguém quiser vir comigo…» (cf. Mt 16,24)* 69
43. *«Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus»* 69
44. *«A violência que se apodera do Reino»* 70
45. *«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.»* 71
46. *«Jesus voltou-Se e repreendeu-os»* 71

PARTE V: AMOR E MISERICÓRDIA 72

47. *«Não temais: valeis mais do que todos os pássaros do mundo» (Lc 12,7)* 72
48. *«Cem por um»* 73

JOÃO CLÍMACO 74

49. *«Não julgueis e não sereis julgados»* 75
50. *Pastor que segue o Pastor* 76
51. *Deus, único mestre de oração* 77
52. *Da sobriedade na oração* 77
53. *O amor ou o próprio nome de Deus* 78
54. *A melhor maneira de rezar* 79
55. *«A sabedoria foi justificada pelas suas obras»* 79
56. *«Todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado»* 80
57. *«Um Deus e um Rei que nos chama»* 81
58. *«Aproximemo-nos dele com toda a simplicidade!»* 82
59. *«Deixa que os mortos sepultem os seus mortos»* 82

JOÃO CARPÁTIO 84

60. *«Confiai-vos ao Senhor»* 84
61. *«Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»* 85
62. *«O reino dos Céus sofre violência»* 86

63. *«Os teus pecados estão perdoados»* 87
64. *O grande Médico está perto* 88
65. *«Deus levanta os caídos»* 89
66. *«Exultai no Senhor»* 90
67. *«Aquele que vem do alto está acima de todos»* 91
68. *«Envias o teu Espírito e eles revivem»* 92

MACÁRIO DO EGITO 93

69. *«Entregarmo-nos totalmente a Ele»* 93
70. *«O acolhimento do fariseu e o acolhimento da pecadora»* 94
71. *«Pela oração, vigiar à espera de Deus»* 95
72. *«O Filho do Homem até do Sábado é Senhor»* 97
73. *A vida comunitária: «Vós sois todos irmãos»* 98
74. *«Quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!»* 99
75. *«Foi um inimigo que fez isso.»* 100
76. *«Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.»* 101
77. *«Vinde às bodas»* 102
78. *«Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância»* 103
79. *«Eu era cego e agora vejo»* 104
80. *«Até ficar tudo levedado»* 105
81. *«A alma, mais preciosa que o mundo inteiro»* 106
82. *«Fazer violência a si próprio para se tornar morada do Senhor»* 107

SILUANE DO MONTE ATHOS 109

83. *«Acorreram de todas as cidades e chegaram antes deles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão»* (Mc 6,33-34) 110
84. *«Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito»* 111
85. *«Se tiverdes fé como um grão de mostarda…»* (*cf.* Mt 17,20) 111
86. *«Felizes os pobres em espírito»* (Mt 5,3; *cf.* Lc 11,43)..... 112

87. «Adão, onde estás?» (Gn 3,9)..... 113
88. «Creio na comunhão dos santos»..... 114
89. «Proclamai a Boa-Nova a toda a Criação» (Mc 16,15)... 115
90. «Disse-vos isto para que encontreis em mim a paz» 116
91. «É da vontade de vosso Pai [...] que não se perca um só destes pequeninos»..... 116
92. «Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos»..... 117
93. «Não vos inquieteis quanto à vossa vida»..... 118
94. «O que discutíeis vós pelo caminho?» (Mc 9,33)..... 119
95. «Por que ter medo?»..... 120
96. «Quando vier, o Espírito de verdade guiar-vos-á para a verdade completa»..... 121
97. «Quiseste que ela se tornasse nossa mãe quando estava perto da cruz de Jesus»..... 122
98. «Vim trazer um fogo à terra» (Lc 12,49)..... 122

SIMEÃO, O NOVO TEÓLOGO 124

99. «A Mim o fizestes» (Mt 25,40)..... 125
100. «Filho de Davi, tem misericórdia de mim!» (Lc 18,38).. 126
101. «Quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedem!»..... 127
102. «Aquele que Deus enviou transmite as palavras de Deus» 127
103. «Jesus saiu ao seu encontro»..... 128
104. «Quem não junta Comigo dispersa»..... 129
105. «Crer em Jesus atualmente»..... 130
106. «Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa»..... 131
107. «A quem bate à porta, abrir-se-á»..... 133
108. «Invocação do Espírito Santo»..... 134
109. Os anjos nos céus veem constantemente a face de Meu Pai (Mt 18, 10)..... 136
110. «A Luz que me leva pela mão»..... 138
111. «Tudo o que o Pai tem é meu» (Jo 16,15)..... 139
112. «Eu e o Pai somos Um»..... 141
113. «O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas»..... 142

114. *«Então Jesus tocou-lhes nos olhos»* 143
115. *«Havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos»* 144
116. *«De onde vens?»* 146
117. *«Jesus estendeu a mão e tocou-o, dizendo: "Quero, fica purificado!"»* 148
118. *«E os olhos abriram-se-lhes»* 149
119. *«No dia do Juízo, a minha palavra elevar-se-á»* 150
120. *«Corramos para Deus, que desceu à Terra para nossa salvação!»* 152
121. *«Imita em ti a perfeição de Deus»* 153
122. *«Quando o Filho do homem vier na sua glória»* 155
123. *«Sê celestial como o teu Mestre!»* 157
124. *«Aproximou-se, ligou-lhe as feridas»* 158
125. *«Para que vejam a minha glória»* 159
126. *«Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o Reino de Deus»* 160
127. *«Mulher, [...] a quem procuras?»* 162
128. *«Os três são Deus»* 163
129. *«Para aqueles que habitavam na sombria região da morte, uma luz se levantou»* 165
130. *«Meu Pai o amará; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada»* (Jo 14,23) 167
131. *«A cegueira dos homens»* 168
132. *«Reconhecer desde já a porta aberta»* 170
133. *«O senhor [...] foi ajustar contas com eles»* 172
TEOGNOSTO – MONGE E PRESBÍTERO 174
134. *«O tesouro da humildade»* 174
FILOTEU DO SINAI 175
135. *«Dentro do coração, o Reino»* 175
HESÍQUIO DO SINAI 177
136. *«Sobre a sobriedade e a vigilância»* 177
137. *O combate da alma* 178
HESÍQUIO DO SINAI 180
138. *Humildade, raiz de toda a vida espiritual* 180
139. *A oração incessante, caminho da vitória espiritual* 181

140. A *Páscoa, vitória da luz sobre a morte* 181

JOÃO CASSIANO 183

141. *Conferência I* 184
142. *Conferências III* 185
143. *Conferência X* 187
144. *Conferência XIII* 188
145. *Conferência XV* 189
146. *Sobre o Discernimento* 191
147. *Sobre a Castidade* 192
148. *«Sobre a amizade»* 195
149. *Sobre a Proteção Divina* 195
150. *Sobre a Perfeição* 199
151. *Sobre os Carismas Divinos* 203
152. *Sobre a Ciência Espiritual* 206
153. *Sobre a Oração* 209
154. *Sobre os Principados* 215

APRESENTAÇÃO

> *"A memória dos justos é eterna" (Sl 111,6)*

A **Coleção Sophia** reúne textos espirituais e teológicos dos Padres da Igreja e mestres da vida cristã, provenientes de séculos de tradição. Organizada por afinidade histórica e temática, ela busca oferecer ao leitor uma seleção fiel e acessível, que permita saborear a riqueza da fé cristã em sua fonte mais pura. Cada volume é acompanhado de uma breve introdução contextual, ajudando a situar o leitor na vida e na obra dos autores apresentados.

Os textos, recolhidos ao longo de mais de uma década do boletim diário Evangelho Cotidiano, foram reunidos, reeditados e organizados nesta coleção por Pe. André Sperandio.

Volume VI: Pais do Deserto e Mestres da Oração

O sexto volume da *Coleção Sophia* é dedicado à espiritualidade monástica e à tradição da oração na Igreja. Reunindo autores que viveram entre os séculos IV e XX, ele percorre o arco que vai dos eremitas do Egito e da Palestina até os grandes mestres bizantinos do hesicasmo, chegando à voz contemporânea de Siluane do Monte Athos.

A obra convida o leitor a entrar no coração da vida ascética, onde a busca por Deus se traduz em silêncio, sobriedade e combate espiritual. Encontramos aqui tanto a sabedoria simples dos anciãos do deserto, que transmitiam em ditos breves e incisivos a experiência de uma vida inteira, quanto a profundidade teológica de autores como João Clímaco, Simeão, o Novo Teólogo e Máximo, o Confessor, que desenvolveram uma

espiritualidade capaz de unir a prática ascética à contemplação do mistério divino.

Este volume mostra também a continuidade da tradição: os conselhos espirituais de Doroteu de Gaza e Diádoco de Foticeia, os textos hesicastas do Sinai e do Estúdio de Constantinopla, e, por fim, a chama renovada do Espírito no testemunho do santo monge Siluane, que no século XX atualizou para o nosso tempo a antiga arte da oração de Jesus.

Mais do que um compêndio de escritos, este volume é um itinerário: conduz da solidão das grutas e celas monásticas até ao "lugar secreto do coração" onde, segundo a tradição hesicasta, ressoa o Nome de Jesus.

Os Padres do Deserto

Macário do Egito exprime, em suas Homilias, a experiência viva da graça do Espírito que transforma a alma. Doroteu de Gaza, com sua clareza pedagógica, ensina o caminho da humildade e da obediência na vida comunitária.

A escada e a vigilância

João Clímaco, no célebre *Escada do Paraíso*, oferece uma síntese espiritual que se tornaria referência obrigatória em toda a tradição monástica. João Carpátio e Diádoco de Foticéia, por sua vez, sublinham a importância da atenção à mente, do discernimento espiritual e da experiência do amor de Deus.

A mística da oração

Simeão, o Novo Teólogo, une o vigor teológico à linguagem ardente da experiência mística, proclamando a possibilidade de toda alma conhecer e contemplar a luz divina. Siluane do Monte Athos, já no século XX, torna-se testemunha de que a mesma

chama hesicasta arde ainda em nossos tempos, apontando o caminho do arrependimento e do amor aos inimigos.

O caminho hesicasta

Teognosto, Filoteu do Sinai e Hesíquio (tanto de Jerusalém/Batós como do Sinai) representam a tradição da sobriedade (*népsis*), da oração do coração e da vigilância interior. Seus escritos foram transmitidos como parte da *Filocalia*, formando um patrimônio espiritual que continua a inspirar monges e leigos.

Sentido pastoral

Estes escritos, nascidos do deserto e da solidão habitada por Deus, não se dirigem apenas a monges. Todo cristão que busca a conversão do coração e a oração contínua encontra neles alimento e orientação. O deserto não é apenas um lugar geográfico: é, sobretudo, um estado interior, onde se trava o combate espiritual e onde se abre espaço para a graça transformadora.

Aba Poemen, o Grande

Aba Poemen, cujo nome em grego significa "pastor", foi um dos mais notáveis Padres do Deserto do Egito. Viveu entre os séculos IV e V, sendo contemporâneo de outros grandes ascetas como Macário do Egito e Arsenio.

Homem de profunda mansidão e discernimento, tornou-se célebre pela prudência de suas palavras e pelo equilíbrio de seus conselhos espirituais. Ao contrário de outros Padres que enfatizavam práticas rigorosas, Poemen insistia sobretudo na caridade fraterna, na humildade e no discernimento, como fundamentos da vida cristã.

Dizia-se dele que "a boca de Poemen era a boca de Deus", porque suas respostas eram sempre medidas e inspiradas pelo Espírito Santo. Transmitiu inúmeros apotegmas, recolhidos no *Apophtegmata Patrum*, onde é um dos anciãos mais citados. Sua sabedoria pastoral lhe valeu o título de "o Grande" e de verdadeiro "pastor" dos monges e discípulos.

Seu ensinamento central pode resumir-se em duas linhas: a **pureza do coração**, como chave da vida espiritual, e a **compaixão para com o próximo**, como sinal da presença de Cristo. Ele ensinava que "o monge deve ser como uma sentinela do coração" e que "a vitória maior não está em julgar o irmão, mas em carregar com ele a sua fraqueza".

Morreu por volta de 450, deixando como herança espiritual uma tradição de equilíbrio ascético e de bondade pastoral que marcou toda a espiritualidade monástica oriental e ocidental.

1. Ditos

As Máximas dos Padres do Deserto (séculos IV e V)
Collection systématique, cap. 9 (a partir da trad. de SC 387, pp. 427ss.)

O abba Joseph perguntou ao abba Poemen: «Diz-me o que devo fazer para me tornar monge». O ancião respondeu:

> *«Se queres encontrar repouso aqui e no mundo que há-de vir, repete continuamente: «Quem sou eu?» E não julgues ninguém».*

Um irmão perguntou ao mesmo abba Poemen: «Se eu vir um pecado do meu irmão, será correto ocultá-lo?» O ancião respondeu-lhe:

> *«Enquanto escondermos os pecados dos nossos irmãos, também Deus esconde os nossos; a partir do momento em que manifestamos as faltas dos irmãos, Deus manifesta também as nossas».*

2. «Ai de vós porque carregais os homens com fardos insuportáveis»

Um irmão que tinha pecado foi expulso da igreja pelo padre; o abba Bessarion levantou-se e saiu com ele, dizendo: «Eu também sou pecador» [...]

Um irmão pecou uma vez em Cétia. Realizou-se um conselho, para o qual convocaram o abba Moisés. Mas este recusou-se a vir. Então o padre mandou dizer-lhe: «Vem, porque estão todos à tua espera». Ele levantou-se e apareceu com um cesto cheio de buracos, que enchera de areia e trazia às costas. Os outros, vindo ao seu encontro, perguntaram-lhe: «O que é isso, padre?» O velho respondeu:

> *«Os meus pecados escoam atrás de mim e eu venho aqui hoje para julgar os pecados de outros?» Ouvindo isto, eles não disseram nada ao irmão, mas perdoaram-lhe.*

O abba Joseph pediu ao abba Poemen: «Diz-me como hei de tornar-me monge?» O velho respondeu-lhe:

> *«Se quiseres encontrar tranquilidade aqui e no mundo que há de vir, diz em todas as ocasiões: Quem sou eu? E não julgues ninguém».*

Um irmão perguntou ao abba Poemen: «Se vir um pecado do meu irmão, é correto escondê-lo?» O velho respondeu-lhe:

> *«Quando escondemos os pecados dos nossos irmãos, também Deus esconde os nossos, e quando expomos os pecados dos nossos irmãos, também Ele expõe os nossos».*

3. «O que é a fé?»

Aba Poemen, o Grande, respondendo à pergunta «O que é a fé?», disse que a fé consiste em permanecer na humildade e praticar a misericórdia; isto é, fazer-nos humildes perante todos e perdoar-lhes todas as descortesias e ofensas, todos os seus pecados.

Como os tolos zelotes fingem que a fé é a causa fundamental de seu zelo, que eles saibam que a verdadeira fé, e consequentemente também o verdadeiro zelo se expressam na humildade perante o próximo e na piedade para com ele. Deixemos o trabalho de julgar e condenar as pessoas para àqueles sobre cujos ombros recaiu o dever de julgar e governar seus irmãos.

> *«Aquele que é movido pelo falso zelo», diz Santo Isaac, o Sírio, "sofre de uma grave doença». «Ó homem, tu que pensas que podes usar teu zelo contra as debilidades dos outros, tu renunciastes à saúde de tua própria alma! Melhor teria sido*

> *dedicardes teus cuidados à cura de ti mesmo; e se queres curar os doentes, saiba que os doentes necessitam de cuidados e não de reprimendas. Mas tu, ao invés de ajudar os outros, atiras-te na mesma enfermidade dolorosa. Este zelo não é tido como forma de sabedoria, mas é uma das doenças da alma, e um sintoma de pequenez da mente e de extrema arrogância. O início da sabedoria divina é a quietude e a doçura, que são o estado mental básico próprio das almas grandes e fortes e que suporta as fraquezas humanas. Vós que sois fortes devem suportar as fraquezas dos fracos (Rom. 15:1), dizem as Escrituras».*

E novamente: «Restaure um pecador no espírito da doçura e da gentileza» (Gal. 6:1). O Apóstolo considera a paz e a paciência (Gal. 5:22) como alguns dos frutos do Espírito Santo.

ANTÃO, O GRANDE

(Antônio, o Grande) (251-356)

Conhecido como **Pai do monaquismo cristão**, Santo Antão nasceu no Egito, em Coma, por volta de 251. Ao ouvir no Evangelho o chamado de Cristo: *"Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-Me"* (Mt 19,21), distribuiu todos os seus bens e retirou-se para o deserto, consagrando-se à vida de oração, ascese e combate espiritual.

Tornou-se célebre por sua luta incansável contra as tentações demoníacas, narradas de modo vívido por Santo Atanásio em sua *Vida de Antão*, obra que fez dele exemplo universal de santidade. Homens e mulheres de todas as partes vinham ao deserto para vê-lo, pedir seus conselhos e imitar sua vida.

Apesar de ter vivido na solidão, Antão também se fez defensor da Igreja. Na época das perseguições e das heresias, desceu a Alexandria para encorajar os mártires e apoiar a ortodoxia de Atanásio contra o arianismo. Viveu mais de cem anos, vindo a falecer por volta de 356, sendo chamado por toda a tradição cristã de **"o Grande"**, **"Abba"** e **fundador da vida monástica**.

Seu legado permanece vivo na espiritualidade oriental e ocidental, como ícone de renúncia radical, discernimento espiritual e confiança total em Deus.

4. «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra» (Mt 11,25)

Exortações, nos. 2-3, 132-133, 137, 170

Na verdade, o homem dotado de razão só pensa numa coisa: em obedecer e agradar ao Deus do Universo, em formar a sua alma com a única preocupação de Lhe ser agradável, dando-Lhe graças pela realidade e a força da sua providência, pela qual dirige todas as coisas, aconteça o que acontecer, durante a vida. Com efeito, seria estranho agradecermos a saúde do corpo aos médicos que nos prescrevem medicamentos amargos e desagradáveis, e recusarmos a Deus a gratidão pelas coisas que nos parecem penosas, ignorando que tudo acontece para nosso bem, pelos cuidados da providência. Pois o conhecimento de Deus e a fé nele constituem a salvação e a perfeição da alma. [...]

Aqueles que não têm inteligência de alma não pensam nisto, pois não compreendem que tudo acontece para nosso bem, a fim de que as virtudes brilhem e nós sejamos coroados por Deus. [...] O homem é o único ser que é escutado por Deus, o único a quem Deus Se revela. Deus ama o homem a ponto de fazer dele um deus. O homem é o único ser que é um digno adorador de Deus. É para o homem que Deus Se transfigura. Foi para o homem que Deus fez o céu pejado de estrelas, foi para o homem que Ele fez a terra, e é para si mesmos que os homens a cultivam. Aqueles que não sentem esta providência de Deus têm a alma despojada de inteligência. [...]

Deus fundou o nascimento e a morte neste mundo, e fundou a providência e o destino no Céu. Ele tudo fez a favor do homem e da sua salvação. Dispondo de todos os bens, Deus criou para os homens o céu, a terra e os seus elementos, e deu-lhes o usufruto de todos estes bens. [...] As ações de graças agradam mais a Deus que os sacrifícios mais preciosos.

A Ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

EVÁGRIO PÔNTICO

Evágrio nasceu em Íbora, na Capadócia, região do Ponto — daí o nome "Pôntico". Homem culto, profundo conhecedor da Sagrada Escritura e da filosofia, esteve desde cedo ligado aos grandes Padres Capadócios: Basílio Magno, Gregório de Nissa e sobretudo Gregório Nazianzeno, de quem foi discípulo, amigo e de quem recebeu a ordenação diaconal. Herdeiro da tradição alexandrina de Clemente e Orígenes, tornou-se um dos principais transmissores da espiritualidade monástica e da teologia espiritual do Oriente cristão.

Após alguns anos de vida eclesiástica ativa em Constantinopla, uma crise pessoal e espiritual levou-o a retirar-se para o Egito. Viveu cerca de dezesseis anos como anacoreta em Nitria e Celas, mergulhado na oração e na ascese do deserto, em continuidade com a linhagem dos Padres do Deserto. Ali se tornou mestre do discernimento espiritual, deixando escritos de extraordinária influência sobre a tradição monástica.

Suas obras — como o *Pratikós*, os *Capítulos sobre a Oração*, o *Antirrhetikos* e as *Kephalaia Gnostica* — analisam os **oito pensamentos (logismoi)** que estão na raiz dos vícios e indicam o caminho da **apatheia** (libertação das paixões) para alcançar a **oração pura** e a contemplação de Deus. Para Evágrio, a ascensão espiritual passa pelo progressivo despojamento dos pensamentos apaixonados e até mesmo dos pensamentos simples, até chegar à completa nudez da mente, que, purificada, se torna transparência diante de Deus. Nesse estado, a inteligência contempla a luz divina e exerce sua mais alta dignidade:

> *"Se és teólogo, ora verdadeiramente; se oras verdadeiramente, és teólogo."*

Embora suas formulações mais especulativas tenham sido posteriormente associadas ao origenismo e indiretamente

envolvidas na condenação do Concílio de 553, sua sabedoria prática marcou profundamente a espiritualidade cristã. Entre seus herdeiros espirituais estão João Clímaco, Máximo, o Confessor, Simeão o Novo Teólogo e toda a tradição hesicasta.

Evágrio morreu por volta de 397, deixando uma vasta obra que continua a iluminar, até hoje, o caminho daqueles que buscam a sobriedade da mente, a oração pura e a contemplação de Deus no coração.

5. Ditos

> *«Não imagines possuir a Divindade em ti quando oras, nem permitas que tua inteligência aceite a marca de qualquer forma; mantém-te como imaterial diante do Imaterial e compreenderás».*
>
> *«Não alcançarás a oração pura se estiveres perturbado com coisas materiais e agitado por contínuas inquietações; a oração é abandono dos pensamentos».*
>
> *«A oração nasce da doçura e da ausência de ira».*
>
> *«Esforça-te por manter teu intelecto surdo e mudo durante a oração: assim poderás realmente orar».*
>
> *«Se oras verdadeiramente, experimentarás grande segurança: os anjos te escoltarão como a Daniel e te iluminarão sobre os mistérios da criação».*
>
> *«Se queres orar como convém, não entristeças nenhuma alma; senão, corres em vão».*
>
> *«Bem-aventurada a inteligência que, no momento da oração, torna-se imaterial e despojada de tudo».*
>
> *«A oração é a ascensão da inteligência para Deus».*

«A oração é a atividade que corresponde à dignidade da inteligência; é a sua aplicação mais admirável e perfeita».

«Se és teólogo, oras verdadeiramente; se oras verdadeiramente, és teólogo».

«A salmodia pertence à sabedoria multiforme; a oração é o prelúdio do conhecimento simples e imaterial».

«Quanto mais perto de Deus está o homem, tanto melhor ele se torna».

«A oração é fruto da alegria e do reconhecimento».

«Enquanto tua atenção se prende ao que provém do corpo e tua inteligência se detém nos atrativos exteriores, ainda não viste o lugar da oração: estás longe do caminho bem-aventurado que a ele conduz».

«O corpo se alimenta de pão; a alma, de virtude; a inteligência, de oração espiritual».

«Na hora da oração, encontrarás o fruto de todo sofrimento aceito com sabedoria».

«Os sentimentos desordenados perturbam a oração».

«Feliz o espírito livre de qualquer forma durante a oração».

«Aspira a ver a face do Pai que está no céu: não busques, por nada deste mundo, forma ou imagem durante a oração».

«Quando em tua oração tiveres superado toda outra alegria, então, em verdade, terás encontrado a oração».

«Arma-te contra a ira e não admitas jamais a cobiça; pois é a cobiça que alimenta a ira, e esta, por sua vez, obscurece os olhos da inteligência e destrói o estado de oração».

> *«A oração é o diálogo da inteligência com Deus: quão puro deve ser, pois, esse estado para comparecer diante do Senhor e falar-Lhe sem intermediários!»*
>
> *«Permanece corajoso e ora com energia; afasta as preocupações e os pensamentos que se insinuarem, pois eles te perturbam e te enfraquecem».*
>
> *«Se queres orar dignamente, renuncia a ti mesmo em todo momento; suporta com sabedoria toda sorte de provações, por amor da oração».*
>
> *«Não te contentes em orar apenas com gestos exteriores: leva tua inteligência ao sentimento profundo da oração espiritual, com santo temor».*
>
> *«A oração sem distração é a intelecção mais elevada da inteligência».*
>
> *«Orando em comunidade ou a sós, esforça-te por orar não por hábito, mas com compunção do coração».*
>
> *«Quem ama a Deus fala continuamente com Ele como com um Pai, despojando-se de todo pensamento apaixonado».*
>
> *«Quem ora em espírito e em verdade não tira mais das criaturas o louvor que deve ao Criador: é do próprio Deus que ele louva a Deus».*

6. «Sobre a Oração em Espírito»

Capítulos sobre a oração, seleção de nn. 14–16; 20; 22; 31–34; 59–63; 81–82; 89; 128; 153 (erradamente atribuídos a Nilo, o Asceta)

A oração é filha da mansidão e da ausência de cólera; é fruto da alegria e da ação de graças; é exclusão da tristeza e do

desânimo. Mais divina do que todas as virtudes, a oração é o prelúdio do conhecimento espiritual.

Se queres rezar bem, não entristeças ninguém, nem acumules rancores em teu coração; de outra maneira, correrás em vão. Pois está escrito:

> *«Deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, vem e apresenta a tua oferenda»* (Mt 5,23-24).

Quem guarda mágoas é como quem retira água de um poço para a derramar num barril cheio de buracos.

Não ores segundo a tua própria vontade, porque ela não coincide necessariamente com a de Deus. Reza antes para que a vontade do Senhor se cumpra em ti (cf. Mt 6,10). Muitas vezes pedi a Deus aquilo que julgava bom, mas, ao recebê-lo, vi que não era como havia imaginado; percebi então que melhor teria sido pedir apenas que se realizasse a vontade divina. Nada é verdadeiramente bom senão Deus; confiemos n'Ele e entreguemos a Ele tudo o que nos diz respeito. Ele, que é bom, deseja conceder-nos dons ainda maiores pela perseverança na oração. Assim, a oração torna-se cheia de reconhecimento e livre de perturbações.

Lembra-te de que a oração não é apenas esforço humano: para rezar, precisas de Deus, pois é Ele quem concede a oração àquele que reza. Invoca-O com as palavras do Senhor:

7. «Santificado seja o vosso nome; venha o vosso Reino».

Quem ora em espírito e em verdade já não louva o Criador a partir das criaturas, mas louva a Deus a partir do próprio Deus.

O Espírito Santo, compadecido da nossa fraqueza, visita-nos mesmo quando ainda não estamos purificados. Se encontra a nossa inteligência rezando com sinceridade, dissipa a multidão

dos pensamentos que nos assaltam e abre o coração ao amor pela oração espiritual. Os santos anjos também nos assistem e rezam conosco; quando, porém, nos mostramos negligentes e acolhemos pensamentos estranhos, entristecemo-los, pois, enquanto lutam por nós, nós mesmos deixamos de suplicar a Deus.

Esforça-te, pois, por orar sem distração, com atenção e harmonia, e serás como a águia que plana nas alturas. Quando tua oração te elevar acima de toda outra alegria, então terás encontrado, em verdade, a oração.

DIÁDOCO DE FÓTICEIA

Diádoco foi bispo de Fóticeia, no Épiro (Grécia), por volta de meados do século V. Destacou-se como mestre espiritual profundamente enraizado na tradição dos Padres do Deserto, mas também atento à vida da Igreja e à formação do povo de Deus.

Participou do Concílio de Calcedônia (451), defendendo a ortodoxia da fé contra as heresias de seu tempo. Sua obra mais conhecida, os **"Cem Capítulos sobre a Perfeição Espiritual"**, exerceu enorme influência na tradição monástica oriental e foi preservada na *Filocalia*. Nela, Diádoco ensina o caminho da **sobriedade interior (nepsis)**, da **memória constante de Deus** e do **discernimento espiritual**, insistindo na purificação do coração pela caridade e pela oração contínua.

Segundo ele, a graça recebida no Batismo deve ser guardada e constantemente reavivada pela vida de oração, pela vigilância e pelo combate contra as paixões. O Espírito Santo, uma vez acolhido, comunica à alma a luz da verdadeira paz e a alegria do amor divino.

Diádoco morreu provavelmente por volta de 486, deixando como legado um ensinamento que seria transmitido por séculos, especialmente entre os mestres da oração hesicasta. A Igreja o venera como santo e guia seguro no caminho da pureza de coração e da oração incessante.

8. «Cala-te e sai desse homem!»

Cem Capítulos Sobre o Conhecimento, 78-80,
Filocalia (trad. Bellefontaine 1987, t. 8, p. 159 rev.)

O Batismo, banho de santidade, lava as manchas do pecado, mas não altera a dualidade da nossa vontade e não impede que os espíritos do mal nos combatam ou nos enredem nas suas ilusões. [...]

A graça de Deus, porém, tem sua morada na profundidade da alma, isto é, no entendimento. Com efeito, diz-se que a filha do rei e as donzelas suas amigas «avançam com alegria e júbilo e entram com alegria no palácio real» (Sl 44,16): entram para o interior, não se mostram aos demônios.

Por isso, quando nos recordamos de Deus com fervor, sentimos brotar o desejo do divino do fundo do coração. Mas, nessa altura, os espíritos malignos atacam os sentidos corporais e aí se ocultam, aproveitando o relaxamento da carne. [...]

Assim, o nosso interior – como diz o apóstolo Paulo – rejubila continuamente na lei do Espírito (Rm 7,22), mas os sentidos desejam deixar-se levar pela propensão para os prazeres [...].

«A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam» (Jo 1,5) [...]: o Verbo de Deus, verdadeira Luz, no Seu incomensurável amor pelo homem, considerou oportuno manifestar-Se em carne e osso, acendendo em nós a luz do Seu conhecimento divino.

O espírito do mundo não acolheu o desígnio de Deus, isto é, não O reconheceu. [...] Como maravilhoso teólogo, o evangelista João acrescenta:

> *«O Verbo era a luz verdadeira que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à*

> *existência, mas o mundo não O reconheceu. Veio para o que era Seu e os Seus não O receberam. Mas, a quantos O receberam, aos que n'Ele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1,9-12).*

9. «Quem se despreza a si mesmo, neste mundo assegura para si a vida eterna» (Jo 12,25)

Sobre a Perfeição Espiritual, 12-15; PG 65, 1171 (trad. Solesmes, Leccionário II, pp. 149-151 rev.)

Quem ama a sua própria vida (Jo 12,25) não pode amar a Deus; mas quem não se apega a si mesmo por causa das riquezas transbordantes do amor divino, esse ama a Deus. Uma pessoa assim jamais procura a própria glória, mas a de Deus; porque quem ama a própria vida procura a própria glória. Aquele que se dedica a Deus ama a glória do Criador.

É próprio de uma alma sensível ao amor divino procurar constantemente a Sua glória, cumprindo os mandamentos e alegrando-se com a própria depreciação. Pois a glória convém a Deus devido à Sua grandeza, e a humildade convém ao homem, porque o torna da família de Deus. Se assim agirmos, seremos alegres e, à semelhança de São João Batista, passaremos a repetir sem cessar: «É preciso que Ele cresça e que eu diminua» (Jo 3,30).

Conheço uma pessoa que ama tanto a Deus – embora se aflija por não O amar tanto como gostaria – que sua alma arde continuamente no desejo de que Deus seja glorificado nele e em seus gestos, e que ele próprio se apague. Um homem assim não sabe quem é, ainda que receba elogios; porque, no seu grande desejo de humilhação, não pensa na própria dignidade.

Cumpre o culto divino e executa os serviços sagrados, mas, na sua extrema disposição de amor para com Deus, sepulta a lembrança da própria dignidade no mais profundo da caridade,

enterrando em pensamentos humildes a glória que daí tiraria. Apaga o orgulho, para nunca parecer, ao seu próprio julgamento, senão como servo inútil (cf. Lc 17,10).

É o que devemos fazer também: evitar todas as honrarias e toda a glória terrena, sustentados apenas pela riqueza transbordante do amor d'Aquele que tanto nos amou.

10. «Tomai sobre vós o meu jugo e […] encontrareis descanso para as vossas almas» (Mt 11,29)

Capítulos Espirituais n.º 2, 35, 94; Cem Capítulos Sobre o Conhecimento, 6, 26s; PG 65, 1169-1171

Só Deus é bom por natureza. Mas o homem também se torna bom pela atenção que presta ao seu comportamento no caminho do verdadeiro bem, transformando-se naquilo que não é, quando a alma, atraída pelo bem, se une a Deus na medida em que lhe permitem as suas faculdades. [...]

Assim como o mar agitado se acalma naturalmente quando se lhe deita óleo, e as ondas cedem diante da unção, assim também a nossa alma se pacifica quando recebe a suavidade do Espírito Santo. A alma deixa-se vencer com alegria, como diz o salmista: «*Submete-te a Deus, ó minha alma*» (Sl 61,6 LXX), por esta impassibilidade e suavidade indizíveis que a cobrem com sua sombra. Deste modo, por muitas que sejam as provocações dos demônios, a alma mantém-se branda e cheia de alegria. Mas a ninguém é dado chegar ou permanecer nesse estado sem que pacifique continuamente o coração pelo temor de Deus. [...]

Tal como a cera, se não for amolecida pelo calor, não pode receber o selo, assim também o homem, se não tiver conhecido a prova das dores e fraquezas, não poderá ter em si o selo da virtude de Deus. É por isso que o Senhor declarou ao bem-aventurado

Paulo: «*Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza*» (2Cor 12,9). E o Apóstolo acrescenta: «*De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo*».

Para discernir sem erro o bem do mal, é necessária a luz do verdadeiro conhecimento. [...] Aqueles que lutam devem preservar em todo tempo a calma do pensamento; assim, o espírito poderá discernir as sugestões que o atravessam e depositará no tesouro da memória as que são boas e vêm de Deus, rejeitando as más e diabólicas.

Quando o mar está calmo, os pescadores percebem os movimentos em suas profundezas, de modo que quase nenhum ser lhes escapa; mas, quando se agita pelo vento, oculta nessa turvação aquilo que antes revelava. [...]

Só o Espírito Santo purifica os espíritos, pois, a menos que venha algum mais forte que apanhe o ladrão, o produto do roubo não poderá ser recuperado. Devemos, pois, por todos os meios – e sobretudo pela paz da alma – oferecer em nós morada ao Espírito Santo, para que tenhamos sempre acesa a lâmpada do conhecimento.

Se ela brilhar incessantemente em todos os recantos da alma, todas as insinuações sombrias dos demônios se tornam evidentes e até enfraquecem, apagadas por esta luz santa e gloriosa. É por isso que o apóstolo Paulo nos recomenda: «*Não extingais o Espírito!*» (1Ts 5,19).

DOROTEU DE GAZA

Discípulo de Barsanúfio e João, os grandes anciãos de Gaza, Doroteu nasceu por volta do início do século VI e tornou-se um dos mais notáveis mestres da vida espiritual monástica. Recebeu sólida formação sob a direção desses dois grandes abbas e, depois de anos de aprendizado, fundou o seu próprio mosteiro nas proximidades de Gaza, onde transmitiu a muitos monges a tradição viva dos Padres do Deserto.

As suas **Instruções espirituais** e as **Cartas** — preservadas até hoje e muito difundidas no Oriente cristão — são verdadeiros tratados de pedagogia espiritual. Nelas, Doroteu expõe com clareza e simplicidade o caminho da humildade, da obediência, da vigilância e da paz interior. Sua ênfase recai sobre a vida comunitária, vista como laboratório da caridade e da paciência, onde o monge aprende a carregar os fardos dos irmãos e a discernir os próprios pecados antes de julgar os outros.

Doroteu insiste que a base de toda vida espiritual é a humildade e o conhecimento de si mesmo, unido ao amor sincero a Deus e aos irmãos. A sua obra tornou-se leitura essencial para monges e leigos, sendo incluída na *Filocalia* e inspirando a tradição hesicasta.

Morreu provavelmente por volta de 560, deixando à Igreja um ensinamento de grande atualidade: a verdadeira perfeição consiste na caridade e na humildade, que são a imagem viva de Cristo nos seus discípulos.

11. «Vinde a Mim»

Instruções, I, 8

Que aquele que quer alcançar o verdadeiro descanso do espírito aprenda a ser humilde! Perceba que na humildade se encontra toda a alegria, toda a glória e todo descanso, tal como na soberba se encontra tudo o que lhes é contrário. Com efeito, por que chegamos nós a viver todas as nossas tribulações? Por que caímos em toda esta miséria? Não teria sido por causa da nossa soberba e da nossa loucura? Não teria sido por termos seguido as nossas más inclinações e por nos termos apegado à nossa amarga vontade? Mas por que o fizemos? Não foi o homem criado na plenitude do bem-estar, da alegria, da paz e da glória? Não estava no paraíso? Foi-lhe ordenado: «Não faças isso», mas ele fez. Veem o orgulho, a arrogância, a insubmissão? «O homem é louco», diz Deus ao ver esta insolência, «não sabe ser feliz. Se não tiver de passar por dias difíceis perder-se-á completamente. Se não perceber o que é estar numa aflição nunca saberá o que é a paz». Então Deus deu-lhe o que merecia, expulsando-o do Paraíso. [...]

No entanto, como refiro muitas vezes, a bondade de Deus não abandonou a Sua criatura. Antes, de novo se virou para ela e voltou a chamá-la: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos». Como que dizendo: «Estais fatigados, estais infelizes, experimentastes o mal causado pela vossa desobediência. Vamos, convertei-vos finalmente; vamos, reconhecei a vossa impotência e a vossa vergonha, para regressardes ao vosso repouso e à vossa glória. Vamos, vivei pela humildade, vós que estáveis mortos pelo orgulho». «Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito».

12. «A Lei Nova» / «Não resista ao homem mau»

Instruções, nº 1, 6-8

A Lei diz: «Olho por olho, dente por dente» (Ex 21,24). Mas o Senhor exorta-nos, não somente a recebermos com paciência a bofetada de quem a dá, mas ainda a apresentar-lhe humildemente a outra face (Mt 5, 38-39). A intenção da Lei era ensinar-nos a não fazer o que não queríamos sofrer. Por conseguinte, impedia-nos de fazer o mal pelo medo de sofrer. Mas o que agora é pedido é que rejeitemos o ódio, o amor ao prazer, o amor à glória e as outras más tendências. [...]

Cristo ensina-nos, pelos santos mandamentos, como nos purificarmos das nossas paixões, para que não nos façam recair de novo nos mesmos pecados. Mostra-nos a causa que nos leva ao desprezo e à transgressão dos preceitos de Deus; fornece-nos também o remédio, de modo que possamos obedecer e ser salvos.

Qual é então este remédio e qual é a causa deste desprezo? Escutai o que diz Nosso Senhor: «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito» (Mt 11,29). Eis que, numa só palavra, Ele mostra-nos a raiz e a causa de todos os males, bem como o seu remédio, fonte de todos os bens. Mostra-nos que é o orgulho que nos faz cair, e que é impossível obter misericórdia se não pela disposição contrária, que é a humildade. De fato, o orgulho gera o desprezo e a desobediência que leva à morte, enquanto a humildade leva à obediência e à salvação das almas; refiro-me à verdadeira humildade, não apenas de palavras e de atitudes, mas a uma disposição realmente humilde, no íntimo do coração e do espírito. É por isso que o Senhor diz: «Sou manso e humilde de coração». Aquele que quer encontrar o verdadeiro descanso para a sua alma aprenda, pois, a humildade.

13. «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36)

Instruções, IV, 76; VI, 76-78

Se a nossa caridade fosse acompanhada de compaixão e de piedade, não daríamos tanta atenção aos defeitos do próximo, de acordo com a palavra que diz: «*A caridade cobre uma multidão de pecados*» (1Pe 4,8) e também: «*A caridade não se exaspera com o mal, desculpa tudo*» (1Cor 13,5.7). Por isso, se tivéssemos caridade, essa mesma caridade cobriria toda a falta, e nós seríamos como os santos quando veem os defeitos dos homens.

Será então que os santos são cegos a ponto de não verem os pecados? Mas haverá quem deteste tanto o pecado como os santos? E, contudo, eles não odeiam o pecador, não o julgam, não o evitam. Pelo contrário, compadecem-se dele, exortam-no, consolam-no, tratam-no como a um membro doente; fazem tudo para o salvar. Quando uma mãe tem um filho deficiente, não se afasta dele com horror, mas tem gosto em vesti-lo bem e em tudo fazer para o embelezar. É assim que os santos protegem sempre o pecador e se ocupam dele para o corrigirem no momento oportuno, para o impedirem de prejudicar outrem e, assim, para eles próprios progredirem na caridade de Cristo.

Adquiramos, pois, também nós, a caridade; adquiramos a misericórdia para com o próximo, para nos defendermos da terrível maledicência, do julgamento e do desprezo. Prestemos socorro uns aos outros, como se fossem os nossos próprios membros. «*Porque somos membros uns dos outros*» (Rm 12,5); «*se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele*» (1Cor 12,27). Numa palavra: tende cuidado, cada qual à sua maneira, em permanecer unidos uns aos outros. Porque, quanto mais unidos estamos ao próximo, tanto mais estamos unidos a Deus.

Vou dar-vos uma imagem retirada dos Padres para compreenderdes melhor. Pensai num círculo traçado no chão, isto é, numa linha feita com um compasso a partir de um centro; ao meio do círculo chama-se justamente centro. Imaginai que este círculo é o mundo, que o centro é Deus, e os raios são as diferentes vias ou maneiras de viver dos homens.

Quando os santos, desejando aproximar-se de Deus, se dirigem para o centro do círculo, na medida em que penetram no seu interior, aproximam-se uns dos outros ao mesmo tempo que se aproximam de Deus. Quanto mais se aproximam de Deus, mais se aproximam uns dos outros; e, quanto mais se aproximam uns dos outros, mais se aproximam de Deus.

O mesmo acontece em sentido inverso: quando as pessoas se afastam de Deus e se retiram para o exterior, quanto mais se afastam de Deus, mais se afastam uns dos outros; e, quanto mais se afastam uns dos outros, mais se afastam também de Deus. Tal é a natureza da caridade. Na medida em que estamos no exterior e não amamos a Deus, nessa medida, nos distanciamos do próximo. Mas, se amamos a Deus, quanto mais nos aproximamos d'Ele pela caridade, tanto mais comunicamos a caridade ao próximo; e, quanto mais unidos estamos ao próximo, mais unidos estamos a Deus.

14. «Então verás bem»

Carta 1

Certas pessoas convertem em maus humores todos os alimentos que absorvem, mesmo que sejam alimentos de boa qualidade. A responsabilidade não é dos alimentos, mas do temperamento dessas pessoas, que altera os alimentos. Da mesma maneira, se a nossa alma tiver uma disposição má, tudo lhe fará mal; até as coisas vantajosas serão por ela transformadas em coisas prejudiciais. Não é verdade que, se deitarmos umas ervas

amargas num pote de mel, as ervas alteram o conteúdo do pote, tornando amargo o mel? É isso que nós fazemos: espalhamos azedume e destruímos o bem do próximo, olhando para ele a partir da nossa má disposição.

Outras pessoas têm um temperamento que transforma tudo em bons humores, incluindo os alimentos nocivos. [...] Os porcos têm uma excelente constituição: comem cascas, caroços de tâmaras e lixo, e transformam estes alimentos em viandas suculentas. Também nós, se tivermos bons hábitos e um bom estado de alma, poderemos aproveitar tudo, incluindo aquilo que não é aproveitável. Como diz o Livro dos Provérbios,

> *«Quem olha com doçura obterá misericórdia» (12,13);*

mas também:

> *«Todas as coisas são contrárias ao homem insensato» (14,7).*

Ouvi contar de um irmão que, quando ia visitar outro irmão e encontrava a cela descuidada e desordenada, pensava:

> *«Que feliz é este irmão, que está completamente desprendido das coisas terrenas, elevando totalmente o seu espírito para o alto, de tal maneira que nem tem tempo para arrumar a cela!».*

Quando ia visitar outro irmão e encontrava a cela arrumada e em boa ordem, pensava:

> *«A cela deste irmão está tão arrumada como a sua alma. Tal como a sua alma, assim é a sua cela».*

E não dizia de nenhum deles: «Este é desordenado», ou: «Este é frívolo». Graças ao seu excelente estado de alma, de tudo tirava proveito. Que Deus, na sua bondade, nos dê também um bom estado de alma, para que possamos tudo aproveitar, sem nunca pensarmos mal do próximo. Se a nossa malícia nos inspirar juízos e suspeitas, transformemo-los rapidamente; pois não ver o mal do próximo é, com a ajuda de Deus, uma fonte de bondade.

15. «A caridade cobre a multidão dos pecados» (1Pe 4,8)

Instruções VI, 76-78

Se tivéssemos caridade, acompanhada de compaixão e piedade, não daríamos atenção aos defeitos do próximo, segundo esta palavra:

> *«A caridade cobre a multidão dos pecados» (1Pe 4,8)*

e ainda:

> *«A caridade não se alegra com a injustiça, [...] tudo desculpa» (1Cor 13,6-7).*

Se tivéssemos caridade, ela cobriria todas as nossas faltas, e seríamos como os santos quando veem os defeitos dos homens.

Os santos serão cegos, não vendo os pecados? Mas quem odeia o pecado mais do que os santos? E, no entanto, eles não odeiam o pecador, não o julgam, não o evitam. Pelo contrário, têm compaixão dele, exortam-no, consolam-no, cuidam dele como de um membro doente; tudo fazem para o salvar. Quando uma mãe tem um filho deformado, não se afasta dele com horror, mas tem prazer em o adornar e tudo faz para o tornar gracioso. Também os santos protegem o pecador, preparando-o e tomando-o a seu cargo para o corrigirem no momento oportuno, impedindo-o de prejudicar os outros e fazendo-o progredir na caridade de Cristo.

Adquiramos, pois, também nós, a caridade; tenhamos misericórdia com o próximo, para nos guardarmos da terrível maledicência, dos juízos e do desprezo. Ajudemo-nos uns aos outros, como aos nossos próprios membros, porque «somos membros que pertencem uns aos outros», diz o Apóstolo (Rm 12,5); se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele (cf 1Co 12,27). Em suma, cuidemos, cada um segundo o seu poder, de estar

unidos uns aos outros. Pois quanto mais unidos estivermos ao próximo, mais unidos estaremos a Deus

.

Isaac o Sírio

Isaac nasceu na região do atual Qatar, em torno do início do século VII, e desde cedo abraçou a vida monástica. Tornou-se monge na Igreja do Oriente e, pela fama de sua santidade, foi consagrado bispo de Nínive. No entanto, após apenas alguns meses no episcopado, renunciou, sentindo-se chamado de modo absoluto à solidão e à oração. Retirou-se então ao deserto da Pérsia, onde viveu até o fim dos seus dias entregue ao jejum, à vigília e à contemplação.

Suas **Homilias ascéticas e espirituais** exerceram enorme influência em todo o Oriente cristão. Traduzidas rapidamente para o grego, o siríaco e o árabe, elas entraram no corpus da *Filocalia* e se tornaram leitura fundamental para monges e hesicastas. Isaac é mestre incomparável da compaixão e da misericórdia divinas: "O coração misericordioso é um coração em chamas por toda a criação, pelos homens, pelos pássaros, pelos animais, até pelos demônios, e por toda criatura". Para ele, a ascese não é um fim em si mesma, mas caminho de amor e de compaixão universal, sinal da plenitude da vida em Cristo.

A doutrina de Isaac sublinha a primazia da humildade, das lágrimas de arrependimento e da oração interior. Ele descreve com profundidade os estados da vida espiritual: a luta contra as paixões, a pureza do coração, a oração pura e o arrebatamento místico na luz divina. Sua mensagem, centrada na bondade infinita de Deus e na esperança da salvação, atravessou fronteiras e séculos, inspirando tanto monges orientais quanto mestres espirituais ocidentais.

Isaac o Sírio morreu por volta de 700, deixando à Igreja um patrimônio espiritual de ternura e de fogo ascético, que continua a guiar todos os que buscam a misericórdia de Deus e a união plena com Ele.

Parte I – Humildade e fundamento ascético

16. «Vim trazer um fogo à terra» (Lc 12,49)

Discursos Ascéticos, 1ª série, nº 2

Violenta-te (cf. Mt 11,12), esforça-te por imitar a humildade de Cristo, a fim de que se inflame cada vez mais o fogo que Ele lançou sobre ti, esse fogo pelo qual são consumidos todos os apelos deste mundo que destroem o homem novo e desonram as moradas do Senhor santo e poderoso. Pois afirmo com São Paulo: «Nós somos templos de Deus» (2Cor 6,16).

Purifiquemos, portanto, o templo, «como Ele mesmo é puro» (1Jo 3,3), a fim de que deseje aí permanecer; santifiquemo-lo, como Ele é santo (1Pe 1,16); ornemo-lo de todas as boas obras. Enchamos o templo com o descanso da sua vontade, como com um perfume, pela oração pura – a oração do coração –, que não pode ser adquirida por quem se entrega aos apelos contínuos do mundo.

Assim, a nuvem da sua glória cobrirá a tua alma, e a luz da sua grandeza brilhará em teu coração (cf. Rm 8,10). Todos os que habitam na casa de Deus se alegrarão e regozijarão. Mas os insolentes e os ignóbeis desaparecerão diante da chama do Espírito Santo.

17. «Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 50,12)

Discursos Espirituais, 1ª série

Está dito que só a ajuda de Deus salva. Quando um homem sabe que não há outro socorro, reza muito. E, quanto mais reza, mais o seu coração se torna humilde, porque não se pode rezar e pedir sem ser humilde: «Não desprezarás, ó Deus, um coração oprimido e humilhado» (Sl 50,19).

Enquanto o coração não se torna humilde, é-lhe impossível escapar à dispersão; mas a humildade concentra o coração em si mesmo. Quando o homem se torna humilde, imediatamente a compaixão o envolve, e o seu coração sente o socorro divino. Então descobre nele uma força: a força da confiança.

Quando o homem percebe que Deus está ali e vem em sua ajuda, o coração enche-se de fé e compreende que a oração é refúgio do socorro, fonte da salvação, tesouro da confiança, porto seguro na tempestade, luz para os que estão nas trevas, amparo dos fracos, abrigo no tempo da provação, ajuda no auge da doença, escudo nos combates, flecha contra o inimigo. Numa palavra: pela oração, abundância de bens entra na alma. Doravante encontra delícia na oração da fé, e seu coração irradia confiança.

18. «Quem se humilhar será exaltado» (Lc 14,11)

Discursos Ascéticos, 1ª série, nº 20 e 34

Aquele que reconhece os seus pecados é maior do que aquele que ressuscita mortos pela oração. Quem geme uma hora pela sua alma é maior do que aquele que abraça o mundo inteiro

em contemplação. E aquele a quem foi dado conhecer a verdade sobre si mesmo é maior do que aquele que contempla os anjos.

Há, porém, uma humildade que nasce do temor de Deus e outra que vem da alegria de Deus. Um homem é humilde porque teme o Senhor; outro, porque experimenta a alegria do Espírito. O primeiro, humilhado pelo temor, recebe equilíbrio nos sentidos, sobriedade e disciplina no coração. O segundo, humilhado pela alegria, recebe simplicidade de espírito e um coração dilatado que nada pode prender.

A providência divina tudo dispôs para nos conduzir à humildade. Se alguém se orgulha das graças recebidas, a própria providência o abandona, e ele cai. Lembra-te: não é por ti, nem por tua virtude, que resistes às más tendências, mas pela graça que te sustenta. Geme, chora, lembra-te dos teus pecados no tempo da provação, para seres libertado do orgulho e alcançares a humildade. Mas não desesperes: pede humildemente a Deus o perdão de tuas faltas.

A humildade, pelas obras, apaga muitos pecados; sem ela, nenhuma obra aproveita, chegando mesmo a atrair males sobre nós. A humildade está para a virtude como o sal para o alimento: preserva, dá sabor e sustenta. Quem a possui obtém perdão, mesmo das maiores injustiças.

Não pense alguém ter alcançado a medida da humildade apenas porque sentiu compunção ou derramou lágrimas. A humildade perfeita é graça que só os santos recebem, como força secreta dada pelo Espírito. É a mesma força que receberam os Apóstolos sob a forma de fogo, quando o Senhor lhes ordenou permanecer em Jerusalém até serem revestidos do poder do alto (cf. At 1,4; 2,3).

Bem-aventurado aquele em quem «o Espírito dá testemunho ao seu espírito» (Rm 8,16) de que essa graça habita nele. Tal homem repousa continuamente no seio de Jesus (cf. Jo

13,25), porque em todo o tempo vive da força da verdadeira humildade.

19. «O meu servidor não quebrará a cana fendida, não apagará a mecha que fumega... As nações colocarão a sua esperança no Seu nome»

Discursos ascéticos, 1ª série, nº 20

Quero abrir a boca, irmãos, para vos falar do altíssimo assunto da humildade. E estou cheio de temor, como quem sabe que deve falar de Deus com a língua dos seus próprios pensamentos. Porque a humildade é a roupagem da Divindade. Fazendo-se homem, o Verbo revestiu-se de humildade. Através dela, viveu conosco dentro de um corpo. E todo o que vive na humildade torna-se verdadeiramente semelhante Àquele que desceu das alturas e cobriu a sua grandeza e a sua glória com as vestes da humildade, para que, ao vê-lo, a criação não fosse consumida. Porque a criação não teria podido contemplá-lo se Ele não tivesse tomado sobre si a humildade e não tivesse, assim, vivido com ela. Não teria havido face a face com Ele. A criação não teria ouvido as palavras da sua boca...

Por isso, quando a criação vê um homem revestido da semelhança do seu Mestre, ela o venera e honra, tal como o fez ao Mestre, que viu viver revestido de humildade. Com efeito, que criatura não se deixa enternecer diante do humilde? Contudo, enquanto a glória da humildade não se tinha revelado a todos em Cristo, desdenhava-se desta visão tão cheia de santidade. Mas agora a sua grandeza elevou-se aos olhos do mundo. Foi concedido à criação receber, na mediação do homem humilde, a visão do seu Criador. Por isso, o humilde não é desprezado por ninguém, nem sequer pelos inimigos da verdade. Aquele que

aprendeu a humildade é venerado por causa dela, como se tivesse sobre si uma coroa e vestes de púrpura.

20. «Orar sempre, sem desfalecer» (cf. Lc 18,1)

Discursos Ascéticos, 1ª série, §21

Feliz o homem que conhece a própria fraqueza. Porque esse conhecimento é nele o fundamento, a raiz, o princípio de toda a bondade. Quando um homem se sente desprovido de socorro divino, reza muito. E, quanto mais reza, mais o seu coração se torna humilde.

Tendo compreendido realmente isto, guarda a oração na sua alma como um tesouro. E, sendo a sua alegria tão grande, faz da oração uma ação de graças. Assim, guiado por este conhecimento e admirando a graça de Deus, eleva a voz para louvá-l'O e glorificá-l'O, exprimindo a sua gratidão nos píncaros do seu maravilhamento.

Aquele que conseguiu, verdadeiramente e não em imaginação, alcançar tais sinais e conhecer tal experiência, sabe do que estou a falar e que nada pode impedir essa atitude. De então em diante, deverá deixar de desejar coisas vãs, antes perseverar em Deus através da oração contínua, no temor de ser privado da abundância do socorro divino.

Todos estes bens são dados ao homem quando este reconhece a sua fraqueza. No seu grande anseio pelo socorro divino, aproxima-se de Deus, permanecendo em oração. E, quanto mais se aproxima de Deus com esta determinação, mais Deus o aproxima dos Seus dons e não lhe retira a Sua graça, devido à sua grande humildade.

Pois tal homem é como a viúva que não cessa de pedir ao juiz que lhe faça justiça contra o seu adversário (cf. Lc 18,3). Deus compassivo retém as Suas graças para que essa reserva incite o

homem, que tanta precisão tem d'Ele, a aproximar-se d'Ele e a permanecer junto d'Aquele que é a fonte do seu bem.

21. «Herodes procurava ver Jesus»

Discursos espirituais, 1ª série, nº 20

Como podiam os seres criados contemplar a Deus? A visão de Deus é tão terrível que o próprio Moisés afirma que teme e treme. Com efeito, quando a glória de Deus apareceu no monte Sinai (Ex 20), a montanha fumegava e tremia de medo sob o efeito da revelação; e os animais que se aproximavam das suas encostas morriam. Os filhos de Israel prepararam-se: obedecendo à ordem de Moisés, purificaram-se durante três dias a fim de serem dignos de ouvir a voz de Deus e de ver a Sua revelação. Ora, quando chegou o momento, não conseguiram assumir a visão da Sua luz nem receber a força da Sua voz de trovão.

Mas, agora que Ele espalhou a Sua graça pelo mundo com a Sua vinda, não foi através de um tremor de terra, nem através do fogo, nem anunciando-Se com uma voz tonitruante que apareceu, mas antes como o orvalho sobre o velo (Jz 6,37), como uma gota que cai docemente no solo. Foi sob outra forma que Ele veio até nós. Com efeito, cobriu a Sua grandeza com o véu da carne e fez desta um tesouro; viveu entre nós nessa carne que a Sua vontade havia formado no seio da Virgem Maria, a Mãe de Deus, para que, ao vê-Lo semelhante a nós e a viver entre nós, não ficássemos atormentados pelo medo ao contemplá-Lo. Foi por isso que aqueles que se cobriram com as vestes nas quais o Criador apareceu, com esse corpo de que Ele se revestiu, se revestiram do próprio Cristo (Gl 3,27). Porque desejaram ter no seu homem interior (Ef 3,16) a mesma humildade com que Cristo Se revelou na Sua criação e nela viveu, como Se revela agora aos Seus servos. Em lugar das vestes de honra e glórias exteriores, eles adornaram-se com essa humildade.

22. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigênito»

Capítulos sobre o conhecimento, IV, 77-78

O homem que se inflama por causa da verdade ainda não conheceu a verdade tal como ela é. Quando a conhecer verdadeiramente, deixará de se inflamar por causa dela. O dom de Deus e o conhecimento adquirido com esse dom nunca são motivos para nos perturbarmos ou elevarmos a voz, pois o lugar onde o Espírito mora com amor e humildade é um lugar onde só reina a paz. [...]

Se o zelo fosse útil para a correção dos homens porque Se teria Deus revestido dum corpo e empregado a suavidade e modos humildes para converter o mundo a Seu Pai? E por que Se teria Ele deixado pregar na cruz pelos pecadores e por que teria entregado o Seu santíssimo corpo ao sofrimento em favor do mundo? Digo que Deus o fez por uma única razão: dar a conhecer ao mundo o Seu amor, para que a nossa capacidade de amar, aumentada por tal constatação, se fizesse cativa de amor por Ele. Assim, o poder eminente do Reino dos Céus, que consiste no amor, encontrou modo de Se exprimir na morte de Seu Filho, [...] para que o mundo sinta o amor de Deus pela Sua Criação. Se esse gesto admirável tivesse como única razão de ser a remissão dos nossos pecados, teria sido suficiente outro modo de a realizar; pois quem a teria recusado se Ele tivesse morrido duma morte simples, sem mais? Mas Ele não quis uma morte simples, para que tu pudesses compreender qual é o mistério. [...]

Para que foram necessários os insultos e os escarros? [...] Oh sabedoria vivificante! Compreendeste agora e sentiste qual a razão da vinda de Nosso Senhor e tudo o que se lhe seguiu, antes mesmo de a Sua santa boca no-lo explicar claramente na Sua Pessoa. Com efeito está escrito:

> *«Tanto «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigênito»*

23. «Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele.»

Discursos ascéticos, 1.ª série, § 19

Tu, que és o mais pequeno dos homens, queres encontrar a vida? Preserva em ti a fé e a humildade, e encontrarás nelas a compaixão, a ajuda, as palavras que Deus te dirá no coração, mas também Aquele que te guarda e que permanece secreta e visivelmente junto de ti. Queres descobrir aquilo que te dará a vida? Percorre a via da simplicidade. Não pretendas conhecer coisa alguma diante de Deus. A fé é uma consequência da simplicidade; mas a presunção, que afasta a alma de Deus, é uma consequência da sutileza do conhecimento e dos meandros do pensamento. Quando te apresentares diante de Deus pela oração, sê pequenino na tua mente, como uma formiga, [...] como uma criança que balbucia. [...] Aproxima-te de Deus com um coração de criança. Apresenta-te diante dele para receberes aquela solicitude com que os pais velam sobre os filhos pequenos, pois «o Senhor guarda os pequeninos». Quem se faz como uma criança pequena pode aproximar-se de uma serpente que esta não lhe fará mal. [...] Na sua inocência, o corpo daquele que é como uma criança foi coberto por uma veste invisível pela Providência oculta, que guarda os seus membros frágeis, para que nada possa atingi-lo.

24. «[O meu servo] não quebrará a cana já fendida, nem apagará a torcida que ainda

fumega [...]; e as nações colocarão a esperança no seu nome»

Discursos ascéticos, 1.ª série, n.º 20

Quero abrir a boca, irmãos, para vos falar do altíssimo assunto da humildade. E estou cheio de temor, como quem sabe que vai falar de Deus com a língua dos seus próprios pensamentos. Porque a humildade é a roupagem da divindade. Fazendo-Se homem, o Verbo revestiu-Se de humildade. Por ela, viveu conosco dentro de um corpo. E todo o que vive na humildade torna-se verdadeiramente semelhante Àquele que desceu das alturas e cobriu a sua grandeza e a sua glória com as vestes da humildade, para que, ao vê-l'O, a criação não fosse consumida. Porque a criação não teria podido contemplá-l'O se Ele não tivesse tomado sobre Si a humildade e não tivesse vivido com ela: não teria sido possível olhá-l'O face a face; a criação não teria ouvido as palavras da sua boca. [...]

Por isso, quando a criação vê um homem revestido da semelhança do seu Mestre, venera-o e honra-o, tal como o fez ao Mestre, que viu viver revestido de humildade. Com efeito, que criatura não se deixa enternecer diante do humilde? Contudo, enquanto a glória da humildade não se tinha revelado a todos em Cristo, desdenhava-se desta visão tão cheia de santidade. Mas agora a sua grandeza elevou-se aos olhos do mundo. Foi concedido à criação receber, pela mediação do homem humilde, a visão do seu Criador. Por isso, o humilde não é desprezado por ninguém, nem sequer pelos inimigos da verdade. Aquele que aprendeu a humildade é venerado por causa dela, como se tivesse sobre si uma coroa e vestes de púrpura.

25. «Dizei: "somos inúteis servos"»

Discursos, 1.ª série, n.º 5

O Senhor põe os seus olhos nos humildes, para que estes se alegrem. Mas aos orgulhosos o Senhor volta a face, para os humilhar. O humilde recebe sempre a compaixão de Deus. [...] Faz-te pequeno em tudo diante dos homens, e serás elevado acima dos príncipes deste mundo. Antecipa-te a todos os seres, beija-os, rebaixa-te diante deles, e serás mais honrado que aqueles que oferecem ouro às mãos largas. Desce abaixo de ti próprio, e verás a glória de Deus em ti. Porque onde germina a humildade, aí brota a glória de Deus. [...] Se tiveres humildade no teu coração, Deus revelará nele a sua glória. [...]

Não ames as honrarias, e não serás desonrado. A honra foge diante daquele que corre atrás dela. Mas a honra persegue aquele que dela foge, e proclama a todos os homens a sua humildade. Se te desprezares a ti próprio, para não seres objeto de honras, será Deus quem te honrará. Se te repreenderes a ti próprio por amor da verdade, Deus permitirá que sejas louvado diante de todas as suas criaturas. Elas abrirão diante de ti a porta da glória do teu Criador, e louvar-te-ão. Porque, em verdade, tu és à sua imagem e semelhança (Gn 1,26).

26. «O Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17,21)

Discursos Ascéticos, 1.ª série, n.º 30

A ação de graças, a gratidão daquele que recebe, incita aquele que dá a dar sempre mais. Mas quem não dá graças pelas coisas pequenas será necessariamente ingrato e mentiroso também nas grandes. Aquele que está doente e conhece a sua

doença pode pedir a cura; aquele que reconhece o seu mal já está perto da sua cura e facilmente a encontrará.

Lembra-te de como caíram aqueles que pensavam ser fortes e sê humilde na virtude. Afasta-te de ti mesmo e o inimigo afastar-se-á de ti. Tranquiliza-te e céu e terra encher-te-ão de paz. Esforça-te por entrar no tesouro do teu coração, e ali encontrarás o tesouro do céu; pois são o mesmo. Entrando em um, contemplarás os dois. A escada deste Reino está dentro de ti, escondida na tua alma. Mergulha em ti mesmo para descobrires o teu pecado; aí encontrarás os degraus pelos quais poderás elevar-te.

Os demônios temem aquele que busca a Deus de todo o coração, mas Deus e os anjos desejam-no. O lugar espiritual de um homem assim puro de alma está dentro dele: o sol que nele brilha é a luz da Santíssima Trindade; o ar que seus pensamentos respiram é o Espírito Santo Consolador; e a sua vida, a sua alegria, o seu júbilo, são Cristo, luz da luz do Pai.

É Jerusalém interior. É o Reino de Deus guardado em nós, segundo a palavra do Senhor. Esse país é a nuvem da glória divina, onde só os corações puros entrarão, para contemplar a face do Mestre (cf. Mt 5,8). Ali, o entendimento será iluminado pelos raios da sua luz, e a alma rejubilará sem cessar na contemplação de sua beleza, mais luminosa que o próprio firmamento.

Parte II: Conversão e compunção

27. «Mantenham as lâmpadas acesas»

Discursos Ascéticos

A oração que se oferece durante a noite tem um grande poder, mais do que a que se oferece durante o dia. É por isso que todos os santos tiveram o hábito de rezar de noite, combatendo a

moleza do corpo e a doçura do sono e ultrapassando a sua própria natureza corporal. Também o profeta dizia: "Estou cansado de tanto gemer; todas as noites banho o meu leito com as minhas lágrimas" (Sl 6,7), enquanto suspirava no fundo de si mesmo numa oração apaixonada. E, noutro passo: "Levanto-me a meio da noite para te louvar por causa das tuas sentenças, tu que és o Justo" (Sl 118,62). Para cada um dos pedidos que os santos queriam dirigir a Deus com todas as suas forças, eles armavam-se com a oração noturna e imediatamente recebiam o que pediam.

O próprio Satanás nada receia tanto como a oração que se oferece durante as vigílias. Mesmo se são acompanhadas de distrações, não ficam sem fruto, a menos que se peça o que não convém. É por isso que ele trava sérios combates contra os que velam, a fim de os afastar quanto possível dessa prática, sobretudo se se mostram perseverantes. Mas os que se fortaleceram um pouco que seja contra as suas manhas perniciosas e saborearam os dons que Deus concede durante as vigílias e experimentaram pessoalmente a grandeza da ajuda que Deus lhes dá, desprezam-no completamente, a ele e a todos os seus estratagemas.

28. «A ovelha perdida»

Discursos ascéticos, 1ª série, nº 2

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, não tenho um coração que empreenda partir à tua procura, nem arrependimento, nem ternura, nada daquilo que devolve aos filhos a sua herança. Mestre, não tenho lágrimas para te implorar. Tenho o espírito obscurecido pelas coisas desta vida, sem forças para tender para Ti na sua dor. O meu coração permanece frio nas provas, sem que as lágrimas do amor por Ti consigam aquecê-lo. Mas Tu, Senhor Jesus Cristo, meu Deus, tesouro dos bens, dá-me um arrependimento total e um coração dorido, a fim de que parta à tua procura com toda a minha alma, pois sem Ti ficarei privado de todo o bem; ó bom Deus, dá-me a tua graça. Que o Pai, que,

fora do tempo, na eternidade, Te gerou no seu seio, renove em mim as formas da tua imagem.

Eu abandonei-Te, não me abandones Tu. Saí de Ti; vem Tu à minha procura. Conduz-me às tuas pastagens; conta-me entre as ovelhas do teu rebanho eleito. Como a elas, alimenta-me com a erva verde dos teus mistérios divinos, cuja morada é um coração puro, esse coração que transporta em si o esplendor das tuas revelações, a consolação e a doçura daqueles que se esforçaram por Ti nos tormentos e nos ultrajes. Possamos ser dignos de tal esplendor, pela tua graça e o teu amor pelo homem, Tu, que és o nosso Salvador, Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém.

29. «Chorar com Cristo»

Discursos ascéticos, 1.ª série, n.º 60

Não desprezes o pecador, porque todos somos culpados. Se, por amor de Deus, pensas insurgir-te contra ele, chora antes por ele. Por que o desprezas? Despreza apenas os seus pecados, e reza por ele, para imitares Cristo, que não Se irritou contra os pecadores, mas rezou por todos (cf. Lc 23,34).

Não vês como Ele chorou sobre Jerusalém? Também nós, mais de uma vez, fomos joguetes do demônio. Por que desprezar, então, aquele que, como nós, caiu nas ciladas do inimigo que troça de todos? Por que, ó homem, desprezar o pecador? Será por não ser justo como tu? Mas onde está a tua justiça, se não tens amor?

Por que não choraste por ele? Pelo contrário, perseguiste-o. É por ignorância que alguns se irritam contra os pecadores, pensando ter discernimento para julgar as suas obras.

30. «Jesus começou então a censurar as cidades onde tinha realizado a maior parte dos Seus milagres, por não se terem convertido»

Discursos espirituais, 1.ª série, n.º 72 (trad. Tourailles, DDB 1981, p. 365

Como uma graça atrás de outra graça, o arrependimento foi dado aos homens depois do batismo. O arrependimento é, com efeito, um segundo nascimento, que vem de Deus. O que recebemos em fiança pelo nosso batismo, recebemo-lo como dom pleno pelo arrependimento. O arrependimento é a porta da compaixão, que se abre aos que a procuram. Por esta porta, entramos na compaixão divina; fora dela não encontramos a compaixão. «Porque todos pecaram, diz a Sagrada Escritura, e todos são justificados gratuitamente pela graça» (Rm 3, 23-24). O arrependimento é a segunda graça. Ela nasce da fé e do temor no coração. O temor é o bordão paternal, que nos dirige para o paraíso espiritual. Uma vez aí chegados, deixa-nos e desaparece.

31. «Ai de vós, doutores da Lei, porque carregais os homens com fardos insuportáveis»

Discursos espirituais, 1ª série, nº 72 (a partir da trad. Tourailles, DDB 1981, p. 365)

Não alimentes o ódio contra o pecador, porque todos somos culpados. Se, por amor a Deus, tiveres contra ele motivo de censura, lamenta-o. Por que lhe terias tu ódio? É o seu pecado que devemos odiar, e rezar por ele, se quiseres ser como Cristo, que, longe de Se indignar contra os pecadores, rezava por eles: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). [...] Qual seria então a razão para odiares o pecador, tu que não passas de um

homem? Seria por ele não estar à altura da tua virtude? Mas onde está a tua virtude se te falta a caridade?

32. «Encheu-Se de piedade para com eles» (Mt 14,14)

Discursos ascéticos, 1.ª série, n.º 60

Não chames a Deus simplesmente justo, pois não é em relação ao que tu fazes que Ele manifesta a sua justiça. Se Daví Lhe chama justo e reto (cf. Sl 32,5), o Filho revelou-nos que Ele é, sobretudo, bom e manso: «É bom até para os ingratos e os maus» (Lc 6,35). Onde está, então, a justiça de Deus? Não será em que «quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós» (Rm 5,8)?

E se Deus Se mostra compassivo aqui na terra, acreditemos que Ele o é desde toda a eternidade. Longe de nós esse pensamento injusto de que Deus não Se compadece! O próprio ser de Deus não muda como mudam os seres mortais; nada Lhe falta e nada se Lhe acrescenta, como acontece às criaturas. A compaixão que Ele tem desde o princípio terá para sempre, por toda a eternidade.

Como ensina o bem-aventurado Cirilo, no seu comentário ao Gênesis, venera a Deus por amor e não por causa desse duro nome de justiça que Lhe impuseram. Ama-O como Ele deve ser amado: não pela recompensa que Ele te dará, mas pelo que já recebeste, por este mundo que Ele criou para te oferecer. Que poderíamos nós dar-Lhe em troca do que Ele fez por nós? Que obra Lhe poderíamos oferecer? No início, quem O persuadiu a criar-nos? E quem intercedeu por nós, quando ainda não O reconhecíamos?

Quão admirável é a compaixão de Deus! Que maravilhosa é a graça do nosso Criador, tão poderosa que tudo suporta! Que

bondade incomensurável, pela qual Ele investe a nossa natureza pecadora para recriá-la! Quem poderá cantar dignamente a sua glória? Ele perdoa quem O ofende e blasfema, renova esta poeira sem vida e faz do nosso espírito disperso e dos nossos sentidos extraviados uma natureza dotada de razão e capaz de pensar.

O pecador não pode compreender a graça da ressurreição. O que é a geena diante da ressurreição, quando Ele nos erguer da condenação e conceder a este corpo corruptível a graça de se revestir de incorruptibilidade (cf. 1Cor 15,53)?

Vós que tendes discernimento, vinde e admirai: contemplai a graça do nosso Criador como ela merece ser louvada. Esta graça é a verdadeira retribuição dada aos pecadores: em vez do castigo que justamente mereciam, Ele lhes concede a ressurreição, revestindo os corpos profanados da sua Lei com a glória da incorruptibilidade. Esta graça — a ressurreição depois do pecado — é ainda maior do que a primeira, quando nos criou a partir do nada.

Glória à tua graça incomensurável, Senhor! Perante as vagas do teu amor, só me resta o silêncio, pois não encontro palavras para expressar a gratidão que Te devo.

33. «Sofro terrivelmente nesta fornalha»

Discurso, 1ª Série, nº 84

Quanto a mim, penso que aqueles que são atormentados no inferno o são pelos golpes do amor. Pois não há coisa mais amarga e mais violenta que os tormentos do amor! Os que sentem que pecaram contra o amor carregam consigo uma condenação bem maior que as mais temidas punições. O sofrimento inscrito no coração pelo pecado contra o amor é mais dilacerante que qualquer outro tormento.

É completamente absurdo pensar que os pecadores do inferno estão privados do amor de Deus. O amor é filho do conhecimento da verdade, que é dado na sua totalidade. Pelo seu próprio poder, o amor age de duas maneiras: atormenta os pecadores, como acontece aqui na terra um amigo atormentar outro amigo; e regozija-se com os que fazem o que devem fazer. Em minha opinião, o tormento do inferno é o remorso. Mas as almas dos que estão no alto estão na embriaguez do deleite.

34. «Então o diabo deixou-O.»

Discursos ascéticos, 1.ª série, n.º 85

Tal como os olhos sãos desejam a luz, assim o jejum efetuado com discernimento suscita o desejo da oração. Quando um homem começa a jejuar, deseja comunicar com Deus nos pensamentos do seu espírito. Com efeito, o corpo que jejua não suporta dormir toda a noite no seu leito. Quando o jejum sela a boca do homem, este medita em estado de contrição, o seu coração reza, o seu rosto está sério, os maus pensamentos deixam-no; é inimigo das cobiças e das conversas vãs. Nunca se viu um homem jejuar com discernimento e ser assaltado por maus desejos. O jejum feito com discernimento é uma grande morada, que alberga muitos bens. [...]

Porque o jejum é a ordem que foi dada no início à nossa natureza: não comer o fruto da árvore (Gn 2,17), da qual vem aquilo que nos engana. [...] Foi também por aí que o Salvador começou, quando Se revelou ao mundo no Jordão. Com efeito, depois do batismo, o Espírito levou-O ao deserto, onde Ele jejuou quarenta dias e quarenta noites.

E agora, todos os que O seguem fazem o mesmo: é sobre este fundamento que assentam o início do seu combate, pois esta arma foi forjada por Deus. [...] E quando o diabo vê essa arma na mão de um homem, este adversário e tirano tem medo: pensa

imediatamente na derrota que o Salvador lhe infligiu no deserto e, recordando-se dela, a sua força é quebrada. Pois o diabo consome-se assim que vê a arma que nos deu Aquele que nos conduz ao combate. E que arma poderia ser mais poderosa e reanimar tanto o coração na sua luta contra os espíritos do mal?

35. «De madrugada, ainda escuro, levantou-Se e saiu; foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração» (Mc 1,35)

Discursos ascéticos (trad. Deseille, *La Fournaise de Babylone*, Éds. Présence, 1974, p. 88)

Nada torna a alma tão pura e feliz, nem a ilumina e afasta dela os maus pensamentos, como as vigílias. Por isso, todos os nossos padres perseveraram neste labor das vigílias e adotaram como regra permanecer acordados de noite durante todo o curso da sua vida ascética. Fizeram-no especialmente porque compreenderam os insistentes convites do nosso Salvador, que nos exorta em diversos lugares pela sua Palavra viva: «Velai, orando continuamente» (Lc 21,36); «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação» (Mt 26,41); e ainda: «Orai sem cessar» (1Ts 5,17).

E não Se contentou em advertir-nos apenas por palavras: deu-nos também o exemplo em sua própria vida, honrando a oração acima de todas as coisas. Por isso, retirava-Se constantemente para rezar, e não de qualquer modo, mas escolhendo por tempo a noite e por lugar a solidão do deserto, a fim de que também nós, fugindo das multidões e do tumulto, nos tornemos capazes de orar na quietude.

Assim, os nossos padres receberam este elevado ensinamento a respeito da oração como se viesse do próprio Cristo. Escolheram vigiar na oração segundo a ordem do Apóstolo Paulo, sobretudo para permanecerem sem interrupção na

proximidade de Deus pela oração contínua. [...] Nada que venha do exterior os atinge, nada altera a pureza do intelecto; e essas vigílias, que os enchem de alegria, tornam-se luz da alma.

36. «Nesta mesma noite virão pedir-te a vida» (Lc 12,20)

Discursos ascéticos, 1.ª série, n.º 38

Senhor, torna-me digno de desprezar a minha vida pela vida que se encontra em Ti.

A vida neste mundo assemelha-se à daqueles que, servindo-se das letras, formam palavras, acrescentando, retirando ou mudando-as ao seu bel-prazer. Mas a vida do mundo futuro é semelhante ao que está escrito sem o menor erro nos livros selados com o selo real, onde nada falta e nada há a acrescentar.

Portanto, enquanto estivermos no seio da mudança, estejamos atentos a nós próprios. Enquanto tivermos poder sobre o manuscrito da nossa vida — sobre aquilo que escrevemos com as nossas próprias mãos —, esforcemo-nos por acrescentar-lhe o bem que fazemos e apagar os erros da nossa conduta anterior. Enquanto permanecermos neste mundo, Deus não coloca o seu selo, nem sobre o bem nem sobre o mal; fá-lo-á apenas na hora do nosso êxodo, quando a obra estiver concluída, no momento da partida.

Como disse Santo Efrém, a nossa alma é como um navio preparado para a viagem, mas que não sabe quando virá o vento; ou como um exército, que não sabe quando soará a trombeta a anunciar o combate. Se isto se diz do navio e do exército, que esperam algo incerto, quanto mais devemos nós preparar-nos, com antecedência, para o dia que virá de repente, quando será lançada a ponte e aberta a porta do mundo novo!

Cristo, o Mediador da nossa vida, conceda-nos estar preparados.

37. «Aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas aquele que perder a sua vida por mim e pelo Evangelho salvá-la-á»

Discursos Ascéticos, 1ª série, nº 4

O caminho de Deus é uma cruz quotidiana. Nunca ninguém chegou ao céu confortavelmente. Sabemos aonde nos leva essa via do conforto. Deus nunca deixa sem inquietação quem se consagra a Ele de todo o coração; concede-lhe a inquietação da verdade. É aliás nisso que se percebe que Deus guarda um tal homem: conduz-lo através de aflições.

A Providência nunca deixa cair na mão dos demônios aqueles que passam a vida em provação. Sobretudo se beijam os pés dos seus irmãos, se ocultam as suas faltas (1Pd 4,8) e as escondem como se fossem as suas próprias faltas. Aquele que quer estar no mundo sem inquietação, aquele que tem esse desejo e que, ao mesmo tempo, procura trilhar o caminho da virtude, esse saiu do caminho. É que os justos, não só lutam com toda a vontade para cumprir as boas obras, mas lutam também contra si nas tentações; assim se comprova a sua paciência.

Parte IV: Oração e contemplação

38. «Por que duvidaste?»

Discursos ascéticos, Iª série, nº 62 (a partir da trad. DDB 1981, p. 332 rev.)

Àquele cujo coração está fundado na esperança da fé não falta coisa alguma. Embora nada tenha, tudo possui pela fé, como está escrito:

> *«Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, recebê-lo-eis»*

e

> *«O Senhor está perto. Não vos inquieteis por coisa alguma» (Mt 21, 22; Fil 4, 5-6)*

O intelecto está sempre à procura de meios que lhe permitam reter aquilo que adquiriu; mas a fé diz que,

> *«se não for o Senhor a edificar a casa, em vão trabalham os construtores» (Sl 126, 1).*

Aquele que reza na fé nunca vive apenas do conhecimento intelectual. Esse saber faz o elogio do temor. O sábio disse: «Feliz aquele que teme no seu coração». Mas o que diz a fé? Que, quando teve medo, Pedro começou a afundar-se. E ainda: «Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de novo no temor; recebestes, pelo contrário, um espírito de adoção» (Rm 8, 15), que nos dá a liberdade da fé e da esperança em Deus.

A dúvida segue-se sempre ao medo [...]; o medo e a dúvida manifestam-se sempre na busca das causas e no exame dos fatos, porque o intelecto nunca alcança a paz. A alma está muitas vezes sujeita aos imprevistos, às dificuldades, às numerosas armadilhas que a fazem perigar, mas nem o intelecto nem as diferentes

formas de sabedoria podem ajudá-la. Pelo contrário, a fé nunca se deixa vencer por nenhuma destas dificuldades. [...] Vês a fraqueza do conhecimento e o poder da fé? [...] A fé diz: «Tudo é possível a quem crê» (Mc 9, 23), «pois a Deus tudo é possível» (Mc 10, 27). Ó riqueza inefável! Ó mar que nas suas vagas transporta semelhante riqueza, tesouros maravilhosos que dele transbordam pelo poder da fé!

39. «Eu creio! Ajuda a minha pouca fé»

Discursos ascéticos (1ª série)

A fé é a porta dos mistérios. O que os olhos do corpo são para as coisas sensíveis, é a fé para os olhos escondidos da alma. Tal como temos dois olhos do corpo, também temos dois olhos espirituais da alma, dizem os Padres da Igreja, e cada um deles tem a sua visão própria. Com um deles, vemos os segredos da glória de Deus, escondida nos seres da sua criação, isto é, o seu poder, a sua sabedoria e a sua providência eterna, que nos rodeia e de que nos apercebemos quando refletimos acerca da grandeza do alto da qual Ele nos conduz. Com esse mesmo olho, contemplamos também as ordens celestes, os anjos, nossos companheiros de serviço (Ap 22,9).

Mas com o outro olho contemplamos a glória da santa natureza de Deus, quando Ele quer fazer-nos entrar nos seus mistérios espirituais e quando abre à nossa inteligência o oceano da fé.

40. «Caminhar sobre as águas, atravessar o fogo»

Discursos Ascéticos, 1ª série, nº 62

O saber intelectual não nos livra do medo. Mas aquele que caminha segundo a fé é inteiramente livre; como verdadeiro filho

de Deus, pode usar livremente todas as coisas. Os que estão apaixonados por esta fé usam, tal como o próprio Deus, todos os elementos da criação, porque a fé tem o poder de fazer criaturas novas à semelhança de Deus...

O conhecimento intelectual nada pode fazer sem uma base material: não ousa realizar o que não tiver sido dado à natureza. O corpo não pode caminhar sobre a superfície das águas; os que se aproximam do fogo queimam-se. Por isso, o simples conhecimento guarda as suas defesas; nunca se deixa ir para além dos limites naturais. Mas a fé tem o poder de ir mais longe e diz:

> *"Se passares através do fogo, ele não te queimará. E os rios não te engolirão" (Is 43,2).*

Muitas vezes, a fé realiza coisas destas diante de toda a criação. Mesmo que fosse concedido ao intelecto experimentar fazer as mesmas coisas, ele nunca teria ousado.

Pela fé, muitos entraram nas chamas..., atravessaram o fogo sãos e salvos e caminharam sobre o mar como sobre terra firme. Todas essas coisas eram mais altas do que a natureza e contrárias às modalidades do simples conhecimento intelectual. Mostraram como este é vão em todos os seus caminhos e em todas as suas leis. Estás a ver como a inteligência respeita as condições da natureza? E vês como a fé percorre o seu caminho por sendas mais altas do que a natureza?

41. «A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida»

Discursos ascéticos, 1ª série, nº 72

A Árvore da Vida é o amor de Deus. Adão perdeu-o na sua queda e nunca mais encontrou a alegria, mas, pelo contrário, trabalhava e penava numa terra cheia de espinhos (Gn 3,18).

Aqueles que estão privados do amor de Deus comem o pão do seu suor (Gn 3,19) em todas as suas obras, ainda que sigam um caminho reto; foi esse o pão que foi dado a comer à primeira criatura após a queda. Até que encontremos o amor, o nosso trabalho é aí, na terra dos espinhos...; seja qual for o grau da nossa justiça pessoal, é com o suor do nosso rosto que vivemos.

Mas, quando encontrámos o amor, alimentamo-nos do pão celestial e somos reconfortados para além de qualquer obra e de qualquer pena. O pão celestial é Cristo, que desceu do céu e deu a vida ao mundo. É esse o alimento dos anjos (Sl 77,25). Aquele que encontrou o amor alimenta-se de Cristo cada dia e a toda a hora e torna-se imortal. Porque Ele disse:

> *"Quem come o pão que eu lhe der não verá a morte".*

Feliz aquele que come o pão de amor, que é Jesus. Porque quem se alimenta do amor, alimenta-se de Cristo, do Deus que domina o universo, Aquele de quem João testemunha, dizendo: "Deus é amor" (1 Jo 4,8).

Portanto, o que vive no amor recebe de Deus o fruto da vida. Respira neste mundo o próprio ar da ressurreição, esse ar que faz as delícias dos justos ressuscitados. O amor é o Reino. Foi dele que o Senhor ordenou misteriosamente aos apóstolos que se alimentassem; "comer e beber na mesa do meu Reino" (Lc 22,30), que é isso senão o amor? Porque o amor é capaz de alimentar o homem em vez de qualquer outro alimento e bebida. É esse "o vinho que alegra o coração do homem" (Sl 104,16); feliz aquele que bebe de tal vinho.

42. «Não devias também tu ter piedade do teu companheiro, tal como eu tive piedade de ti?»

Discursos Espirituais

A compaixão, por um lado, e o juízo de simples equidade, por outro, se coexistem na mesma alma, são como um homem que adora Deus e os ídolos na mesma casa. A compaixão é o contrário do julgamento por simples justiça. O julgamento estritamente equitativo implica a igual repartição por todos de uma medida semelhante. Dá a cada um o que ele merece, não mais; não se inclina nem para um lado nem para o outro, não discerne na retribuição. Mas a compaixão é suscitada pela graça, inclina-se sobre todos com a mesma afeição, evita a simples retribuição àqueles que são dignos de castigo e cumula para lá de qualquer medida os que são dignos do bem.

A compaixão está assim do lada da justiça, o julgamento apenas equitativo está do lado do mal... Tal como um grão de areia não pesa tanto como muito ouro, a justiça equitativa de Deus não pesa tanto como a sua compaixão. Assim como um punhado de areia caindo no grande oceano, assim são as faltas de todas as criaturas em comparação com a providência e a piedade de Deus. Tal como uma nascente que corre com abundância não poderia ser bloqueada por um punhado de pó, também a compaixão do Criador não poderia ser vencida pela malícia das criaturas. Aquele que guarda ressentimento quando reza é como um homem que semeia no mar e espera ceifar.

43. «Se alguém quiser vir comigo…» (cf. Mt 16,24)

Sermões, 1ª série, 71-74 (trad. Alfeyev, Bellefontaine 2001, p. 62)

O Senhor Deus entregou o Seu próprio Filho à morte de cruz pelo ardente amor que tem pela criação. Não porque não pudesse resgatar-nos de outro modo, mas porque quis manifestar dessa maneira o Seu amor transbordante, para nosso ensinamento. Pela morte do Seu Filho Unigênito, aproximou-nos d'Ele. Se tivesse outra coisa mais preciosa, tê-la-ia dado, a fim de Lhe pertencermos plenamente.

Por esse grande amor por nós, não Se compraz em violentar a nossa liberdade — embora tivesse o poder de fazê-lo —, mas preferiu que chegássemos a Ele pelo amor, a partir daquilo que podíamos compreender.

Pelo Seu imenso amor e por obediência ao Pai, Cristo aceitou alegremente os insultos, as dores e o sofrimento. Do mesmo modo, quando os santos se tornam perfeitos, alcançam uma perfeição semelhante: ao derramarem abundantemente o seu amor e compaixão sobre todos os homens, tornam-se semelhantes a Deus.

44. «Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus»

Discursos ascéticos, 2ª série, 38,5 et 39,3 (a partir da trad. Alfeyev, Bellefontaine 2001, p. 46)

No Criador, não há mudança, não há intenções anteriores ou posteriores; na sua natureza, não há ódio nem ressentimentos, não há lugar maior ou menor no seu amor, nem antes nem depois

no seu conhecimento. Pois, se todos creem que a criação começou a existir como consequência da bondade e do amor do Criador, nós sabemos que esta primeira motivação não diminui nem se altera no Criador em consequência do curso desordenado da sua criação.

Seria profundamente odioso e perfeitamente blasfemo supor que há em Deus ódio e ressentimento - sequer para com os próprios demônios -, ou imaginar n'Eele alguma fraqueza ou paixão. [...] Muito pelo contrário, Deus age sempre conosco pelos caminhos que sabe serem para nossa vantagem, quer estes sejam para nós causa de sofrimento ou de consolo, de alegria ou de tristeza, quer sejam insignificantes ou gloriosos. Todos eles são orientados para os mesmos bens eternos.

45. «A violência que se apodera do Reino»

Discursos ascéticos, 1ª série, nº 19 (a partir da trad Touraille, DDB 1981, p. 129)

Que mais nada te impeça de te unires a Cristo. [...] Reza sem esperares, suplica de todo o coração, pede ardentemente, até que recebas. Não abrandes. Essas coisas ser-te-ão dadas se em primeiro lugar, com toda a tua fé, te obrigares a confiar a Deus a tua preocupação e substituíres a tua própria previdência pela providência de Deus. Quando Ele vir a tua vontade, quando Ele vir que, em total pureza de coração, confias mais n'Ele que em ti próprio e te obrigas a esperar n'Ele mais que na tua força, então este poder que desconheces virá fazer em ti a sua morada. E tu sentirás em todos os teus sentidos o poder d'Aaquele que está incontestavelmente contigo. Graças a este poder, muitos entram no fogo e não temem, caminham sobre as águas e não hesitam.

46. «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.»

Discursos, 1ª série, nº34 (a partir da trad. cf Touraille, DDB 1981, p. 215)

Irmão, recomendo-te isto: que a compaixão tenha sempre a supremacia na tua balança, até que sintas em ti a compaixão que Deus demonstra para com o mundo. Que este estado se torne o espelho no qual vemos em nós a verdadeira «imagem e semelhança» da natureza e do ser de Deus (Gn 1,26). É por estas coisas e por outras idênticas que recebemos a luz, e que uma clara resolução nos leva a imitar Deus. Um coração duro e sem piedade não será nunca puro (Mt 5, 8). Mas o homem compassivo é o médico da sua alma; como que por um vento violento, ele afasta para fora de si as trevas da sua mágoa.

47. «Jesus voltou-Se e repreendeu-os»

Discursos espirituais, 2.ª série, n.º 10, 36

Quando alguém se torna digno de experimentar o amor de Deus, tem o hábito de esquecer todas as coisas por causa da suavidade deste amor, pois uma vez experimentado tal amor, todas as coisas visíveis perdem o interesse. A sua alma aproxima-se jubilosamente do amor dos homens, sem distinção: não se deixa perturbar pelas suas fraquezas, que não receia, à semelhança dos bem-aventurados apóstolos, que, no meio de tantos males que tiveram de suportar por parte dos seus carrascos, foram totalmente incapazes de os odiar e não tinham dificuldade em os amar. Isto manifestou-se em fatos: no final, sofreram a própria morte para poderem um dia encontrar-se com eles no Céu.

E contudo, eram os mesmos que, pouco tempo antes, tinham suplicado a Cristo que fizesse descer fogo do céu sobre

uns samaritanos que se tinham limitado a recusar acolhê-los na sua aldeia; ora, uma vez recebido o dom de experimentar o amor de Deus, tornaram-se perfeitos ao ponto de amarem os maus.

Parte V: Amor e misericórdia

48. «Não temais: valeis mais do que todos os pássaros do mundo» (Lc 12,7)

Discursos Espirituais (Ascéticos), 1.ª série, n.º 36

É preciso não desejar nem procurar estouvadamente sinais visíveis, uma vez que o Senhor está sempre pronto a socorrer os seus santos. Ele não manifesta o seu poder em obras ou sinais sensíveis sem necessidade, para não enfraquecer a confiança que dele recebemos nem nos prejudicar.

Assim Ele providencia junto dos seus santos: mostra-lhes que a atenção secreta que lhes dedica não os abandona um instante, mas, em tudo, os deixa travar o combate segundo a medida das suas forças e esforçar-se na oração.

Porém, se uma dificuldade os abate, quando estão doentes ou desencorajados pela fraqueza da sua natureza, então Ele mesmo intervém, como é preciso e como só Ele sabe, fazendo tudo o que está no seu poder para que sejam socorridos. Confirma-os secretamente, tanto quanto pode, para que tenham força de suportar as suas dificuldades. Pela confiança que lhes dá, frustra essas dificuldades e, pela visão da fé, desperta-os para o louvor.

Contudo, se for necessário que esta ajuda secreta se torne manifesta, Ele o faz, mas apenas por necessidade. Os caminhos do Senhor são de grande sabedoria: prolongam-se quando é preciso e oportuno, mas nunca de qualquer modo..

49. «Cem por um»

Discursos ascéticos, série 1, nº 32

Da mesma forma que todo o poder das leis e dos mandamentos que Deus deu aos homens se realiza na pureza de coração, como disseram os Padres, assim todos os modos e todas as formas pelas quais o homem reza a Deus se concretizam na oração pura. Os gemidos, as prosternações, as súplicas, as lamentações, todas as formas de que se pode revestir a oração têm na verdade como objetivo a oração pura.

[...] A reflexão deixa de ter algo que a sustente: nem oração, nem movimento, nem lamentação, nem poder, nem liberdade, nem súplica, nem desejo, nem prazer naquilo que espera nesta vida ou no mundo que há de vir; depois da oração pura, já não há outra oração. [...] Acima desse limite, já não é oração, é maravilhamento: a oração cessa e começa a contemplação. [...]

A oração é a semente, a contemplação e a recolha dos frutos. O semeador maravilha-se ao ver o inexprimível: como é que, a partir dos pequenos grãos nus que semeou, brotam subitamente diante de si espigas florescentes? A vista da colheita tolhe-lhe os movimentos. [...]

Do mesmo modo que só um homem em mil cumpre menos mal os mandamentos e as coisas da Lei e consegue atingir a pureza da alma, assim também só um em mil é digno de atingir com muita vigilância a oração pura, de atravessar o limite e de descobrir este mistério. Pois não é dado a muitos mas a poucos conhecer a oração pura.

.

João Clímaco

Pouco se sabe de sua juventude, mas a tradição refere que João entrou ainda adolescente no mosteiro do Sinai, onde, durante décadas, viveu na obediência e no silêncio. Desejando maior recolhimento, retirou-se mais tarde a uma gruta próxima, em vida eremítica marcada pela oração incessante, jejum e contemplação. Já idoso, foi chamado pelos monges a assumir a função de abade do Sinai, servindo-os com mansidão e sabedoria.

É lembrado sobretudo como o autor da célebre **"Escada do Paraíso" (Clímaco)**, uma síntese da vida monástica em trinta degraus, que correspondem às virtudes a serem adquiridas e às paixões a serem vencidas, até a plena caridade e a união com Deus. Sua obra tornou-se manual de referência para monges do Oriente e do Ocidente, e permanece até hoje leitura fundamental no tempo da Quaresma.

Chamado **"o Sinaita"**, João descreveu com singular clareza os combates da vida interior, a vigilância do coração, o poder das lágrimas e da humildade, a luta contra a vaidade e a soberba, e a culminância da vida espiritual na caridade. Seu estilo combina a sobriedade ascética com a força da experiência vivida, mais que de especulação.

São João Clímaco adormeceu no Senhor por volta de 649. Sua memória é celebrada no quarto domingo da Grande Quaresma, quando a Igreja propõe sua figura como guia no caminho ascético para a Páscoa.

50. «Não julgueis e não sereis julgados»

A Escada Santa, graus 8, 10-11, 12, 13, 18

Ouvi alguns falarem mal do seu próximo e repreendi-os. Para se defenderem, esses operários do mal replicaram: «É por caridade e por solicitude que falamos assim!» Mas eu respondi-lhes: Deixai de praticar tal caridade, pois estaríeis a chamar mentiroso ao que diz: «Afasto de Mim quem denigre em segredo o seu próximo» (Sl 100,5). Se amas essa pessoa como afirmas, reza em segredo por ela e não te rias do que faz.

Responde, pois, ao que diz mal do seu próximo: «Para, irmão! Eu próprio caio todos os dias em faltas mais graves; como poderei condenar essa pessoa?» Obterás assim um duplo proveito: curar-te-ás a ti mesmo e curarás o teu próximo. Não julgar é um atalho que conduz ao perdão dos pecados, pois está dito: «Não julgueis e não sereis julgados.»

Alguns cometeram grandes faltas à vista de todos mas realizaram em segredo os maiores atos de virtude, de tal maneira que os seus acusadores se enganaram, dando atenção ao fumo sem verem o sol. Se vires alguém cometer um pecado no momento da sua morte, nem então o julgues, porque o juízo de Deus é impenetrável para o homem.

Os críticos diligentes e severos caem nessa ilusão porque não guardam a memória nem a preocupação dos seus próprios pecados. Com efeito, se alguém, liberto do véu do amor-próprio, visse exatamente os seus próprios males, não se preocuparia com mais nada durante o resto dos seus dias.

Tal como um bom vindimador come as uvas maduras e não colhe as verdes, assim também um espírito benevolente e sensato anota cuidadosamente todas as virtudes que vê nos outros; mas o insensato perscruta as faltas e as deficiências.

Ouçam-me, ouçam-me todos, críticos maliciosos das ações dos outros! Se esta palavra é verdadeira – «segundo o julgamento que fizerdes sereis julgados» –, e é-o certamente, qualquer pecado, da alma ou do corpo, de que acusemos o nosso próximo, cairá sobre nós. Julgar os outros é não ter vergonha de usurpar uma prerrogativa divina; condená-los é arruinar a nossa própria alma.

51. Pastor que segue o Pastor

A Escada Santa

O verdadeiro pastor é aquele que, pela sua bondade, o seu zelo e a sua oração, é capaz de procurar e de voltar a pôr no bom caminho as ovelhas razoáveis que se perderam. O piloto é aquele que, pela graça de Deus e o seu próprio esforço, obteve uma força espiritual que o torna capaz de arrancar o navio, não apenas às correntes que o desviam, mas ao próprio abismo.

Um bom piloto salva o seu navio; e um pastor vivifica e cura as suas ovelhas doentes. Quando as ovelhas se encontram a pastar, que o pastor não deixe de recorrer à flauta da palavra, sobretudo quando o rebanho se prepara para dormir. Porque a coisa que o lobo mais teme é a flauta do pastor. Na medida em que as ovelhas sigam fielmente o pastor e façam progressos, nessa mesma medida este responderá por elas ao Senhor da casa.

É a caridade que permite conhecer o verdadeiro pastor, uma vez que foi pela caridade que o grande pastor quis ser crucificado.

52. Deus, único mestre de oração

A Escada Santa

A oração é, quanto à sua natureza, a conversa e a união da alma com Deus; quanto à sua eficácia, é a conservação do mundo e a sua reconciliação com Deus, um ponto elevado acima das tentações, uma muralha contra as tribulações, a extinção das guerras, a alegria futura, a atividade que não cessa, a fonte das graças, a dadora dos carismas, um progresso invisível, o alimento da alma, a iluminação do espírito, o machado que corta o desespero, a expulsão da tristeza, a redução da ira, o espelho do progresso, a manifestação da nossa medida, o teste ao estado da nossa alma, a revelação das coisas futuras, o anúncio seguro da glória.

Tem coragem e terás o próprio Deus como mestre de oração. É impossível aprender a ver por meio de palavras, porque ver é um efeito da natureza. Assim também é impossível aprender a beleza da oração através dos ensinamentos de outros. A oração só se aprende na oração e o seu mestre é Deus, que ensina ao homem a ciência, que concede o dom da oração àquele que ora, que abençoa os anos dos justos.

53. Da sobriedade na oração

A Escada Santa

Que o tecido da tua oração só tenha uma cor. O publicano e o filho pródigo foram reconciliados com Deus com uma só palavra. Quando rezas, não procures palavras complicadas, porque o balbuciar simples das crianças tem muitas vezes tocado o seu Pai dos Céus. Não procures falar muito quando rezas, não vá o teu espírito distrair-se à procura das palavras. Uma só palavra do publicano apaziguou a Deus e um só brado de fé salvou o

ladrão. Não raro, a loquacidade na oração dispersa o espírito e enche-o de imagens, ao passo que a repetição da mesma palavra serve para o recolher. Se uma palavra da tua oração te enche de suavidade ou de compunção, permanece nela, porque o teu anjo da guarda está aí, rezando contigo.

Pede com aflição, procura com a obediência, bate com paciência. Porque aquele que assim pede, recebe; aquele que procura, encontra; e àquele que bate, abrir-se-á.

Quem ergue sem descanso o bastão da oração não vacilará. E, mesmo que caia, a sua queda não será definitiva. Porque a oração é uma tirania piedosa que é exercida sobre Deus.

54. O amor ou o próprio nome de Deus

A Escada Santa, 30, 6-9.22.16

Deus é amor (1Jo 4,8). E quem empreendesse defini-l'O seria como um cego que pretendesse contar os grãos de areia de uma praia.

Quanto à sua natureza, o amor é uma semelhança com Deus, na medida em que é possível os mortais assemelharem-se a Ele; quanto à sua atividade, é uma embriaguez da alma; quanto à sua virtude própria, é a fonte da fé, um abismo de paciência, um oceano de humildade.

A caridade é, antes de mais, a rejeição de qualquer pensamento de inimizade, porque a caridade não pensa mal. A caridade, a impassibilidade e a adoção filial distinguem-se apenas pelo nome. Tal como a luz, o fogo e a chama concorrem para um único efeito, o mesmo acontece com estas três realidades.

Se o rosto de um ser amado produz em todo o nosso ser uma alteração manifesta que nos torna felizes, alegres e

despreocupados, o que não fará a face do Senhor numa alma pura, quando nela vier repousar.

55. A melhor maneira de rezar

A escada santa

Rezar é colocar-se na presença de Deus; mas há uma grande variedade e diversidade de orações. Há quem se dirija a Deus como a um amigo e senhor, oferecendo-Lhe louvores e súplicas, não por si mesmo, mas por outros. Há quem peça um aumento de riquezas espirituais, de glória e de confiança filial. Há quem suplique a total libertação dos seus adversários. Outros pedem que lhes seja concedido um favor e outros ainda a libertação de todas as preocupações com as suas próprias faltas, ou a libertação da prisão; outros ainda, a remissão dos seus crimes.

No pergaminho da nossa oração, escrevamos antes de mais nada uma sincera ação de graças; em segundo lugar, a confissão das nossas faltas e uma contrição de alma profundamente sentida; em seguida, apresentemos então os nossos pedidos ao Rei do Universo. Pois esta é a melhor maneira de rezar.

56. «A sabedoria foi justificada pelas suas obras»

A Escada Santa, 26º degrau

Se, como afirma o Eclesiastes (3,1), há um tempo para cada coisa debaixo do sol - e «cada coisa» é tudo o que diz respeito à nossa vida -, estejamos atentos, procurando em cada momento o que convém a esse tempo.

Com efeito, é certo que, para aqueles que combatem, há um tempo para a impassibilidade e um tempo para o domínio das paixões; há um tempo para as lágrimas e um tempo para a dureza

de coração; um tempo para obedecer e um tempo para mandar; um tempo para jejuar e um tempo para nos sentarmos à mesa; um tempo para combater o corpo, nosso inimigo, e um tempo em que esse fogo morreu; um tempo de tempestade na alma e um tempo de calmaria do espírito; um tempo de tristeza no coração e um tempo de alegria espiritual; um tempo para ensinar e um tempo para ouvir; um tempo para as manchas, talvez por causa do nosso orgulho, e um tempo de purificação pela humildade; um tempo para o combate e um tempo de tréguas, longe do perigo; um tempo para o silêncio e um tempo para uma atividade sem distrações; um tempo para a oração continuada e um tempo para o serviço sincero.

Não nos deixemos, pois, mover por um zelo soberbo, que nos leve a procurar antes do tempo aquilo que virá a seu tempo. Ou seja, não procuremos no inverno o que pertence ao verão, no tempo da sementeira o que pertence ao tempo da colheita; porque há um tempo para semear trabalhos e um tempo para recolher os inefáveis dons da graça. De outra maneira, nem quando chegar o tempo receberemos o que é próprio desse tempo.

57. «Todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado»

A Escada Santa, 21º degrau

Se temos o desejo de agradar ao Rei dos Céus, esforcemo-nos por não desejar outra glória senão a do Alto. Com efeito, quem a experimentou despreza por completo a glória terrena, mas só quem experimentou aquela pode desprezar esta.

Quem pede a Deus que lhe conceda dons em troca do seu esforço constrói sobre fundamentos instáveis; pelo contrário, quem se considera devedor receberá subitamente uma riqueza inesperada. Há uma glória que vem do Senhor, pois Ele disse: «Eu glorificarei aqueles que Me glorificarem» (1Sam 2,30); e há uma

glória que deriva dos artifícios do demônio, pois está escrito: «Ai de vós quando todos disserem bem de vós» (Lc 6,26). Reconhecemos a primeira porque, considerando-a uma perda, a recusamos por todos os meios, ocultando a nossa maneira de viver; e reconhecemos a segunda quando fazemos a mais pequena coisa para sermos vistos pelos homens (cf Mt 6,1).

Quando os nossos lisonjeadores, ou melhor, os nossos sedutores começam a elogiar-nos, recordemos brevemente a multidão dos nossos pecados e reconhecer-nos-emos indignos de tudo o que se diz ou se faz em nossa honra. Em geral, os homens simples não se deixam contaminar pelo veneno da vanglória, porque esta consiste na rejeição da simplicidade e num comportamento hipócrita.

58. «Um Deus e um Rei que nos chama»

A Escada Santa, 21º degrau

Uma vez que é um Deus e um Rei que nos chama para o seu serviço, avancemos com ardor, pois temos pouco tempo de vida e corremos o risco de ser encontrados sem fruto no dia da nossa morte e de perecer de fome. Procuremos agradar ao nosso Senhor como os soldados a seu rei, porque, quando a campanha terminar, teremos de prestar contas do nosso serviço.

Se um rei da terra nos chamasse para o seu serviço, não hesitaríamos, não procuraríamos desculpas, mas, deixando tudo, iríamos imediatamente ter com ele. Por isso, quando o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, o Deus dos deuses, nos chamar para o seu serviço celeste, tenhamos atenção em não recusar, por preguiça ou por covardia.

Corramos com alegria e amor para o bom combate, sem nos deixarmos intimidar pelos nossos inimigos. Alegrai-vos, pois, sempre no Senhor, todos vós que sois seus servos, reconhecendo nisto o primeiro sinal do amor que o Mestre vos tem.

59. «Aproximemo-nos dele com toda a simplicidade!»

A Escada Santa, 24º degrau

A simplicidade é um hábito da alma que exclui todo o artifício e a torna imune à malícia. A ausência de malícia é um estado alegre da alma, liberta de segundas intenções. A primeira prerrogativa da infância é a simplicidade sem artifícios; enquanto a conservou, Adão não viu a nudez da sua alma nem a indecência da sua carne.

A simplicidade que algumas pessoas possuem por natureza é bela e abençoada, mas é-o menos do que a simplicidade que, à força de trabalho e suor, foi enxertada num tronco mau. A primeira está ao abrigo de muitos artifícios e paixões, mas a segunda traz consigo uma profunda humildade e uma doçura extrema. A primeira não merece qualquer recompensa; a segunda merece uma recompensa infinita.

Todos nós, que queremos atrair o Senhor, aproximemo-nos dele como discípulos do mestre, com toda a simplicidade, sem hipocrisia, sem malícia, sem artifícios nem complicações. Visto que Ele próprio é totalmente simples, quer que as almas que se aproximam dele sejam simples e inocentes. Porque nunca encontrareis a simplicidade separada da humildade.

60. «Deixa que os mortos sepultem os seus mortos»

A Escada Santa, 2º degrau

Aquele que ama verdadeiramente o Senhor, que procura verdadeiramente a posse do Reino que há de vir, que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados, que se lembra

verdadeiramente do castigo e do juízo eternos, que teme verdadeiramente o seu fim, deixará de ter amor, cuidado ou preocupação com o dinheiro, as riquezas, os pais, a glória do mundo, os amigos, os irmãos e as restantes coisas deste mundo. Pelo contrário, tendo rejeitado e odiado todo o apego e cuidado por todas estas coisas, e mais ainda pela sua própria carne, seguirá a Cristo nu, despreocupado, com pressa e olhando para o Céu, de onde espera que lhe venham todas as ajudas.

É uma grande pena que, depois de termos abandonado tudo o que acabo de dizer, correspondendo ao apelo não de um homem, mas do Senhor, nos preocupemos com coisas que não nos serão úteis na hora de maior necessidade, isto é, no momento da morte. É a isto que o Senhor chama olhar para trás e não ser digno do Reino dos Céus (cf Lc 9,62). O Senhor conhecia bem a nossa fragilidade dos começos e sabia que a permanência entre as gentes do mundo e a sua conversa nos levaria facilmente de volta ao mundo; por isso, quando um Lhe pede: «Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai», responde-lhe: «Deixa que os mortos sepultem os seus mortos».

Nós, que decidimos seguir o nosso caminho com ardor e prontidão, estejamos muito atentos à condenação que o Senhor faz de todos os que vivem no mundo e, embora vivos, estão mortos, quando recomendou que os que estão no mundo e estão mortos enterrem os que morreram corporalmente.

João Carpátio

Pouco se sabe de sua vida, mas a tradição o apresenta como **bispo na ilha de Carpatos**, no Mediterrâneo oriental. Viveu provavelmente entre os séculos VI e VII, distinguindo-se pela vida ascética e pela direção espiritual dos monges.

É autor de uma série de **exortações espirituais endereçadas aos monges da Índia e de outras regiões do Oriente**, que chegaram até nós reunidas na *Filocalia*. Nelas, João insiste na paciência diante das tentações, na perseverança na oração, na vigilância contra o desânimo e no recurso constante à misericórdia de Deus. Sua doutrina respira a mesma atmosfera dos Padres do Deserto: sobriedade, humildade e confiança na graça que sustenta a fraqueza humana.

Embora historicamente pouco documentado, São João Carpátio permanece na memória da Igreja como **um mestre da oração perseverante**, que ensina a suportar as tribulações com esperança até que o coração se torne morada de Cristo.

61. «Confiai-vos ao Senhor»

«Capítulos de exortação», 47-48

Não nos deixemos consumir pelas preocupações que nos causam as necessidades do corpo. Acreditemos em Deus com toda a alma, como dizia um homem bom:

> *«Confiai-vos ao Senhor e recebereis a sua confiança.»*

Mas, se hesitas e não crês ainda que Ele vela sobre ti para te alimentar, pensa na aranha e nas suas diferenças em relação ao homem. Sim, refiro-me à aranha, que é o mais débil e mais pobre de todos os seres. Nada tem de seu, não exige, não discute, não

acumula, [...] não se mete nos assuntos dos outros, tratando apenas dos seus, faz o seu trabalho num estado de serenidade e de calma, não se dirigindo àqueles que veneram a ociosidade senão para lhes dizer: «Quem não trabalha que também não coma» (2Tess 3,10). E o Senhor, do alto dos Céus, vê aquilo que é humilde (cf Sl 112,5-6, LXX) - e não há nada mais humilde que uma aranha - e, estendendo a sua providência sobre ela, envia todos os dias um pouco de alimento à sua morada, fazendo-lhe cair na teia os insetos de que ela precisa.

Uma pessoa que seja escrava da voracidade poderá dizer: «É que eu como muito e, como gasto muito, tenho de me dedicar a múltiplos negócios» (cf 2Tim 2,4). Tal homem deverá pensar nas enormes baleias que passam a sua existência no oceano Atlântico, onde são abundantemente alimentadas por Deus e nunca passam fome. Assim, pois, é Deus que alimenta, tanto o que come muito como o que come pouco. Ao ouvires estas coisas, tu também que tens um estômago amplo e vasto, confia-te inteiramente a Deus e à fé. E não sejas incrédulo, mas crente (cf Jo 20,27).

62. «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»

«Capítulos de exortação», n.º 44, 84

O Senhor diz-te, como a Mateus: «Segue-Me». Quando procurares o teu Mestre bem-amado de todo o coração, se, no caminho da vida, o teu pé tropeçar na pedra das paixões (cf Sl 91,12, LXX), ou se, como acontece mais vezes, escorregares na lama sem querer e caíres, sempre que tombares e ferires o corpo, volta a levantar-te de todo o coração e busca o Senhor, até O encontrares. Assim, «no teu santuário, eu Te contemplo para ver o poder e a glória» que me salvam, e «em teu louvor, Senhor, elevarei as minhas mãos. Serei saciado com deliciosos manjares, e os meus lábios cantarão» os teus louvores (Sl 63,3.5.6, LXX). Pois

grande coisa é para mim chamar-me cristão, como diz o Senhor por meio de Isaías: «Grande coisa é para ti chamares-te meu filho» (Is 49,6, LXX). [...]

Guarda-te com todas as tuas forças para não caíres. Pois cair é coisa indigna de quem é forte de luta. Mas, se te acontecer caíres, levanta-te imediatamente e retoma o bom combate. Mesmo que te acontecesse cair dez mil vezes, faz dez mil vezes este gesto: levanta-te. Pois está escrito:

> *«Se o justo cair sete vezes, ou seja, toda a sua vida, sete vezes se levantará» (Prov 24,16).*

63. «O reino dos Céus sofre violência»

Capítulos de exortação n.º 50

Como podemos vencer o pecado, depois de ele se apoderar de nós? É necessário fazer violência; com efeito, está dito: «O homem arranca-se à perdição através da dor» (Prov 16,26, LXX), esforçando-se continuamente por chegar à santidade dos seus próprios pensamentos.

Contrariar a violência com a violência não é coisa que esteja proibida pelas leis. Assim pois, se praticamos alguma obra de violência - ainda que muito reduzida - e se esperamos o poder que nos vem do alto, permanecendo em Jerusalém (cf. Lc 24,49), que o mesmo é dizer, em oração incessante e na prática das virtudes, um dia, essa obra exercerá em nós grande violência, que não será como a nossa, que é muito fraca. Os lábios da carne não sabem exprimir tal violência, que é capaz de dominar toda a sua força e de vencer os piores hábitos e a malícia dos demônios, bem como o impulso que conduz as nossas almas para o pior; que é capaz, enfim, de vencer os movimentos desordenados do corpo. Com efeito, está dito: «Ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento» (At 2,2), que expulsa a malícia que nos faz preferir sempre o pior.

Que no altar da tua alma arda continuamente o fogo das orações da santa meditação das palavras do Espírito, essas orações que se elevam ao mais alto dos Céus.

64. «Os teus pecados estão perdoados»

Cartas aos monges da Índia

Por que te afliges? Repara: quando um homem tem as mãos pegajosas, basta um pouco de óleo para as limpar. Quanto mais te não purificará a piedade de Deus. Pois, assim como tu não tens dificuldade em lavar as tuas vestes, assim também, e mais ainda, o Senhor não tem dificuldade em te lavar de toda a mancha, ainda que todos os dias tenhas de passar pela tentação. Com efeito, quando dizes «Pequei contra o Senhor», tens imediatamente a resposta:

> *«Os teus pecados estão perdoados», «Eu apaguei as tuas faltas, por Mim, não me lembrei dos teus pecados» (Is 43,25).*

Mas não te distancies, não te afastes daquele que te escolheu para cantares e rezares, mas permanece ligado a Ele ao longo de toda a tua vida, seja pela confiança, seja pela santa audácia e a confissão corajosa. Ele compreende-te e purifica-te. Pois não foi Deus que nos justificou, no seu amor pelo homem? Quem nos condenará (cf Rom 8,33)? Se invocarmos o nome do Senhor Jesus Cristo, a nossa consciência fica purificada, e nada nos distingue dos profetas e dos outros santos.

Pois Deus não nos destinou à cólera, mas à salvação, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós. Assim, quer velemos nas virtudes, quer dormimos nas misérias a que nos conduzem naturalmente algumas circunstâncias, viveremos com Cristo (cf 1Tess 5,9-10), orientando o nosso olhar para Ele, gemendo profundamente, chorando sem cessar e respirando apenas Ele. Revistamo-nos, pois, da couraça da fé e vistamos o

capacete da esperança da salvação (cf 1Tess 5,8), a fim de que as setas do desalento e do desespero não possam penetrar em nós.

65. O grande Médico está perto

Cartas aos monges da Índia

O grande Médico está perto. Ele tomou sobre Si as nossas doenças, curou-nos e continua a curar-nos pelas suas chagas (cf Is 53,5; Mt 8,17). Ele está presente e aplica remédios salutares, dizendo: fui Eu que feri e deixei ao abandono, serei Eu a curar (cf Dt 32,39). Nada temas, pois: quando cessar a minha cólera ardente, curarei de novo.

Assim como a mulher não deixará nunca de ter piedade dos filhos do seu ventre, assim também Eu não te esquecerei, diz o Senhor (cf. Is 49,15). Se as aves espalham ternura pelas suas crias, se as visitam a todo o momento, as chamam, lhes levam o alimento à boca, quanto mais a minha compaixão se derramará sobre as minhas criaturas. De novo se derramou sobre ti a minha ternura: visito-te em segredo, falo à tua inteligência, trago alimento à tua reflexão, que se abre como a boca da andorinha. Dar-te-ei o alimento do temor do Omnipotente, o alimento do desejo dos Céus, o alimento da consolação dos gemidos, o alimento da compunção, o alimento do canto, o alimento de um conhecimento mais profundo, o alimento dos mistérios divinos.

Se minto quando assim falo, Eu que sou teu Senhor e teu Pai, demonstra-o e calar-Me-ei, diz o Senhor constantemente aos nossos pensamentos. Que o Pai da compaixão e o Deus de toda a consolação (cf 2Cor 1,3) vos dê consolo eterno e boa esperança, em Cristo Jesus Nosso Senhor.

A Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos, amém.

66. «Deus levanta os caídos»

«Capítulos de exortação», n.º 29

Se foste vencido depois de teres lutado valorosamente, não percas a esperança, não renuncies à luta, mas volta a erguer-te, recupera a confiança, ouve estas palavras de Isaías:

> *«Vós, que sois fortes, vós fostes vencidos, ó demônios malignos. E, se de novo voltais em força, de novo sereis vencidos. Se tendes projetos, o Senhor dispersá-los-á. Pois Deus está conosco» (Is 8,10).*

Pois Deus levanta os caídos (cf Sl 144,14,LXX) e está sempre disposto a destruir os nossos inimigos, desde que nos arrependamos. [...]

Pedro começa por receber as chaves (cf Mt 16,19). Depois, Deus permite que ele O negue (cf Mt 26,70), para que esta queda seja para ele uma lição de prudência. Assim, pois, se também tu, depois de teres recebido as chaves do conhecimento, cais em todo o gênero de pensamentos, não te surpreendas, mas glorifica o único sábio, Nosso Senhor, que, por estes acidentes, põe freio à presunção que em ti quer juntar-se ao conhecimento divino. Estas tentações são um freio, pois podem travar o orgulho humano, pela providência de Deus. [...]

Desesperar é mais funesto que pecar. Judas, o traidor, era fraco e não tinha experiência de luta. Vendo-o desesperar, o inimigo lançou-se sobre ele e colocou-lhe uma corda ao pescoço (cf Mt 27,5). Pelo contrário, Pedro, sólida pedra, levantou-se após terrível queda, não se deixando levar nem se abandonando ao desespero, porque tinha experiência da luta. Por isso, voltou a pôr-se de pé e, de coração aflito e humilhado, verteu lágrimas amargas (cf Mt 26,75). Ao ver isto, o nosso inimigo, de olhos acesos como chamas vivas, imediatamente recuou, e fugiu soltando grandes brados.

67. «Exultai no Senhor»

Capítulos de exortação, nos. 1, 14, 89

Assim como é eterno o Rei do Universo, cujo reinado não tem princípio nem fim, assim será recompensado o esforço dos que escolhem sofrer por Ele e pelas virtudes. Pois as honras da vida presente, por grande que seja o seu esplendor, desvanecem-se por completo com esta vida; mas as honras que Deus concede àqueles que são dignos delas, as honras que são dadas com a incorruptibilidade, permanecem para sempre. [...]

«Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo» (Lc 2,10), e não apenas para uma parte do povo. E também: «Toda a Terra Te adore e Te cante hinos» (Sl 65,4, LXX), e não apenas uma parte da Terra. Não são os que pedem socorro que cantam, mas os que já têm alegria. Se é assim, não desesperemos, mas atravessemos a vida presente com júbilo, tendo na mente a alegria e a felicidade que nos traz. Mas, juntemos a esta alegria o temor de Deus, pois está escrito: «Exultai no Senhor, tremendo» (Sl 2,11,LXX). Foi assim, cheias de temor e de enorme alegria, que as mulheres que rodeavam Maria correram ao túmulo (cf Mt 28,8). [...] Espanta-me que haja quem ignore o temor, pois não há ninguém que esteja sem pecado, nem Moisés, nem o apóstolo Pedro. Neles, porém, o amor divino foi mais forte e baniu o temor (cf 1Jo 4,18) no momento do êxodo. [...]

Quem deseja ser chamado sábio, prudente e amigo de Deus, a fim de apresentar a sua alma ao Senhor tal como a recebeu dele: pura, intacta, totalmente irrepreensível? Quem o deseja, a fim de ser, desse modo, coroado nos Céus e chamado bem-aventurado pelos anjos?

68. «Aquele que vem do alto está acima de todos»

Capítulos de exortação, nos. 46, 81

Como havemos de convencer o crente, ou o homem de pouca fé, de que a formiga pode ter asas, de que uma lagarta pode levantar voo, e de que muitas outras coisas paradoxais ocorrem na criação, a fim de que, afastando-se da doença da incredulidade e do desespero, também ele se torne alado e, qual árvore, se cubra das flores do sagrado conhecimento? Com efeito, está dito:

> *«Sou Eu que faço florescer a árvore morta e que dou vida aos sedentos» (cf Ez 17,24; 37,1-14). [...]*

À alma que se censura a si própria, tão numerosas são as suas tentações e tão grande o enxame dos seus pecados, e que diz: «A nossa esperança está destruída, estamos perdidos» (Ez 37,11), foi respondido da parte de Deus, que não desespera da nossa salvação: «Vivereis e sabereis que Eu sou o Senhor» (Ez 37,6). E à alma que pergunta a si própria como poderá dar à luz a Cristo pelas suas virtudes, foi dito: «O Espírito Santo descerá sobre ti» (Lc 1,35). Ora, onde se encontra o Espírito Santo, não continues à procura da ordem e da lei da natureza e do hábito. Com efeito, o Espírito Santo que adoramos é omnipotente, e submete-te aquilo que não poderias conquistar, para que te maravilhes com as suas obras. Ele significa ainda a vitória da inteligência, que fora vencida.

Pois o Consolador, que do alto vem sobre nós, na sua misericórdia, está acima de tudo, acima de todos os movimentos naturais.

69. «Envias o teu Espírito e eles revivem»

Capítulos de exortação, nos. 45, 82

Está dito que o Pai dará coisas boas àqueles que Lhas pedirem (cf Mt 7,11). E está dito noutra passagem que Ele dará o Espírito Santo aos que rezarem (cf Lc 11,13).

Através destas palavras, compreendemos que quem reza e se sente confortado pela esperança, recebe, não apenas a remissão dos pecados, mas também o dom das graças celestes. Pois não é aos justos, mas aos pecadores, que o Senhor promete estes bens:

> *«Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!»*

Pede, pois, sem baixar os braços, sem hesitar, mesmo que sejas o último a conseguir levar uma vida virtuosa, mesmo que sejas muito fraco, mesmo que estejas afastado de todas as honras, e receberás coisas grandes. [...]

Luta por manter intacta a luz que brilha na tua razão. Se te puseres a ver com os olhos da paixão, o Senhor cobrir-te-á de trevas: Ele soltará o freio que está diante de ti (cf Jb 30,11) e a luz dos teus olhos deixará de te acompanhar (cf Sl 37,11,LXX). Porém, mesmo que estejas nessa posição, não percas a coragem, não te desleixes, mas reza com o santo rei David:

> *«Envia a tua luz e a tua verdade» sobre mim, que estou triste. «Tu és a salvação da minha face e o meu God» (Sl 42,5,LXX). Pois «envias o teu Espírito e eles revivem, e renovas a face da Terra» (Sl 103,30, LXX).*

MACÁRIO DO EGITO

Conhecido como **"o Grande"** ou **"o Velho"**, São Macário nasceu no Egito no início do século IV e desde jovem escolheu a vida de oração e solidão no deserto. Ordenado sacerdote contra sua vontade, retirou-se para as regiões áridas da **Scetis**, onde fundou um dos centros mais importantes do monaquismo primitivo.

Era célebre pela **mansidão, discernimento e poder de compaixão**, a ponto de ser chamado "o anjo da terra". Viveu como verdadeiro pai espiritual, guiando inúmeros discípulos e transmitindo uma tradição de sobriedade, humildade e oração incessante.

Seus **Apotegmas** e as **Homilias espirituais** que lhe são atribuídas — embora algumas tenham origem posterior — ocupam lugar de destaque na espiritualidade cristã, insistindo na **necessidade da pureza do coração, da luta contra as paixões e da participação no Espírito Santo**, sem o qual ninguém pode ser verdadeiramente cristão.

São Macário morreu por volta de 390, deixando atrás de si a reputação de um dos **grandes mestres do deserto egípcio**, cujo testemunho marcou profundamente a tradição monástica do Oriente e do Ocidente.

70. «Entregarmo-nos totalmente a Ele»

Homilias espirituais (a partir da trad. Deseille, Coll. Spi. Or. 40, Bellefontaine 1984, p. 114)

Como é possível que, apesar de tantos encorajamentos e tantas promessas da parte do Senhor, nos recusemos a nos

entregar a Ele totalmente e sem reservas, a renunciar a todas as coisas e mesmo à nossa própria vida, em conformidade com o Evangelho (Lc 14, 26), para amarmos apenas a Ele, e mais ninguém a não ser Ele?

Considerem tudo o que foi feito por nós: que glória nos foi dada, que planos com vista à história da salvação o Senhor fez desde os pais e os profetas, que promessas, que exortações, que compaixão da parte do Mestre desde as origens! No fim, Ele manifestou a sua indizível benevolência para conosco ao vir habitar entre nós e ao morrer na cruz para nos converter e nos trazer à vida. E nós não abandonamos as nossas próprias vontades, o nosso amor ao mundo, as nossas predisposições e os nossos maus hábitos, mostrando-nos com isso como homens de pouca fé, ou mesmo sem fé nenhuma. [...]

E, no entanto, vejam como, apesar de tudo isso, Deus Se mostra cheio de uma doce bondade. Ele nos protege e cuida de nós invisivelmente; apesar das nossas faltas, não nos abandona definitivamente à maldade e às ilusões do mundo; na sua grande paciência, impede-nos de perecer e vigia de longe o momento em que voltaremos para Ele.

71. «O acolhimento do fariseu e o acolhimento da pecadora»

Homilia atribuída a São Macário (?-405)
Homilias espirituais, 30, 9

Acolhamos o nosso Deus e Senhor, o verdadeiro médico, o único capaz de curar a nossa alma ao vir a nós, Ele que tanto penou por nós. Ele bate sem cessar à porta do nosso coração, para que Lhe abramos e O deixemos entrar para repousar na nossa alma, para que Lhe lavemos os pés e O cubramos com perfume, para que faça em nós a sua morada. Com efeito, Jesus acusa aquele que não Lhe lavou os pés, dizendo:

> *«Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa» (Ap 3,20).*

Efetivamente, foi para isso que Ele suportou tantos sofrimentos, que entregou o seu corpo à morte e nos resgatou da servidão: para vir à nossa alma e fazer dela sua morada.

É por isso que o Senhor diz àqueles que, no julgamento, estiverem à sua esquerda e forem enviados para a geena:

> *«Tive fome e não Me destes de comer, tive sede e não Me destes de beber» (Mt 25,42ss).*

Porque a sua comida, a sua bebida, as suas roupas, o seu teto, o seu repouso estão no nosso coração. Por isso Ele bate sem cessar, querendo entrar em nós. acolhamo-Lo, portanto, e O recebamos dentro de nós, pois Ele é também o nosso alimento, a nossa bebida, a nossa vida eterna.

E toda a alma que não O acolhe agora dentro de si, para n'Ele encontrar repouso, ou antes, para que ela repouse n'Ele, não herdará o Reino dos Céus com os santos e não poderá entrar na cidade celeste. Mas Tu, Senhor Jesus Cristo, deixa-nos entrar, a nós que glorificamos o teu nome, com o Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos. Amém.

72. «Pela oração, vigiar à espera de Deus»

Homilias espirituais, n.º 33 (atribuída a São Macário do Egito, ?–390)

Para rezar, não são necessários gestos, nem gritos, nem silêncio, nem genuflexões. A nossa oração, ao mesmo tempo sábia e fervorosa, deve ser uma espera de Deus, até que Ele venha visitar a nossa alma por todas as suas vias de acesso, por todos os seus caminhos, por todos os seus sentidos. Demos tréguas aos nossos

silêncios, aos nossos gemidos, aos nossos soluços: não procuremos na oração senão o abraço apertado de Deus.

Não é verdade que, no trabalho, empregamos todo o nosso corpo num mesmo esforço? Não colaboram nisso todos os nossos membros? Pois que também a nossa alma se consagre toda à oração e ao amor do Senhor; que não se deixe distrair nem bloquear com pensamentos; que toda ela seja espera de Cristo. Então, Cristo iluminá-la-á, ensinar-lhe-á a verdadeira oração, conceder-lhe-á a súplica pura e espiritual, de acordo com a vontade de Deus: a adoração «em espírito e verdade» (Jo 4,24).

Quem exerce um comércio não procura apenas ter lucro; também se esforça, por todos os meios, por aumentá-lo e multiplicá-lo: empreende novas viagens e renuncia às que lhe parecem não trazer proveito; só parte com a esperança de um negócio. Assim também nós: saibamos conduzir a nossa alma pelos caminhos mais diversos e mais oportunos, e adquiriremos o ganho supremo e verdadeiro, esse Deus que nos ensina a rezar na verdade.

O Senhor repousa numa alma fervorosa, faz dela o seu trono de glória, toma assento nela e nela permanece. Esta casa onde habita o seu Mestre é toda graça, ordem e beleza, assim como a alma em que o Senhor permanece é toda ordem e beleza. Ela possui o Senhor e todos os seus tesouros espirituais. Ele habita nela, e nela reina.

Que terrível, porém, é a casa de onde o Senhor está ausente, da qual Ele Se encontra distante! Esta casa deteriora-se, arruína-se, enche-se de manchas e de desordem, tornando-se, na palavra do profeta, lugar de reunião de serpentes e de sátiros, casa abandonada que se enche de animais selvagens, de hienas e de cardos (cf. Is 35,11-15). Infeliz da alma que não consegue levantar-se de queda tão funesta, que se deixa prender e acaba por odiar o Esposo, desviando os seus pensamentos de Jesus Cristo!

Mas, quando o Senhor a vê recolher-se e procurar, noite e dia, o seu Senhor, chamando-O como Ele mesmo a convida: «Orai sem desfalecer», então «Deus far-lhe-á justiça» (Lc 18,1-7), como prometeu, e purificá-la-á de todo o mal, fazendo dela uma esposa «sem mancha nem ruga» (Ef 5,27). Acredita na Sua promessa, que é a verdade. Verifica se a tua alma encontrou a luz que lhe ilumina os passos, bem como o alimento e a bebida verdadeiros, que são o Senhor. Ainda não os tens? Procura noite e dia... e encontrá-los-ás.

73. «O Filho do Homem até do Sábado é Senhor»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
Homília 35

Na Lei dada através de Moisés, [...] Deus ordenava a todos que descansassem e que não fizessem qualquer trabalho no Sábado. Mas isto era «imagem e sombra» (Hb 8,5) do verdadeiro Sábado, que é atribuído à alma pelo Senhor. Efetivamente, a alma que foi julgada digna do verdadeiro Sábado deixa de se dedicar às suas preocupações indignas e mesquinhas, e descansa delas, celebrando o verdadeiro Sábado e gozando do verdadeiro descanso, liberta de todas as obras das trevas. [...]

Outrora, estava prescrito que até os animais privados de razão descansassem no Sábado: o boi não devia ser sujeito ao jugo nem o burro transportar carga, porque até os próprios animais repousavam dos trabalhos penosos. Vindo até nós e dando-nos o verdadeiro e eterno Sábado, o Senhor trouxe o descanso à alma que andava carregada e oprimida com o peso do pecado e que, sob coação, realizava obras de injustiça, sujeita que estava a cruéis senhores. Ele aliviou-a do peso intolerável das ideias vãs e miseráveis, livrou-a do jugo amargo das obras da injustiça, e deu-lhe o descanso.

Com efeito, o Senhor chama o homem ao descanso dizendo-lhe:

> *«Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei»* (Mt 11,28).

E todas as almas que confiam e se aproximam d'Ele [...] celebram um Sábado verdadeiro, delicioso e santo, uma festa do Espírito, numa alegria e num júbilo inexprimível; e rendem a Deus um culto puro que Lhe agrada, porque vem dum coração puro. Esse é o Sábado verdadeiro e santo.

74. A vida comunitária: «Vós sois todos irmãos»

Homilia atribuída a São Macário (?-390), monge do Egito - Terceira homilia 1-3; PG 34, 467-470

Façam o que fizerem, os irmãos devem mostrar-se caridosos e alegres uns para com os outros. O que trabalha dirá assim do que ora: «O tesouro que o meu irmão possui também é meu, uma vez que nos é comum».

Por seu lado, o que ora dirá daquele que lê: «O benefício que ele tira da leitura também me enriquece». E o que trabalha dirá: «É no interesse da comunidade que faço este serviço».

Os múltiplos membros do corpo formam um só corpo e apoiam-se mutuamente, cumprindo cada um a sua tarefa. O olho vê por todo o corpo; a mão trabalha para os outros membros; o pé, ao caminhar, leva-os a todos. E é assim que os irmãos se devem comportar uns com os outros (cf. Rom 12, 4-5). O que ora não julgará o que trabalha se este não orar. O que trabalha não julgará o que ora. [...] O que serve não julgará os outros. Pelo contrário, faça o que fizer, agirá para a maior glória de Deus (cf. 1Cor 10,31; 2Cor 4,15). [...]

Assim, uma grande concórdia e harmonia formarão o «vínculo da paz» (Ef 4,3), que os unirá entre si e os fará viver com transparência e simplicidade sob o olhar benevolente de Deus. O essencial, evidentemente, é perseverar na oração. Além disso, só uma coisa é necessária: cada um deve possuir no seu coração esse tesouro que é a presença viva e espiritual do Senhor. Quer trabalhe, ore ou leia, cada um deve poder dizer que está na posse desse bem imperecível que é o Espírito Santo.

75. «Quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
Homilia n.º 16

Para conseguir o pão do corpo, o mendigo não se constrange em bater de porta em porta a pedi-lo; se não lhe dão, avança um pouco e pede, ainda mais sem cerimônia, pão, roupas ou sandálias para consolo do corpo; se nada lhe derem, insiste e dali não sai, ainda que o expulsem. Nós, que procuramos receber o pão celeste e verdadeiro para nos fortificar a alma, que desejamos vestir as celestes roupas de luz e que aspiramos a calçar as imateriais sandálias do Espírito para refrigério da nossa alma imortal, muito mais devemos, incansável e resolutamente, com fé e amor, ter sempre paciência, bater à porta espiritual de Deus e pedir com perfeita constância para sermos considerados dignos da vida eterna.

Por isso dizia o Senhor «uma parábola sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer» (Lc 18,1), a que acrescentava estas palavras: quanta «justiça para com os que Lhe imploram noite e dia» (v. 6) terá então nosso Pai Celeste. E disse ainda, sobre o amigo:

> *«Se ele não se levantar por ser amigo, ao menos, por causa da sua insistência, levantar-se-á para lhe dar tudo aquilo de que precisa».*

Acrescenta então:

> *«Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei à porta e abrir-se-vos-á. Porque quem pede recebe; quem procura encontra; e a quem bate à porta, abrir-se-á».*

E prossegue:

> *«Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!»*

É por isso que o Senhor nos exorta a pedir sempre, incansável e tenazmente, a procurar e a bater à porta continuamente: porque Ele prometeu dar aos que pedem, procuram e batem, não aos que não pedem. É por Lhe rezarmos, Lhe suplicarmos e O amarmos que Ele quer dar-nos a vida eterna.

76. «Foi um inimigo que fez isso.»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
Homilias espirituais, n.º 51

Escrevo-vos, irmãos bem-amados, para que saibais que, desde o dia em que Adão foi criado até o fim do mundo, o Maligno fez e fará guerra constante aos santos (Ap 13,7). [...] Contudo, são poucos os que se dão conta de que o saqueador das almas coabita com eles nos seus corpos, muito perto das suas almas. Vivem na tribulação e não há neste mundo ninguém que os possa reconfortar. Por isso, voltam o olhar para o Céu e aí colocam a sua esperança, contando receber alguma coisa dentro de si próprios. Desta forma, e graças à armadura do Espírito (Ef 6,13), vencerão. Com efeito, é do Céu que recebem a força, que

permanece escondida aos olhos da carne. Enquanto procurarem Deus com todo o seu coração, a força de Deus virá secretamente em seu auxílio a todo o momento. [...] É precisamente porque tocam com o dedo na sua fraqueza, porque são incapazes de vencer, que eles solicitam ardentemente a armadura de Deus e, assim revestidos com o equipamento do Espírito para o combate (Ef 6,13), tornam-se vitoriosos. [...]

Sabei, pois, irmão bem-amados, que em todos os que preparam a sua alma para se tornarem terra boa para a semente celeste, o inimigo apressa-se a semear o seu joio. [...] Sabei também que aqueles que não procuram o Senhor com todo o coração não são tentados por Satanás de forma tão evidente; é mais às escondidas e por manhas que ele tenta [...] afastá-los de Deus.

Mas agora, irmãos, tende coragem e não receeis. Não vos deixeis assustar com imaginações suscitadas pelo inimigo. Na oração, não vos entregueis a uma agitação confusa, multiplicando gritos sem nexo, mas acolhei a graça do Senhor na contrição e no arrependimento. [...] Tende coragem, reconfortai-vos, resisti, preocupai-vos com a vossa alma, perseverai zelosamente na oração. [...] Porque todos os que procuram Deus com verdade receberão uma força divina na sua alma e, recebendo essa unção celeste, sentirão em si o gozo e a doçura do mundo que há de vir. Que a paz do Senhor, aquela que esteve com todos os santos padres e os guardou das tentações, permaneça também convosco.

77. «Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.»

Homilia 31, atribuída a São Macário do Egito (?-390)

Deus é o bem supremo; congregue nele os pensamentos do teu espírito e não penses senão em aguardar a sua vinda. Que a alma congregue os seus pensamentos dispersos pelo pecado,

como se reunisse um bando de crianças que brincam, e os reconduza à mansão do seu corpo, esperando o Senhor em jejum e com amor, até que Ele venha e verdadeiramente a acolha. [...]

Se o nosso coração não se orgulhar, se não enviarmos os nossos pensamentos a pastar nos prados das ervas loucas do pecado, mas se, pelo contrário, elevarmos o espírito e conduzirmos os nossos pensamentos à presença do Senhor com um desejo fervoroso, então, no seu bem-querer, o Senhor virá seguramente a nós e unir-nos-á verdadeiramente a Si. [...]

Apressa-te, pois, a agradar ao Senhor, espera-O incessantemente no teu coração, procura-O nos teus pensamentos, incita a tua vontade e os teus sentimentos a orientarem-se constantemente para Ele. Verás então que Ele virá a ti e fará de ti a sua morada.

78. «Vinde às bodas»

Homilia atribuída a São Macário (?-390), monge do Egito - Homilias espirituais, n.º 15, § 30-31

No mundo visível, se um povo muito pequeno se revolta contra o rei, este não se incomoda a dirigir pessoalmente as operações, antes envia os seus soldados, com os respetivos chefes, e são eles que travam o combate. Pelo contrário, se o povo que se ergue contra ele é muito poderoso e é capaz de lhe devastar o reino, então o rei vê-se obrigado a empreender pessoalmente a campanha, com a sua corte e o seu exército, e a travar ele o combate. Considera que dignidade é a tua! Pois foi o próprio Deus quem empreendeu a campanha, com os seus próprios exércitos – os anjos e os espíritos santos –, para vir proteger-te e te libertar da morte. Tem, pois, confiança, e repara na providência de que és objeto.

Retiremos outro exemplo da vida presente. Imaginemos um rei que depara com um homem pobre e doente e, longe de se desgostar dele, lhe trata as feridas com medicamentos salutares, o leva para o palácio, o veste de púrpura, o cinge com um diadema e o convida para a sua mesa. Pois é assim que Cristo, o Rei celeste, Se aproxima do homem doente, o cura e o convida para a sua mesa real, e fá-lo sem lhe violar a liberdade, antes o persuadindo a aceitar honra tão elevada.

Está escrito no Evangelho que o Senhor enviou os seus servos, mandando-os convidar todos quantos quisessem acorrer, mandando-os anunciar: «Preparei o meu banquete!» Os convidados, porém, desculparam-se. [...] Aquele que convidava estava pronto, mas os convidados recusaram o convite; são, portanto, responsáveis pelo seu destino. Tal é a grande dignidade dos cristãos. Eis que o Senhor lhes prepara o Reino, e os convida a nele entrar; mas eles recusam-se. Perante o dom que nos foi prometido, poder-se-ia dizer que, se uma pessoa [...] sofresse tribulações desde a criação de Adão até ao fim do mundo, nada teria feito em comparação com a glória que receberá em herança, porque está destinada a reinar com Cristo pelos séculos sem fim.

Glória Àquele que amou de tal maneira esta alma, que Se entregou e Se confiou a ela, bem como a sua graça! Glória à sua majestade!

79. «Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
Cap. 150

Qual é a economia da vinda de Cristo? É o regresso da nossa natureza a si própria e a sua restauração. Porque Cristo concedeu à natureza humana a dignidade de Adão,

o primeiro homem. Além disso, concedeu-lhe -- graça verdadeiramente divina e verdadeiramente grande -- a herança celeste do Espírito bom, fazendo-a sair da prisão das trevas; e mostrou-lhe o caminho da vida: quem passar por esta porta, quem bater a esta porta, poderá entrar no Reino. Pois está dito: «Pedi e dar-se-vos-á, batei e abrir-se-vos-á» (Mt 7,7). Por esta porta, poderão entrar todos quantos quiserem encontrar a liberdade da sua alma e desejarem que esta recupere os seus pensamentos, se enriqueça permanecendo com Cristo e O tenha como Esposo, em comunhão com o Espírito.

Nisto vemos o inefável amor do Mestre pelo homem, que Ele criou à sua imagem!

80. «Eu era cego e agora vejo»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
Homilias espirituais, Cap. 100

A alma pobre em espírito reconhece as suas feridas, bem como as trevas das paixões que a rodeiam. Ela procura continuamente a redenção que lhe vem do Senhor. Carregando com as suas dores, não exulta com nenhum dos bens deste mundo, mas procura o único médico bom, não se confiando senão aos seus cuidados.

Como será então que esta alma ferida se tornará bela, graciosa e apta a viver com Cristo? Como, senão recuperando a sua antiga criação e reconhecendo claramente as suas feridas e a sua pobreza? Porque, se a alma não se comprazer nos seus ferimentos e nas marcas das suas paixões, se não ocultar as suas faltas, o Senhor não lhe imputará a causa do mal, mas virá cuidar dela, curá-la e restabelecer nela uma beleza impassível e incorruptível.

Mas a alma não pode ficar agarrada àquilo que fez, como se disse; não pode comprazer-se nas suas paixões, mas deve apelar ao Senhor com todas as suas forças, a fim de que Ele lhe dê o seu Espírito, liberto de todas as paixões. Esta alma será, pois, bem-aventurada.

Mas infeliz da alma que não sente as suas feridas e que, movida por um grande vício e um endurecimento sem medida, não acredita ter em si mal algum. Esta alma não será visitada nem curada pelo bom médico, porque não O procura nem se preocupa com os seus ferimentos, considerando que se comporta bem e que está sã. Com efeito, está dito: «Não são os sãos que precisam de médico, mas os doentes» (Mt 9,12).

81. «Até ficar tudo levedado»

Homilia atribuída a São Macário do Egito (?-390)
N.º 24, 4; PG 34, 662

Se amassarmos farinha sem lhe misturarmos fermento, bem podemos amassá-la, sová-la e trabalhá-la, que a massa não fermentará nem servirá para comer. Mas, quando lhe misturamos fermento, este faz levedar e crescer toda a massa, como na comparação que o Senhor aplicou ao Reino. [...] Assim é com a carne: por muito cuidado que tenhamos, se não lhe deitarmos sal para que se conserve, [...] começará a cheirar mal e tornar-se-á imprópria para consumo. Imagina, pois, que toda a humanidade é massa ou carne, e que a natureza divina do Espírito Santo é o sal e o fermento que vêm do outro mundo. Se o fermento celeste do Espírito e o sal bom da natureza divina não forem introduzidos na natureza humana humilhada e com ela misturados, nunca a alma perderá o mau odor do pecado, nem levedará, perdendo o peso e o defeito do «fermento da malícia» (1Cor 5,7). [...]

Se a alma se apoiar apenas nas suas próprias forças e se se crer capaz de tudo conseguir sem a ajuda do Espírito, engana-se redondamente; ela não está feita para as moradas do céu, não está feita para o Reino. [...] Se o pecador não se aproximar de Deus, se não renunciar ao mundo, se não esperar na esperança, e se a paciência for um bem estranho à sua natureza própria, que é a força do Espírito Santo, se o Senhor não instilar, do alto, a sua própria vida nessa alma, nunca tal homem provará a verdadeira vida. [...] Pelo contrário, se tiver recebido a graça do Espírito, se dele não se afastar, se não O desgostar com a sua negligência e as suas más ações, se, perseverando longamente no combate, não ofender o Espírito (cf Ef 4,30), terá a felicidade de obter a vida eterna.

82. «A alma, mais preciosa que o mundo inteiro»

Homilia atribuída a São Macário (?-390) monge do Egito - Paráfrase de Simeão, o Metafraste, sobre os Discursos de São Macário, o Egípcio, cap. 148

Comparados com a eternidade do mundo incorruptível, mil anos deste mundo são como um grão de areia tirado do mar. Peço-te que reflitas nisto: supõe que te tornavas o único rei de toda a terra, o único dono de todos os tesouros do mundo. [...] Se te fosse dado escolher, trocarias por eles o Reino verdadeiro e certo, que não tem em si absolutamente nada que passe e se dissolva? Posso afirmar que não, se o teu juízo for sólido e fores sábio em todas as coisas.

«Que aproveitará ao homem, se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?» (Mt 16,26), essa vida [da alma] que aprendemos que não pode ser trocada por coisa alguma? Pois só esta vida - já para não falar do Reino dos Céus - é, em si mesma, muito mais preciosa que o mundo inteiro e o reino deste mundo.

A alma é mais preciosa pelo seguinte: a nenhum outro ser criado é mais conveniente que Deus conceda a união e a comunhão com a sua própria natureza, a natureza do Espírito, nem ao céu, nem ao sol, nem à lua, nem às estrelas, nem ao mar, nem à terra, nem a qualquer criatura do mundo visível, mas apenas ao homem, que O ama acima de todas as coisas.

Se, pois, na retidão do nosso juízo, não trocamos estas coisas do mundo - a riqueza e o reino de toda a terra - pelo reino eterno, que loucura é a da maior parte dos homens que o consideram comparável a coisas vis e comuns, como uma certa cobiça, a pequena glória, um lucro medíocre e coisas semelhantes?

83. «Fazer violência a si próprio para se tornar morada do Senhor»

Homilia atribuída a São Macário (?-390) monge do Egito - Paráfrase de Simeão, o Metafraste, Homilias espirituais, n.º 19

Quem quiser aproximar-se do Senhor, ser digno da vida eterna, tornar-se morada de Cristo, ser cheio do Espírito Santo para dar os frutos desse Espírito [...] deve acreditar firmemente no Senhor e entregar-se sem reservas aos seus mandamentos. [...] Deve obrigar-se a ser humilde perante os homens [...], como o Senhor recomenda: «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas» (Mt 11,29). Do mesmo modo, deve esforçar-se por ser habitualmente misericordioso, suave, compassivo e bondoso, como o Senhor também ordena: «Sede misericordiosos tal como o vosso Pai celeste é misericordioso» (Lc 6,36; Mt 5,48); e ainda: «se me amardes, guardareis os meus mandamentos» (Jo 14,15); «o Reino dos Céus sofre de violência, e os violentos apoderam-se dele»; e «esforçai-vos por entrar pela porta estreita» (Lc 13,24). Em tudo,

deve inspirar-se na humildade, no comportamento, na mansidão e no modo de viver do Senhor. [...]

Persevere na oração, peça sem se cansar que o Senhor venha habitar nele, o restaure e lhe dê força para guardar todos os seus mandamentos, e que o próprio Salvador se torne a morada da sua alma. E o que conseguir fazer exercendo violência sobre si mesmo, contrariando a inclinação da natureza, fá-lo-á de boa vontade, porque se habituará completamente ao bem, lembrando-se incessantemente do Senhor e esperando-O com grande amor. Quando o Senhor vir tal resolução [...], terá piedade dele, libertá-lo-á dos seus inimigos e do pecado que nele habita, e enchê-lo-á do Espírito Santo. E ele guardará todos os mandamentos do Senhor em verdade, sem violência nem fadiga - ou melhor, será o próprio Senhor a cumprir nele os seus próprios preceitos e ele produzirá os frutos do Espírito com toda a pureza (cf Ga 5,22).

SILUANE DO MONTE ATHOS

Nascido na Rússia central em 1866 com o nome de **Simeão Ivanovich Antonov**, São Siluane foi um simples camponês que, desde a juventude, nutria desejo ardente por Deus. Após um período de vida mundana, marcado pelo arrependimento e pela busca da misericórdia, entrou em 1892 no **Mosteiro de São Pantaleão**, no Monte Athos, onde recebeu o nome monástico de Siluane.

Sua vida espiritual foi profundamente marcada por uma visão de Cristo vivo que lhe concedeu paz e força para suportar duras tentações e provações interiores. A partir dessa experiência, dedicou-se à oração incessante, sobretudo pela humanidade inteira, cultivando a humildade e o amor universal como marcas de sua espiritualidade.

Entre suas palavras mais conhecidas está o chamado à compaixão: **"Conserva o teu espírito no inferno e não desesperes"**, expressão que resume a luta contra o orgulho e a confiança absoluta na misericórdia divina.

Faleceu em 1938, sendo reconhecido como um dos grandes **mestres contemporâneos da oração e da humildade**. Sua memória e seus escritos, conservados por seu discípulo, o arquimandrita Sofrônio de Essex, continuam a iluminar o caminho dos monges e fiéis que buscam a verdadeira união com Cristo no Espírito Santo.

84. «Acorreram de todas as cidades e chegaram antes deles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão» (Mc 6,33-34)

Escritos Espirituais

O Senhor perdoou-me uma quantidade de pecados e deu-me a conhecer, pelo Espírito Santo, o quanto ama os homens. O céu inteiro se maravilha da Encarnação do Senhor: como Ele, o Senhor Supremo, veio salvar-nos, a nós pecadores, e nos deu o repouso eterno por meio de seus sofrimentos — pelo seu sofrimento.

A minha alma não quer pensar em nenhuma realidade terrestre; é atraída para onde está o Senhor. Doces para o coração são as palavras do Senhor, quando o Espírito Santo concede à alma a capacidade de as compreender — de as entender.

Quando o Senhor vivia na terra, seguia-O uma grande multidão; durante vários dias esses homens não conseguiam afastar-se d'Ele. Esquecendo os alimentos da terra, ficavam sedentos de ouvir as suas doces palavras.

A alma ama o Senhor, e aflige-a tudo o que a impede de pensar em Deus. E se, já na terra, a alma saboreia tão intensamente a doçura do Espírito Santo, quanto maior ainda não será a sua satisfação no alto dos céus — lá no alto!

Ó Senhor, com que amor tão grande amaste a tua criatura! A minha alma não pode esquecer o teu olhar tranquilo — tranqüilo — e doce.

85. «Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito»

Escritos Espirituais

O Senhor ama os homens, mas fá-los passar por provações. Assim, eles poderão reconhecer a sua própria impotência e humilhar-se e, graças à humildade, receber o Santo Espírito. E com o Santo Espírito tudo está bem, tudo se enche de alegria [...]

Aquele que vive em humildade contenta-se com tudo o que lhe acontece, porque o Senhor é a sua riqueza e alegria; todos os homens se espantarão com a beleza da sua alma. Dizes: «A minha vida está cheia de sofrimento». Mas responder-te-ei, ou melhor, é o próprio Senhor a dizer-te: «Sê humilde, e verás que as provações se transformarão em repouso», de tal maneira que tu próprio te espantarás e dirás: «Por que estava eu, antes, tão atormentado e aflito?» Agora és feliz porque te tornaste humilde e porque a graça divina veio até ti; agora, ainda que estejas só na pobreza, a alegria não te deixará, porque tens na alma aquela paz acerca da qual disse o Senhor: «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz» (Jo 14,27). É assim que o Senhor dá a paz às almas humildes.

86. «Se tiverdes fé como um grão de mostarda…» (cf. Mt 17,20)

Escritos Espirituais

Antigamente eu pensava que o Senhor só realizava milagres em resposta às preces dos santos; mas agora compreendi que o Senhor também realiza milagres ao pecador, quando a sua alma se humilha. Pois, assim que o homem aprende a humildade, o Senhor escuta as suas preces.

Muitos dizem, por ignorância, que tal santo fez um milagre; mas eu percebi que é o Espírito Santo que habita no homem quem realiza os milagres.

O Senhor quer que todos sejam salvos e vivam eternamente com Ele; é por isso que escuta as preces que o homem pecador Lhe dirige, tanto para o bem dos outros como para o seu próprio bem.

87. «Felizes os pobres em espírito» (Mt 5,3; cf. Lc 11,43)

Escritos Espirituais

A alma do homem humilde é como o mar: quando se lhe lança uma pedra, esta agita a superfície das águas durante alguns instantes, mas logo mergulha nas profundezas. Assim também são absorvidas as dores no coração do homem humilde, porque a força do Senhor está com ele.

Onde habitas, ó alma humilde? Quem vive em ti? E a que te posso comparar? Resplandeces, brilhante como o sol, mas não te consomes, apesar de arderes (cf. Ex 3,2), e aqueces todos os homens com o teu ardor.

A ti pertence a terra dos mansos, segundo as palavras do Senhor (Mt 5,4). És semelhante a um jardim florido, ao fundo do qual se ergue uma casa magnífica, onde o Senhor gosta de repousar.

Amam-te o céu e a terra. Amam-te os santos apóstolos, os profetas, os santos e os bem-aventurados. Amam-te os anjos, os serafins e os querubins. Ama-te, na tua humildade, a puríssima Mãe do Senhor. Ama-te o próprio Senhor, que em ti rejubila.

88. «Adão, onde estás?» (Gn 3,9)

Escritos Espirituais

A minha alma anseia pelo Senhor e eu procuro-O com lágrimas. Como poderia não Te procurar? Tu foste o primeiro a encontrar-me. Tu permitiste-me que vivesse a doçura do teu Espírito Santo e a minha alma amou-Te. Tu vês, Senhor, o meu sofrimento e as minhas lágrimas. Se não me tivesses atraído com o teu amor, eu não Te procuraria como Te procuro. Mas o teu Espírito fez-me conhecer-Te e a minha alma alegra-se por Tu seres — porque Tu és — o meu Deus e o meu Senhor, e, até às lágrimas, anseio por Ti...

Senhor misericordioso, Tu vês a minha queda e a minha dor; mas, humildemente, imploro a tua clemência: derrama sobre o pecador que eu sou a graça do teu Espírito Santo. A sua lembrança leva o meu espírito a encontrar de novo a tua misericórdia. Senhor, dá-me o teu humilde Espírito para que eu não perca de novo a tua graça e não me lamente como Adão, que chorava a separação de Deus e do Paraíso perdido.

O Espírito de Cristo, que o Senhor me deu, quer a salvação de todos, deseja que todos conheçam a Deus. O Senhor deu o Paraíso ao ladrão; dá-lo-á também a todos os pecadores. Pelos meus pecados, sou pior do que um cão tinhoso, mas roguei ao Senhor que me perdoasse, e Ele concedeu-me não só o seu perdão, mas também o próprio Espírito Santo. E, no Espírito Santo, conheci a Deus...

O Senhor é misericordioso; a minha alma sabe-o, mas descrevê-Lo é impossível. Ele é infinitamente manso e humilde, e a minha alma, quando O vê, transforma-se toda em amor a Deus e ao próximo; torna-se ela mesma mansa e humilde. Mas, se o homem perder a graça, chorará como Adão quando foi expulso do Paraíso...

Dá-nos, Senhor, o arrependimento de Adão e a Tua santa humildade!

89. «Creio na comunhão dos santos»

Escritos Espirituais

Muita gente tem a impressão de que os santos estão longe de nós. Só estão longe daqueles que se afastaram por si mesmos, mas muito próximos dos que guardam os mandamentos de Cristo e conservam a graça do Espírito Santo. No céu, tudo vive e se move pelo Espírito Santo: mas o Espírito Santo é o mesmo também aqui na terra. Está presente na nossa Igreja: atua nos sacramentos; sentimos o seu alento na Sagrada Escritura. Vivifica as almas dos crentes. O Espírito Santo une todos os homens e é por isso que os santos nos são próximos. Quando lhes rezamos, ouvem as nossas orações pelo Espírito Santo, e as nossas almas sentem, então, que eles rezam por nós. Os santos vivem no outro mundo, e lá, pelo Espírito Santo, veem a glória de Deus e a beleza do rosto do Senhor. Os santos veem, no mesmo Espírito Santo, a nossa vida e os nossos atos. Conhecem os nossos sofrimentos e ouvem as nossas preces ardentes. Enquanto viviam na terra, era do Espírito Santo que eles aprendiam o amor de Deus. Quem conservar o amor neste mundo passa com ele para a vida eterna, para o Reino dos céus, onde o amor cresce e se torna perfeito. E se, já aqui, o amor não pode esquecer o irmão, quanto mais os santos não nos hão de esquecer e rezar por nós! ... Os santos eram pessoas iguais a nós. Muitos de entre eles foram grandes pecadores. Mas, pelo seu arrependimento, alcançaram o Reino dos céus onde agora vivem, onde se encontram o Senhor e sua puríssima Mãe. É para lá, para essa maravilhosa e santa assembleia reunida pelo Espírito Santo, que a minha alma se sente atraída.

90. «Proclamai a Boa-Nova a toda a Criação» (Mc 16,15)

Escritos Espirituais

Hoje o Padre T., um eremita, veio à minha cela — veio à minha casa. Pensava que, sendo ele asceta, gostaria de falar de Deus. Tive uma longa conversa com ele e, ao final, pedi-lhe uma palavra para corrigir os meus erros.

Ele ficou em silêncio durante um instante e, depois, disse-me: «Vê-se que és orgulhoso. Por que falas tanto de Deus? Por que é que falas tanto de Deus? Os santos escondiam o amor de Deus em sua alma — na sua alma — e preferiam falar das lágrimas».

Mas a minha alma ama o Senhor... Como esconderia este fogo que me inflama — que a inflama? Como poderia calar as maravilhas do Senhor que encantaram a minha alma? Como poderia esquecer os benefícios do Senhor, pelos quais a minha alma conheceu Deus?

Como poderia não falar de Deus, se a minha alma se tornou presa do seu amor? Como calar — como me poderia calar — sobre Deus, se dia e noite o meu espírito arde de amor por Ele?

Serei eu então adversário das lágrimas? Por que razão, Padre, disseste à minha alma: «Não fales tanto de Deus?» «Por que falas tanto de Deus?» A minha alma ama-O... Como esconder o amor do Senhor por mim?

Certamente sou digno dos tormentos eternos; mas Ele perdoou-me e deu-me sua graça — a sua graça — que não pode permanecer escondida numa alma.

Hei de dizer à minha alma: «Esconde em ti as palavras do Senhor?» Mas todos os céus sabem — todos os céus conhecem — o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por mim; e hão de

perguntar-me por que escondi as maravilhas do Senhor e não falei delas aos homens, a fim de que todos amem a Deus e n'Ele encontrem o repouso.

91. «Disse-vos isto para que encontreis em mim a paz»

Escritos Espirituais

Não foi o próprio Senhor quem disse: «O Reino de Deus está em vós» (Lc 17,21)? É agora que começa a vida eterna. Peço-vos, meus irmãos, fazei a experiência! Se alguém vos ofender, vos caluniar, vos roubar o que vos pertence, mesmo se for um perseguidor, rezai a Deus dizendo: «Senhor, nós somos todos tuas criaturas, tem piedade dos teus servos e conduz-lhes o coração à penitência». Então, sentirás a graça na tua alma. Naturalmente que, ao princípio, tens de fazer algum esforço para amares os teus inimigos; mas o Senhor, ao ver a tua boa vontade, ajudar-te-á em todas as coisas e a própria experiência te mostrará o caminho. Pelo contrário, aquele que medita coisas más contra os seus inimigos não pode possuir o amor nem conhecer Deus. Não sejas nunca violento para com o irmão, nunca o julgues, convence-o na mansidão e no amor. O orgulho e a dureza roubam a paz. Ama, portanto, aquele que não te ama e reza por ele; assim, a tua paz não será perturbada.

92. «É da vontade de vosso Pai […] que não se perca um só destes pequeninos»

Escritos

Se os homens soubessem o que é o amor do Senhor, em multidão acorreriam junto de Cristo, e a todos Ele acalentaria com a sua graça. A sua misericórdia é inexprimível. O Senhor ama

o pecador que se arrepende, e com ternura o aperta contra seu peito: «Onde estavas, meu filho? Há tanto tempo que te esperava» (cf. Lc 15,20). O Senhor chama a si todos os homens pela voz do Evangelho, e a sua voz ecoa no mundo inteiro:

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos (Mt 11, 28). Vinde e bebei a água viva (Jo 7,37). Vinde e sabei que vos amo. Se não vos amasse, não vos chamaria. Não posso suportar que nem uma só de minhas ovelhas se perca. Ainda que seja por uma apenas, o pastor sobe às montanhas e por todo o lado a procura. Vinde, pois, a mim, minhas ovelhas. Criei-vos e amo-vos. O amor que tenho por vós fez-Me vir à Terra, e tudo suportei e sofri por vossa salvação. Quero que conheçam o meu amor e que digam como os apóstolos no monte Tabor: "Mestre, bom é estarmos aqui contigo"» (Mc 9,5) [...]

Atraíste a Ti as almas dos santos, Senhor, e elas correm até Ti como rios silenciosos. O espírito dos santos ligou-se a Ti, e sobre Ti se lança, Senhor, nossa luz e alegria. O coração dos teus santos fortaleceu-se no teu amor, Senhor, e não pode esquecer-Te por um instante que seja, nem mesmo no sono, porque doce é a graça do Espírito Santo.

93. «Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos»

Escritos Espirituais

Deus é amor (1Jo 4,8). Foi ele quem nos deu o mandamento de nos amarmos uns aos outros e mesmo aos nossos inimigos; e é o Espírito Santo quem nos ensina esse amor. Guarda a paz do Espírito Santo e nunca a percas em troca de futilidades. Se provocares desgosto a teu irmão, afliges o teu próprio coração; se fizeres a paz com o teu irmão, o Senhor dar-te-á infinitamente mais... Não foi o próprio Senhor quem disse: «O Reino de Deus

está em vós» (Lc 17,21)? É agora que começa a vida eterna, é também agora que lançamos a semente dos tormentos eternos. Peço-vos, meus irmãos, fazei a experiência! Se alguém vos ofender, vos caluniar, vos tirar o que vos pertence, mesmo que seja um perseguidor da Santa Igreja, rezai a Deus e dizei: «Senhor, nós somos todos tuas criaturas, tem piedade dos teus servos e conduz o seu coração à penitência». Então sentirás a graça na tua alma. Naturalmente que, no início, terás de te esforçar para amar os teus inimigos; mas o Senhor, ao ver a tua boa vontade, ajudar-te-á em todas as coisas e a própria experiência te mostrará o caminho. Aquele que, pelo contrário, meditar em coisas más contra os seus inimigos, não poderá possuir o amor nem, evidentemente, conhecer Deus.

94. «Não vos inquieteis quanto à vossa vida»

Escritos Espirituais

O Senhor disse aos seus discípulos: «Dou-vos a Minha paz» (Jo 14, 27). É a Deus que temos de pedir esta paz de Cristo, e o Senhor a dará a quem Lhe pedir. E, quando a recebermos, devemos velar santamente por ela, e fazê-la crescer. Aquele que, nas suas aflições, não se abandona à vontade de Deus não poderá conhecer a misericórdia de Deus. Se fores atingido pela infelicidade, não te deixes abater; recorda-te de que o Senhor te olha com bondade. Não admitas este pensamento: «Poderá o Senhor olhar para mim, agora que O ofendi?», porque o Senhor é a bondade por natureza. Mas volta-te com fé para Deus, e diz-Lhe o que diz o filho pródigo do Evangelho: «Já não mereço ser chamado teu filho» (Lc 15, 21). Verás então quão querido és pelo Pai, e a tua alma conhecerá uma alegria indescritível.

95. «O que discutíeis vós pelo caminho?» (Mc 9,33)

Escritos Espirituais

Ó humildade de Jesus Cristo! Tu dás à alma uma alegria indescritível. Tenho sede de Ti, porque em Ti a alma esquece a terra e se eleva mais ardentemente para Deus.

Se o mundo compreendesse o poder das palavras de Cristo: «Aprendei de mim a mansidão e a humildade de coração»; «Aprendam de mim a doçura da humildade» (Mt 11,29), deixaria de lado qualquer outra ciência para adquirir esse conhecimento celeste.

Os homens não conhecem a força da humildade de Cristo; desejam as coisas da terra. Mas o homem não pode penetrar o poder destas palavras do Senhor sem o Espírito Santo. Quem as experimentou — quem as penetrou — nunca mais as abandona, mesmo se todos os tesouros do mundo lhe fossem oferecidos.

Aquele que provou — que saboreou — o amor de Deus infinitamente doce não pode mais voltar-se às coisas da terra; sente-se atraído sem cessar por esse amor.

Mas nós perdemos esse dom pelo nosso orgulho e vaidade, pelas nossas inimizades e juízos em relação aos irmãos; abandonamo-lo pelos nossos pensamentos cúpidos e pela nossa propensão para a terra.

Então a graça abandona-nos, e a alma, perturbada, deprimida e abatida, deseja a Deus e clama, como Adão expulso do Paraíso: «Minha alma definha e busco-Te em lágrimas! A minha alma definha e busco-Te em lágrimas! Vê a minha aflição, ilumina as minhas trevas para que eu viva em alegria!»

Senhor, dá-me a tua humildade, para que o teu amor esteja em mim, e em mim viva o teu temor.

96. «Por que ter medo?»

Escritos (testemunho transmitido por Sophrony)

No dia 14 de setembro houve no Monte Athos um violento tremor de terra. Produziu-se durante a noite, na vigília da festa da Exaltação da Santa Cruz. Eu estava no coro, junto do Prior, exatamente no lugar onde ele costumava confessar. Um tijolo soltou-se do teto e caiu nesse mesmo local, assim como muito estuque.

A princípio assustei-me um pouco, mas logo me acalmei e disse ao Prior: «Eis que o Senhor misericordioso quer que nos arrependamos».

Olhamos para os outros monges na igreja e no coro: poucos tiveram medo; cerca de seis homens saíram da igreja, os outros permaneceram em seus lugares, e a vigília prosseguiu de acordo com a ordem habitual, com tanta tranquilidade como se nada tivesse acontecido.

E pensei: «Como é abundante nestes monges a graça do Espírito Santo!»

Com efeito, enquanto ocorria um tremor de terra tão violento que todo o imenso edifício do mosteiro tremia, a cal caía, os lustres, as lâmpadas de azeite e os candelabros balançavam, os sinos começaram a tocar no campanário — até o sino grande soou com a violência do abalo —, eles, pelo contrário, permaneceram serenos.

E compreendi: «A alma que conheceu o Senhor não teme nada, exceto o pecado, sobretudo o pecado do orgulho. Ela sabe que o Senhor nos ama e, se Ele nos ama, que temos nós a temer?»

97. «Quando vier, o Espírito de verdade guiar-vos-á para a verdade completa»

Escritos Espirituais

Se quiseres rezar no teu coração e não fores capaz, contenta-te com dizer a oração com os lábios e mantém o teu espírito atento ao que dizes. Pouco a pouco, o Senhor te dará também a graça da oração interior e saberás então rezar sem distrações. Não procures realizar a oração do coração através de meios técnicos; prejudicarias o teu coração e, no fim, estarias a rezar só com os lábios. Reconhece a ordem da vida espiritual: Deus concede os seus dons à alma humilde e sincera. Sê obediente, conserva a moderação em tudo, no alimento, na palavra, em toda a atitude. Então o próprio Senhor te dará a graça da oração interior...

O silêncio espiritual nasce do desejo de cumprir o mandamento de Cristo:

> *«Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças»* (Mt 12,33).

Esse silêncio nasce da procura do Deus vivo, naquele que se quer libertar das tentações deste mundo para encontrar o Senhor na plenitude do amor, para viver em sua presença na pura oração. Senhor, como poderia eu não te procurar? Tu revelaste-te à minha alma de uma forma tão incrível! Fizeste-a prisioneira do teu amor, ela não pode esquecer-te. Com efeito, repentinamente, a alma reconhece o Senhor no Espírito Santo; quem pode descrever esta alegria e esta consolação? O Espírito Santo age no homem todo, na inteligência, na alma e no corpo; por isso, Deus é reconhecido na terra como no céu. Na sua infinita bondade, o Senhor concedeu-me esta graça, a mim que sou pecador, para que os homens o conheçam e se voltem para ele.

98. «Quiseste que ela se tornasse nossa mãe quando estava perto da cruz de Jesus»

Oração sobre as oferendas

Oh, como é bom quando a alma está toda cheia do amor de Deus, como tudo se enche de doçura e de alegria! Mas, mesmo então, não escapamos às aflições e, quanto maior é o amor, maiores são as aflições. A Mãe de Deus nunca pecou, nem por um só pensamento, nunca perdeu a graça, mas também ela teve de suportar grandes aflições. Quando estava ao pé da cruz, a sua pena era grande como o oceano. As dores da sua alma eram incomparavelmente maiores do que as de Adão ao ser expulso do Paraíso, porque o seu amor era, também ele, incomparavelmente maior do que o de Adão. E se se manteve viva, foi unicamente porque a força do Senhor a sustentava, porque o Senhor queria que ela visse a sua ressurreição e que, depois da sua ascensão, ficasse na terra para consolar e alegrar os apóstolos e o novo povo cristão.

99. «Vim trazer um fogo à terra» (Lc 12,49)

Escritos Espirituais

Ó humildade de Cristo! Eu conheci-te, mas não consigo alcançar-te — eu conheci-te sim, mas não te posso atingir. Os teus frutos são doces e saborosos, porque não são deste mundo.

O Senhor veio à terra para nos dar o fogo da sua graça no Espírito Santo. O humilde possui esse fogo, e o Senhor concede-lhe tal graça. Mas numa alma desencorajada e aviltada, esse fogo não pode acender-se.

Todos os céus se maravilham com o mistério da Encarnação: como — a forma como — o Criador de tudo desceu à terra para resgatar os pecadores!

O orgulho e a vaidade impedem muitas vezes a alma de encontrar o caminho da fé. Eis um conselho para quem duvida e não crê: que reze assim — «Senhor Deus, se Tu existes, ilumina-me!» —; que ele reze assim: «Senhor Deus, se Tu existes, ilumina-me!»

Por causa desse desejo humilde e da prontidão em servi-l'O, o Senhor o iluminará — o Senhor iluminá-lo-á — e ele sentirá em sua alma a presença de Deus; a sua alma saberá que Deus lhe perdoou e que o ama.

Aquele que perseverar na oração — aquele que permanecer fiel à oração — será iluminado pelo Senhor.

SIMEÃO, O NOVO TEÓLOGO

Nascido em Constantinopla em 949, São Simeão ingressou ainda jovem na vida monástica, sob a orientação espiritual de São Simeão, o Estudita. Viveu no mosteiro de Studios e depois no mosteiro de São Mamede, onde se tornou higúmeno. Sua vida foi marcada por intensas experiências místicas e pela firme convicção de que a graça do Espírito Santo se manifesta já nesta vida àqueles que buscam a pureza do coração.

Por sua pregação ousada — insistindo na necessidade da experiência pessoal de Deus e na ação direta do Espírito na vida dos fiéis — enfrentou incompreensões e perseguições, chegando a ser exilado por algum tempo. Apesar disso, deixou escritos de extraordinária beleza e profundidade: **Catequeses, Hinos ao Amor Divino e Tratados Éticos e Teológicos**, que revelam a centralidade da luz divina e da oração interior em sua espiritualidade.

Chamado "Novo Teólogo" — título concedido apenas a três santos na tradição ortodoxa (junto com São João Evangelista e São Gregório Nazianzeno) —, Simeão ensina que todo cristão, pela humildade, arrependimento e invocação do Nome de Jesus, pode tornar-se testemunha da graça e participante da vida divina já nesta vida.

Faleceu em 1022, sendo celebrado como **um dos maiores místicos da Igreja**, mestre da oração do coração e da experiência da luz incriada do Espírito.

100. «A Mim o fizestes» (Mt 25,40)

Capítulos teológicos, gnósticos e práticos, § 92 ss.

Se alguém der um óbulo a noventa e nove pobres, e em seguida injuriar, agredir ou despedir um só que seja de mãos vazias, sobre quem cai semelhante tratamento, senão sobre Aquele que disse, que não deixa de dizer, e que dirá um dia:

> «*Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes*»?

Ele está, efetivamente, em todos estes pobres, Aquele que é alimentado por nós em cada um deles. Da mesma maneira, se hoje alguém dá tudo o que é necessário a todos e amanhã, podendo continuar a fazê-lo, esquece os irmãos e os deixa morrer à fome, à sede e ao frio, é como se tivesse desprezado e deixado morrer Aquele que disse:

> «*Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes*».

Se Cristo Se dignou assumir o rosto dos pobres, se Se identificou com todos os pobres, foi para que nenhum dos que nele creem se eleve acima do seu irmão, mas antes o acolha como a Cristo, respeitando-o e aplicando ao seu serviço todos os recursos de que dispõe, como Cristo derramou todo o seu sangue pela nossa salvação.

Talvez isto pareça penoso a muitos, que considerem razoável pensar:

> «*Ninguém pode alimentar e cuidar de todos os necessitados, sem esquecer nenhum!*»

Esses devem ouvir o que diz São Paulo:

> «*O amor de Cristo nos constrange, persuadidos de que, se um só morreu por todos, então todos estão mortos*» (2Cor 5,14).

101. «Filho de Davi, tem misericórdia de mim!» (Lc 18,38)

Ética 5

Aprendeste, meu amigo, que o Reino dos céus está dentro de ti (Lc 17,21), se assim o quiseres, e que todos os bens eternos estão nas tuas mãos. Apressa-te, portanto, a ver, a sentir e a obter em ti todos esses bens que te estão reservados. [...]

Clama a Deus e prostra-te diante d'Ele. Como o cego de outrora, diz também tu agora: «Tem misericórdia de mim, Filho de Deus, e abre os olhos da minha alma, para que eu veja a Luz do mundo (Jo 8,12), que és Tu, meu Deus, e me torne também filho dessa luz divina (Jo 12,36). Tu, que és bom e generoso, envia-me também a mim o Espírito Santo, o Consolador (Jo 14,26), para que me ensine tudo o que Te diz respeito, tudo o que Te pertence, ó Deus do universo.

Permanece em mim, como prometeste, para que eu também permaneça em Ti (Jo 15,4). Permite-me saber entrar em Ti e saber que Te possuo em mim. Tu, que és invisível, digna-Te tomar forma em mim, para que, ao contemplar a tua beleza inacessível, traga em mim a tua imagem, Tu que estás nos céus, e assim me esqueça de todas as coisas visíveis.

Dá-me a glória que o Pai Te deu (Jo 17,22), Tu que és misericordioso, para que, semelhante a Ti como todos os teus servos, eu participe da vida divina segundo a graça e permaneça contigo continuamente, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

102. «Quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedem!»

homilia ou exortação espiritual atribuída a São Simeão, o Novo Teólogo

O Criador - tem atenção ao que vou explicar-te! - enviará o Espírito divino, e não me refiro a uma alma como a que tu tinhas, mas ao Espírito, ou seja, Àquele que vem de Deus, que soprará, que habitará, que fixará a sua morada de forma substancial em ti, que te iluminará, te fará brilhar e te recriará por completo, que te fará passar de corruptível a incorruptível, que voltará a fazer-te habitar a tua casa decrépita, ou seja, a casa da tua alma, tornando assim incorruptível todo o teu corpo, que te tornará divino por graça, e semelhante ao teu Modelo.

Oh maravilha! Oh mistério de todos desconhecido, [...], ignorado por quantos não têm um coração puro, ignorado pelos que não pedem, com coração fervoroso, para receber o Espírito divino, ignorado pelos que não creem que, ainda agora, Deus concede o Espírito divino aos que Lhe pedem. Porque a incredulidade afasta e expulsa o Espírito divino: quem não acredita, não pede; e, não pedindo, também não recebe. [...] [O Senhor de todos os seres, celestes e terrenos,] deu-nos o Espírito divino, [...] e este Espírito, sendo Deus, concede-nos todos os bens.

103. «Aquele que Deus enviou transmite as palavras de Deus»

(Catequeses, n.º 3)

O Senhor disse-nos: «Esquadrinhai as Escrituras» (Jo 5,39). Esquadrinhai-as então e retende com muita exatidão e fé tudo o que elas dizem. Deste modo, conhecendo claramente a vontade

de Deus [...], sereis capazes de distinguir, sem vos enganardes, o bem do mal, em lugar de ouvir qualquer espírito e de serdes levados por pensamentos nocivos.

Estai certos, meus irmãos, de que nada é tão favorável à nossa salvação como o cumprimento dos preceitos divinos do Senhor. [...] Precisaremos, no entanto, de muito temor, paciência e perseverança na oração para nos ser revelado o sentido de uma só palavra do Mestre, para conhecermos o grande mistério oculto nas suas mais pequenas palavras, e para estarmos preparados para dar a nossa vida pelo mais pequeno traço dos mandamentos de Deus (cf. Mt 5,18).

Porque a palavra de Deus é como uma espada de dois gumes (Hb 4,12) que penetra e retira da alma toda a cobiça e todo o instinto carnal. Mais do que isso, ela torna-se também como que um fogo devorador (Jr 20,9), quando reanima o ardor da nossa alma, quando nos faz desprezar todas as tristezas da vida e considerar as provações uma alegria (Tg 1,2), quando, perante a morte que os homens temem, ela nos faz desejar e abraçar a vida ao dar-nos o meio de a alcançar.

104. «Jesus saiu ao seu encontro»

(Catequese 13)

Muitas pessoas acreditam na ressurreição de Cristo, mas poucas têm dela uma visão clara. Como poderão aqueles que não a testemunharam adorar a Cristo como santo e como Senhor? Com efeito, está escrito: «Ninguém pode dizer "Jesus é o Senhor" senão pelo Espírito Santo» (1Cor 12,3), e também: «Deus é Espírito e os que O adoram devem adorá-lo em espírito e verdade» (Jo 4,24). [...]

Porque é então que o Espírito Santo nos incita a dizer hoje [na liturgia]: «Nós vimos a ressurreição de Cristo. Adoremos o Santo, o Senhor Jesus, o único que não tem pecado»? Porque nos

convida a afirmá-lo, como se O tivéssemos visto? Cristo ressuscitou uma só vez, há mil anos, e mesmo nessa altura ninguém O viu ressuscitar. Quererá a Sagrada Escritura que mintamos?

Nem pensar! Pelo contrário, ela exorta-nos a atestar a verdade, esta verdade que, em cada um de nós, seus fiéis, emana da ressurreição de Cristo; e não o faz uma só vez, mas hora a hora, por assim dizer, sempre que o Mestre em pessoa, Cristo, ressuscita em nós, vestido de branco e fulgurante em raios de incorruptibilidade e de divindade.

Porque a luminosa vinda do Espírito faz-nos entrever, como naquela manhã, a ressurreição do Mestre, ou antes, dá-nos a graça de O vermos, a Ele, o ressuscitado. É por isso que cantamos: «O Senhor é Deus e apareceu-nos» (Sl 117,27); e, aludindo à sua segunda vinda, acrescentamos: «Bendito O que vem em nome do Senhor» (v. 26). [...]

É, pois, espiritualmente, aos olhos do nosso espírito, que Ele Se mostra e Se faz ver. E, quando isso se produz em nós pelo Espírito Santo, Ele ressuscita-nos dos mortos, vivifica-nos e dá-Se a ver, inteiro, vivo em nós, Ele que é o imortal e o eterno: dá-nos a graça de O conhecermos claramente, Ele que nos ressuscita consigo e nos faz entrar consigo na sua glória.

105. «Quem não junta Comigo dispersa»

(Catequese 27)

Aqueles que são amigos de Deus e que O amam, que O possuem em si mesmos como tesouro inviolável de todo o bem, recebem as injúrias e as humilhações com uma alegria e uma felicidade inexprimíveis (Mt 5,10-12). O seu amor redobra, e é um amor sincero por aqueles que [...] os fazem sofrer tudo aquilo, como se fossem seus benfeitores. [...]

Aquele que não conheceu nenhuma queda, o Senhor Jesus, nosso Deus, foi atingido para que os pecadores que O imitam não só recebam o perdão, mas se tornem participantes na sua divindade através da sua obediência. Quem não aceita as afrontas na humildade do seu coração, quem tem vergonha de imitar os sofrimentos do Mestre, também Cristo terá vergonha dele na presença dos anjos (Lc 9,26). [...]

Foi esbofeteado, coberto de escarros, crucificado [...]: estremecei, homens, tremei e suportai vós também as injúrias que Deus sofreu para nossa salvação. Deus é esbofeteado pelo último dos servos (Jo 18,22) para te dar um exemplo de vitória; e tu não aceitas o mesmo tratamento por parte de um dos teus semelhantes? Se tens vergonha de imitar Deus, como te regenerarás com Ele? Se, enquanto esperas, não fores paciente nos vexames, como serás glorificado com Ele no Reino dos céus?

106. «Crer em Jesus atualmente»

(Catequeses, n.º 29)

Muitos não se cansam de dizer: «Se nós tivéssemos vivido na época dos apóstolos e se tivéssemos sido considerados dignos de ver Cristo como eles, também nos teríamos tornado santos como eles». Ignoram que Ele é o mesmo, Aquele que fala, agora como nesse tempo, em todo o universo. [...]

A situação atual não é certamente a mesma que se vivia então, mas é a situação de hoje, de agora, que é muito mais feliz. Ela conduz-nos mais facilmente a uma fé e convicção mais profundas do que o fato de O ter visto e ouvido fisicamente.

Naquela época, com efeito, era um homem que aparecia àqueles que não tinham inteligência, um homem de condição humilde; mas atualmente é um Deus que nos é pregado, um Deus verdadeiro. Naquele tempo, Ele frequentava fisicamente os publicanos e os pecadores e comia com eles; mas agora está

sentado à direita de Deus Pai, nunca tendo estado separado d'Ele de maneira nenhuma. [...]

Na altura, até as pessoas sem valor o desprezavam dizendo: «Não é o filho de Maria e de José, o carpinteiro?» (Mc 6,3; Jo 6,42). Mas agora os reis e os príncipes adoram-n'O como Filho do verdadeiro Deus e o próprio Deus verdadeiro. [...]

Então, era tido por um homem perecível e mortal entre todos os outros. Ele que é Deus sem forma e invisível recebeu, sem alteração nem mudança, uma forma num corpo humano; mostrou-Se totalmente homem, sem oferecer ao olhar nada mais do que os outros homens. Comeu, bebeu, dormiu, transpirou e cansou-Se; fez tudo o que os homens fazem, exceto o pecado.

Não era fácil reconhecer e crer que um homem daqueles era Deus, Aquele que fez o céu, a terra e tudo o que eles contêm. [...]

Deste modo, quem hoje escuta diariamente Jesus proclamar e anunciar através dos santos Evangelhos a vontade do seu Pai abençoado sem Lhe obedecer com temor e estremecimento e sem cumprir os mandamentos também não teria aceitado acreditar n'Ele naquela época.

107. «Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa»

(Catequeses, n.º 33)

A «chave do conhecimento» (Lc 11,52) não é senão a graça do Espírito Santo, que é dada pela fé. Pela iluminação, ela produz um conhecimento muito real, e mesmo o conhecimento completo. Ela abre o nosso espírito fechado na obscuridade, muitas vezes com parábolas e símbolos, mas também com declarações mais claras. [...]

Prestai, pois, muita atenção ao sentido espiritual da palavra. Se a chave não for adequada, a porta não se abrirá. Porque, disse o Bom Pastor, «é a ele que o porteiro abre» (Jo 10,3). Mas, se a porta não se abrir, ninguém entra na casa do Pai, porque Cristo disse: «Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14,6).

Ora, é o Espírito Santo Quem primeiro abre o nosso espírito e nos ensina o que se refere ao Pai e ao Filho. Cristo disse-nos:

> *«O Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que Eu vos hei de enviar da parte do Pai, dará testemunho a Meu favor, e guiar-vos-á a toda a verdade» (Jo 15,26; 16,13).*

Vede como, pelo Espírito, ou melhor, no Espírito, o Pai e o Filho Se dão a conhecer inseparavelmente. [...]

Se chamamos ao Espírito Santo uma chave, é porque é primeiramente por Ele e n'Ele que o nosso espírito é iluminado. Uma vez purificados, somos iluminados pela luz do conhecimento. Somos batizados do alto, recebemos um novo nascimento e tornamo-nos filhos de Deus, como disse São Paulo:

> *«O Espírito Santo intercede por nós com gemidos inefáveis» (Rm 8,26).*

E ainda:

> *«Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama: "Abbá, Pai"» (Gl 4,6).*

É, por conseguinte, Ele que nos mostra a porta, porta que é luz, e a porta ensina-nos que Aquele que habita esta casa é também luz inacessível.

108. «A quem bate à porta, abrir-se-á»

Hino – a partir da Catequese 33

[Diz Cristo:]

Ai de vós, doutores da Lei,
porque tirastes a chave da ciência (cf. Lc 11,52).

A chave da ciência é o Espírito Santo,
dado pela fé,
que ilumina o coração,
abre o espírito fechado e velado,
e conduz ao conhecimento pleno.

A porta é o Filho:
«Eu sou a Porta» (Jo 10,7).

A chave da porta é o Espírito Santo:
«Recebei o Espírito Santo.
Àqueles a quem perdoardes os pecados,
ser-lhes-ão perdoados;
aos que os retiverdes,
ser-lhes-ão retidos» (Jo 20,22-23).

A casa é o Pai:
«Na casa de meu Pai há muitas moradas» (Jo 14,2).

Se a porta não se abrir,
ninguém entrará na casa do Pai.
«Ninguém vem ao Pai senão por Mim» (Jo 14,6).

O Espírito Santo é o primeiro a abrir o espírito,
a ensinar o que diz respeito
ao Pai e ao Filho:
«Quando vier o Consolador,
que vos hei de enviar do Pai,
o Espírito da Verdade,

que procede do Pai,
Ele dará testemunho de Mim» (Jo 15,26).

No Espírito, o Pai e o Filho
se dão a conhecer inseparavelmente.

Chamamos chave ao Espírito Santo,
porque é Ele quem clarifica o espírito,
purifica, ilumina com a luz do conhecimento,
batiza do alto,
regenera e faz filhos de Deus.

«É o próprio Espírito
que intercede por nós
com gemidos inefáveis» (Rm 8,26).
«Deus enviou aos nossos corações
o Espírito que clama: Abbá! Pai!» (Gl 4,6).

É Ele, pois, a chave, que aponta a Porta.

A Porta é luz.
E a Porta mostra
que Aquele que habita na Casa
é também luz inacessível.

109. «Invocação do Espírito Santo»

Introdução aos Hinos (SC 156)

Vem, luz verdadeira.
Vem, vida eterna. Vem, mistério escondido.
Vem, tesouro inominável.
Vem, realidade inexprimível.
Vem, pessoa inconcebível.
Vem, felicidade sem fim.
Vem, luz sem ocaso.
Vem, espera infalível

de todos aqueles que virão a ser salvos.
Vem, despertar dos que adormeceram.
Vem, ressurreição dos mortos.
Vem, Poderoso, que continuamente fazes e refazes
e transformas tudo só com a tua vontade. [...]
Vem, Tu que permaneces inalterável,
e, no entanto, a cada instante
Te pões inteiramente a caminho
para Te dirigires a nós,
prostrados entre os mortos,
estando Tu acima de todos os céus. [...]
Vem, júbilo eterno.
Vem, coroa imperecível (1Cor 9,25).
Vem, púrpura do grande Rei, nosso Deus. [...]
Vem, Tu que desejaste e desejas a minha alma miserável.
Tu, que és o só, vem ao solitário,
pois, como vês, estou só. [...]
Vem, Tu que por Ti mesmo Te tornaste o meu desejo,
que me levaste a desejar-Te,
a Ti, o absolutamente inacessível.
Vem, minha respiração e minha vida.
Vem, consolação da minha pobre alma.
Vem, meu júbilo, minha glória,
minha alegria sem fim.

Eu Te dou graças
por Te teres tornado um só espírito comigo (Rom 8,16),
sem confusão, sem alteração, sem transformação,
Tu que és o Deus que está acima de tudo,
e de seres para mim tudo em todos (1Cor 15,28). [...]
Dou-Te graças por Te tornares para mim luz sem ocaso,
sol sem declínio,
visto que não tens onde Te esconder
porque enches o universo com a tua glória.
Não, nunca Te escondeste a ninguém:
somos sempre nós que nos escondemos de Ti,
recusando-nos a aproximar-nos de Ti. [...]

Por isso vem, Mestre,
faz hoje a tua tenda em mim (Jo 1,14);
faz a tua morada e habita em mim, teu servo,
continuamente, inseparavelmente, até ao fim,
porque Tu és bom.
E que também eu, ao partir deste mundo,
me encontre em Ti, ó bondade imensa,
e reine contigo, Deus que estás acima de tudo..

110. Os anjos nos céus veem constantemente a face de Meu Pai (Mt 18, 10)

Hino 2

Eu Te dou graças, Senhor,
porque me concedeste a vida,
e conhecer-Te,
e adorar-Te, meu Deus.

Pois «a vida é conhecer-Te,
a Ti, único Deus verdadeiro» (Jo 17,3),
Criador e Autor de tudo,
não gerado, não criado, sem princípio, único.
E ao teu Filho, gerado de Ti,
e ao Espírito Santíssimo, procedente de Ti,
à Trina Unidade,
digna de todo o louvor.

[...]

O que possuem os anjos, os arcanjos,
as dominações, os querubins e os serafins,
e todos os exércitos celestes,
como glória ou luz de imortalidade?

Que alegria, que esplendor de vida imaterial,
senão a única luz
da Santíssima Trindade?

[...]

Cita-me um ser, incorpóreo ou corpóreo:
e encontrarás que foi Deus quem tudo fez.

Se te falam dos do céu,
ou dos da terra,
ou dos abismos,
para todos há uma única vida,
uma glória, um desejo, um reino,
uma única riqueza,
alegria, coroa, vitória, paz,
ou qualquer outro brilho;
e tudo consiste nisto:
no conhecimento do Princípio,
da Causa de onde tudo veio,
onde tudo teve a sua origem.

Lá está Aquele
que sustenta as coisas nas alturas,
e as coisas aqui de baixo.

Lá está Aquele
que põe ordem em todos os seres espirituais,
que reina sobre todos os seres visíveis.

[...]

Eles cresceram no conhecimento,
e redobraram o temor,
ao ver Satanás cair,
e os seus companheiros arrastados pela presunção.

Os que caíram, esqueceram-se;
escravos do orgulho, perderam tudo.

Mas os que guardaram o conhecimento,
elevados pelo temor e pelo amor,
uniram-se ao seu Senhor.

E o reconhecimento do senhorio
produziu o crescimento do seu amor,
porque viram mais claramente
o fulgor da Trindade.

111. «A Luz que me leva pela mão»

Hino 18; SC 174

Nós conhecemos o amor que Tu nos deste,
um amor sem limite, inexprimível,
que nada pode conter;
ele é luz, luz inacessível, luz que age em tudo.
[...] Na verdade, o que não faz essa luz e o que não é?
Ela é encanto e alegria, doçura e paz,
misericórdia sem fim, abismo de compaixão.

Quando a possuo, não dou por ela;
só a vejo quando ela parte;
precipito-me para a agarrar e ela desaparece.
Não sei que fazer e esgoto as minhas forças.

Aprendo a pedir e a procurar com lágrimas
e com grande humildade,
e a não considerar possível o que ultrapassa a natureza,
nem como resultado do meu poder ou do esforço humano
o que vem da compaixão de Deus e da Sua infinita misericórdia.

Essa luz leva-nos pela mão,
fortifica-nos, ensina-nos, mostra-se
e depois foge quando temos necessidade dela.
Não é quando nós a queremos — isso pertence aos perfeitos —,

mas é quando estamos em trabalhos e completamente exaustos
que ela vem em nosso socorro.

Ela aparece de longe e consigo senti-la no meu coração.
Grito até ficar estrangulado de tanto querer agarrá-la,
mas tudo é noite e as minhas pobres mãos estão vazias.

Esqueço tudo, sento-me e choro,
desesperando de a tornar a ver assim mais uma vez.
Quando já chorei muito e consinto em parar,
então, vindo misteriosamente,
ela toma a minha cabeça e eu desfaço-me em lágrimas
sem saber quem está aqui
a iluminar o meu espírito com uma luz tão doce.

112. «Tudo o que o Pai tem é meu» (Jo 16,15)

Hino 21

Tu brilhaste, manifestaste como luz de glória
a luz inacessível da tua essência, Salvador,
e iluminaste esta alma mergulhada nas trevas. [...]

Alumiados pela luz do Espírito,
os homens olham o Filho, veem o Pai
e adoram a Trindade das Pessoas, o Deus único. [...]

Porque o Senhor [Cristo] é o Espírito (2Cor 3,17),
Espírito é também Deus, o Pai do Senhor,
verdadeiramente um só Espírito, pois Ele é indiviso.
Aquele que O possui, possui em verdade aos três,
mas distintamente a cada um. [...]

Pois o Pai existe — e como poderia ser Filho?
Pois Ele é ingerado por essência.
Há o Filho — e como Se tornará Espírito?
O Espírito é Espírito — e como aparecerá Pai?

O Pai é Pai, porque gera incessantemente.
O Filho é Filho, porque incessantemente é gerado
e foi gerado antes de todos os tempos.
Surgiu sem ser cortado da Sua raiz.
Mas está simultaneamente à parte sem estar separado,
e inteiro e uno com o Pai vivo;
e Ele próprio é Vida e a todos dá a vida (Jo 14,6; 10,28).

Tudo o que o Pai tem, tem o Filho.
Tudo o que o Filho tem, tem o Pai.
Quando vejo o Filho, vejo o Pai.
Vemos o Pai semelhante em tudo ao Filho,
salvo que um gera e o outro é incessantemente gerado. [...]

Como surge do Pai o Filho?
Tal e qual como a palavra sai do espírito.
Como Se separa Dele?
Tal e qual como da palavra, a voz.
Como toma corpo?
Tal e qual como a palavra que se escreve. [...]

Como dar nome ao Criador de tudo?
Nomes, ações, expressões,
tudo surgiu no mundo por ordem de Deus,
porque Ele deu nomes às suas obras
e a cada realidade a designação devida.

Mas quanto ao seu próprio nome,
jamais O conhecemos;
somente O nomeamos por «Deus inexprimível»,
como dizem as Escrituras (Gn 32,30).
Então, se Ele é inexprimível, se não tem nome,
se é invisível, se é misterioso,
se é inacessível, único acima de toda a palavra,
acima de todo o pensamento, não apenas dos homens,
mas também do dos anjos:
«Fez das trevas o seu véu» (Sl 17,12).

Tudo o mais aqui na terra pertence às trevas;
mas só Ele, como a luz, está fora das trevas.

113. «Eu e o Pai somos Um»

Hino 21, 468 ss.

Enviado e vindo do Pai, o Verbo desceu
E habitou, inteiro, nas entranhas da Virgem.
Tal como inteiro estava no Pai
E inteiro esteve nesse seio virginal,
inteiro está no Todo, Ele que nada pode conter.

[...] Permanecendo inalterado,
assumiu a condição de escravo (Fl 2,7)
E, encarnando neste mundo,
tornou-Se em tudo um homem.
[...] como afirmar o que nem aos anjos pode ser explicado,
Nem aos arcanjos, nem a todos os seres criados?

Sendo de maneira legítima inteligível,
Não podemos sequer exprimi-lo,
Nem o nosso espírito compreendê-lo na totalidade.

Como, então, é Deus e homem, e homem-Deus,
E Filho inteiro do Pai, de modo inseparável?
Como Se tornou Filho da Virgem
e foi dado à luz neste mundo,
Como permaneceu para nós impossível de ser contido?

Remeter-te-ás ao silêncio perante tudo isto.
E, mesmo que quisesses falar,
Ao teu espírito faltariam as palavras,
E à tua língua eloquente restaria o emudecimento.

[...] Glória a Ti, Pai, Filho e Espírito Santo,
Divindade inatingível para nós, indivisível na sua natureza.

Adoramos-Te no Espírito Santo,
Nós os que possuímos o teu Espírito, de Ti recebido.

Vendo a tua glória, não Te procuramos sem pensar,
Mas no teu Espírito é que Te descobrimos, Pai ingênito,
e ao teu Verbo, de Ti gerado.

E assim adoramos a Trindade una e sem mescla
Na sua única Divindade, Poder e Soberania.

114. «O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas»

Hino 21; SC 17

Os que têm o Espírito por mestre
não precisam do conhecimento que vem dos homens.
Mas, iluminados pela luz desse Espírito,
olham o Filho, veem o Pai,
e adoram a Trindade das Pessoas,
o Deus único, cuja natureza é indizivelmente una. [...]
Para, homem; treme, tu que és de natureza mortal,
e pensa que foste extraído do nada
e que, saindo do ventre de tua mãe,
viste o mundo que foi feito antes de ti.
E, se pudesses conhecer a altura do céu,
ou indicar a natureza do sol, da lua e das estrelas,
onde permanecem fixos e como se movem [...],
ou mesmo a natureza da terra de onde foste tirado,
os seus limites e as suas medidas, a sua largura e o seu tamanho [...],
se tivesses descoberto a finalidade de cada coisa,
se tivesses contado a areia do mar,
se pudesses conhecer a tua própria natureza [...],
então poderias idealizar o teu Criador,
e forma como, na Trindade, a unidade permanece sem fusão,

e, na unidade, a Trindade sem divisão.
Procura o Espírito! [...]
Talvez Deus te conforte e te conceda,
como já te concedeu veres o mundo, o sol e a luz do dia,
sim, ele dignar-Se-á iluminar-te do mesmo modo [...],
iluminar-te com a luz do Triplo Sol. [...]
Então, aprenderás a graça do Espírito,
que, mesmo ausente, está presente pelo seu poder,
e que, presente, não vemos por causa da sua natureza divina,
que está em toda a parte e em lugar nenhum.
Se procuras vê-lo de um modo sensitivo,
onde O encontrarás? Em lugar nenhum, dirás simplesmente.
Mas se tiveres força para O olhar espiritualmente,
será Ele a iluminar a tua mente e a abrir os olhos do teu coração.

115. «Então Jesus tocou-lhes nos olhos»

Hino 27, 116-124.128-132.138-149

Procuremos o único que nos pode dar a liberdade;
persigamo-Lo sem cessar com o nosso desejo,
a Ele, cuja beleza fere os corações,
que os atrai pelo amor e os une a Si para sempre.

Sim, pelas nossas ações corramos todos para Ele.
Não nos deixemos ultrapassar por ninguém,
nem nos enganar ou distrair-nos
na nossa procura pelo que quer que seja.

Sobretudo [...], não digamos que Deus
nunca manifesta a sua presença aos homens.
Não digamos que é impossível aos homens
verem um dia a luz de Deus
— e até verem-na hoje.

Nunca, graças a Deus, isso foi impossível,
desde que o desejemos.

Compreendamos a beleza do nosso Mestre!
Não Lhe fechemos os olhos do nosso coração,
deixando-nos absorver pelas realidades deste mundo.

Sim, que o cuidado com as coisas da Terra
não nos torne escravos da glória humana,
a ponto de nos fazer abandonar
Aquele que é a luz da vida eterna.

Vamos, pois, todos juntos até Ele,
com um mesmo coração, com um mesmo espírito,
com toda a nossa alma.

Humildemente, lancemos o nosso grito,
a Ele que é o nosso bom Mestre,
o nosso Senhor misericordioso,
a Ele que é o «único Amigo dos homens» (Sb 1,6).

Procuremo-Lo porque Ele vai revelar-Se a nós,
vai aparecer, vai manifestar-Se,
Ele que é a nossa esperança.

116. «Havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos»

Hino 29; Lc 24,47

A toda a raça humana,
aos reis e príncipes, aos ricos e pobres,
aos monges e leigos: escutai-me agora,
vou narrar a grandeza e o amor de Deus para com os homens!

Pequei contra Ele como homem nenhum no mundo [...] No
entanto, Ele chamou-me e imediatamente respondi. [...]
Ele chamou-me à penitência,
e imediatamente segui o meu Mestre.
Quando Ele Se afastava, perseguia-O. [...]

Bem podia Ele partir, vir, esconder-Se, aparecer,
que eu não voltava atrás, jamais perdia a coragem,
não abandonando nunca o meu caminho [...].

Quando não O via, procurava-O.
Ficava em pranto, perguntando por Ele a toda a gente,
a todos quantos O haviam visto.

A quem perguntava?
Não aos sábios deste mundo,
mas aos profetas, aos apóstolos, aos sacerdotes
– os sábios que possuem a sabedoria
de que Ele é o próprio Cristo,
a sabedoria de Deus (1Cor 1,24).

Em lágrimas e com grande dor no peito,
pedia-lhes que me dissessem onde O haviam visto,
mesmo que apenas uma vez [...].

E, vendo quão forte era o meu desejo,
vendo que, a meus olhos, tudo o que existe no mundo,
e o próprio mundo, eram nada [...],
Ele mostrou-Se e tornou-Se visível por inteiro.

Ele, que está fora do mundo
e que carrega o mundo e todos quantos estão no mundo,
tanto as coisas visíveis como as invisíveis (Col 1,16),
segurando-as com uma só mão,
veio ao meu encontro.

De onde veio, e como? Não sei [...]
As palavras não podem exprimir o inexprimível.
Só conhece tais realidades quem as contempla.

Por isso, não por palavras, mas por atos,
apressemo-nos a procurar,
a ver e a aprender a riqueza dos mistérios divinos,
riqueza que o Mestre dá a quem a procura.

117. «De onde vens?»

Hinos 29 e 42; SC 174 e SC 196

Como penetras, no interior da minha cela,
fechada de todos os lados?
Com efeito, isto é estranho,
ultrapassa a palavra e o pensamento.
Mas o fato de vires até mim,
subitamente todo inteiro, e de brilhares,
o fato de Te deixares ver sob uma forma luminosa,
como a Lua na sua plena luz,
deixa-me incapaz de pensar e sem voz, meu Deus!

Sei bem que és Aquele que veio
para iluminar os que estão nas trevas (Lc 1,79),
e fico perplexo, fico privado de senso e de palavras
ao ver tão estranha maravilha
que ultrapassa toda a criação,
toda a natureza e todas as palavras.

[...] Como é que Deus está fora do universo pela sua essência
e a sua natureza, pelo seu poder e pela sua glória,
e ao mesmo tempo habita em tudo e em todos,
mas de uma maneira especial nos seus santos?
Como arma neles a sua tenda
de forma consciente e substancial,
Ele que está totalmente para lá da substância?

Como está contido nas suas entranhas,
Ele que contém toda a criação?
Como é que brilha no coração deles,

este coração carnal e espesso?
Como é que Ele está no interior deste,
como é que Ele está fora de tudo, mas preenche tudo?
Como é que de noite e de dia brilha sem ser visto?

Diz-me, pode o espírito do homem
conceber todos estes mistérios,
ou poderá exprimi-los?
Seguramente que não!
Nem um anjo nem um arcanjo te poderiam explicar;
seriam incapazes de te expor por meio de palavras.
Só o Espírito Santo, porque é divino,
conhece estes mistérios e os sabe,
porque apenas Ele partilha a natureza,
o trono e a eternidade com o Filho e o Pai.

É, pois, àqueles a quem este Espírito resplandecerá
e com quem Se unirá liberalmente
que Ele mostra tudo de forma inexprimível. [...]

É como um cego: quando vê, vê primeiramente a luz
e em seguida toda a criação que está na luz,
oh maravilha!
Do mesmo modo,
aquele que foi iluminado pelo Espírito divino
na sua alma entra imediatamente em comunhão com a luz
e contempla a luz, a luz de Deus,
do próprio Deus, que também lhe mostra tudo,
ou antes, tudo o que Deus decidir,
tudo o que Ele desejar e quiser mostrar.

118. «Jesus estendeu a mão e tocou-o, dizendo: "Quero, fica purificado!"»

Hino 30; SC 174, p. 357

Antes que brilhasse a luz divina,
Não me conhecia a mim mesmo.

Vendo-me então nas trevas e na prisão,
preso num lamaçal, coberto de sujidade,
ferido, com a minha carne inchada [...],
caí aos pés d'Aquele que me iluminara.

E Aquele que me iluminara
tocou com as suas mãos
nas minhas cadeias e nas minhas feridas;

Do sítio onde a sua mão tocou
e aonde o seu dedo se chegou,
no mesmo momento me caíram as cadeias,
desapareceram as feridas e toda a sujidade.

A mácula da minha carne desapareceu [...]
E Ele tornou-a semelhante à sua mão divina.

Estranha maravilha: a minha carne, a minha alma e o meu corpo
Participam da glória divina.

Assim que fui purificado e desembaraçado das minhas cadeias,
Ei-Lo que me estende uma mão divina,
retira-me completamente do lamaçal, abraça-me,
lança-se-me ao pescoço, cobre-me de beijos (Lc 15,20).

E a mim, que estava completamente exausto
e tinha perdido as forças,
pôs-me aos ombros (Lc 15,5),
e levou-me para fora do meu inferno.

[...] É a luz que me leva e me sustenta;
conduz-me para uma grande luz.

[...] Permite-me contemplar através de que estranha renovação
Ele próprio me tornou a formar (Gn 2,7)
e me arrancou à corrupção.

Concedeu-me o dom da vida imortal
e revestiu-me com uma túnica imaterial e luminosa,
e deu-me sandálias, um anel e uma coroa
incorruptíveis e eternos (Lc 15,22).

119. «E os olhos abriram-se-lhes»

Hino 37; SC 174, p. 459

Mestre, ó Cristo, Mestre que salvas as almas,
Deus, Mestre de todas as Forças visíveis e invisíveis,
Criador de tudo o que há no céu,
do que existe acima do céu,
do que há sob a terra,
mas também do que há sobre a terra. [...]

Tens tudo na tua mão,
porque é a tua mão, ó Mestre,
a grande força que realiza a vontade de teu Pai,
que forja, realiza, cria e dirige as nossas vidas
de maneira inexprimível.

A tua mão também me criou
e do nada deu-me vida.
E eu, nascido neste mundo,
ignorava-Te totalmente,
a Ti bom Mestre, a Ti meu criador,
a Ti que me deste forma,
e estava no mundo como um cego sem ter Deus,
pois ignorava o meu Deus.

Então,
Tu mesmo tiveste piedade, olhaste-me, converteste-me,
fazendo brilhar a tua luz na minha obscuridade,
e atraíste-me a Ti, ó Criador.

E, após teres-me arrancado do fundo do fosso [...]
dos desejos e dos prazeres desta vida,
mostraste-me o caminho, deste-me um guia,
para me conduzir segundo os teus mandamentos.
Segui-o, segui-o sem preocupações. [...]

Mas quando Te vi a Ti, Bom Mestre,
com o meu Guia e com o meu Pai,
experimentei um amor e um desejo indizíveis
e, ultrapassada a fé e a esperança, disse:

«Eis que vejo a sombra dos bens futuros (cf. Heb 10, 1),
Eis o reino dos céus, que vejo diante dos meus olhos,
esses bens que os olhos não viram,
e os ouvidos não ouviram» (Is 64, 4; 1Cor 2, 9).

120. «No dia do Juízo, a minha palavra elevar-se-á»

Hinos 42; SC 196

Eu sou o Pastor e Mestre de quantos o desejarem;
dos outros, sou o Criador, sou o seu Deus por natureza,
mas não sou o Rei, nem o Guia,
de quantos não pegarem na sua cruz para Me seguir;
esses, com efeito, são filhos do Adversário,
seus escravos e seus instrumentos.

Vê estes mistérios tremendos, vê a sua inconsciência,
vê e geme por eles, se puderes, a toda a hora.

Com efeito,
sendo embora chamados
da obscuridade à luz que não tem ocaso,
da morte à vida,
dos infernos ao Céu,
do provisório e do corruptível à glória eterna,
enfurecem-se contra quem os ensina,
urdindo toda a espécie de armadilhas,
preferindo morrer a abandonar as trevas
e as obras das trevas para Me seguirem. [...]

Não os obrigues a fazer o que lhes ensinas,
mas repete-lhes as minhas palavras e exorta-os a observá-las,
pois dar-lhes-ão a vida eterna;
e estas palavras erguer-se-ão quando Eu vier no dia do Juízo,
e julgá-los-ão a todos, um por um, segundo o seu mérito,
enquanto tu estarás isento de responsabilidade
e de qualquer condenação,
porque não dissimulaste a prata das minhas palavras,
mas prodigaste a todos tudo quanto tinhas recebido.

É isso que Me agrada,
é essa a obra dos meus apóstolos e dos meus discípulos,
que agiram segundo os meus mandamentos:
proclamar-Me Deus em todo o mundo,
ensinar a minha vontade e comunicar as minhas ordens,
deixando-as por escrito aos homens.

Esforça-te, pois, por agir e ensinar como eles. [...]

Esforça-te por te salvares,
tu e quantos te ouvem,
caso encontres neste mundo
algum homem que tenha ouvidos para ouvir,
e que escute as tuas palavras!

121. «Corramos para Deus, que desceu à Terra para nossa salvação!»

Hinos 42, SC 196

Corramos, pois, irmãos, para Deus,
o Criador de todas as coisas,
que desceu à terra por nós, pecadores,
que inclinou os céus e Se ocultou dos anjos,
que habitou no seio da Virgem santa,
que dela tomou carne, sem mutação, de forma inefável,
e que dela saiu para a salvação de todos nós.

E a nossa salvação consiste nisto:
que a boca de Deus manifestou
a grande luz dos séculos futuros.

O Reino dos Céus desceu à terra,
o Rei soberano dos seres das alturas
e dos seres deste mundo veio até nós.

Quis tornar-Se semelhante a nós,
a fim de que todos partilhemos
do Reino dos Céus,
tenham parte na sua glória
e sejam herdeiros dos bens eternos
que nunca ninguém viu.

E esses bens, eu afirmo na fé,
são o Pai, o Filho e o Espírito Santo,
a Santíssima Trindade:
eis a fonte de todos os bens,
eis a vida de tudo o que existe,
eis a alegria inexprimível,
a salvação de todos os que recebem

da sua luz inefável
e têm consciência de estar em comunhão com Ele.

Escutai:
a razão pela qual Ele é chamado **Salvador**
é que leva a salvação
àqueles a quem Se une.

E a salvação consiste em ser libertado
de todos os males
e encontrar todos os bens para sempre:

— a vida em vez da morte,
— a luz em vez das trevas,
— a liberdade em vez da escravidão das paixões.

Tal liberdade é concedida
a quantos se uniram a Cristo,
Salvador de todos os seres.

Então possuirão,
sem jamais poder perder,
toda a alegria, toda a felicidade,
toda a bem-aventurança,
que só conhecerá e verá
quem estiver sincera e ardentemente
unido a Cristo.

122. «Imita em ti a perfeição de Deus»

Hinos 42, SC 196

O Verbo, Deus de Deus,
coeterno com o Pai e com o Espírito,
fez a minha alma à sua imagem.

Mesmo purificado,
mesmo tornado imagem perfeita,

não verás o Modelo,
nem O compreenderás,
se Ele não Se revelar a ti
pelo Espírito Santo.

O Espírito ensina todas as coisas,
brilhando na luz inefável;
mostra-te as realidades inteligíveis
segundo a tua medida,
na pureza da tua alma.

Torna-te semelhante a Deus
imitando as suas obras:
na temperança, na coragem,
no amor aos homens.

Suporta o peso das obras,
ama os teus inimigos.
Pois o amor verdadeiro
consiste em fazer bem aos que nos querem mal,
em estimá-los como amigos,
como verdadeiros benfeitores,
em rezar pelos que nos perseguem,
em ter por todos — bons e maus —
uma caridade autêntica.

E, enfim,
em dar a vida por todos,
dia após dia,
pela salvação de todos,
para que ao menos um se salve,
ou, se possível, todos.

Assim, meu filho,
serás imitador do Mestre,
e manifestarás em ti
a verdadeira imagem do Criador:

imitador da perfeição de Deus
em todas as coisas.

123. «Quando o Filho do homem vier na sua glória»

Hinos 42, SC 196

O começo da vida é para mim o seu termo
e o termo, o começo.

Eu nasço terra e da terra,
nasço corpo de um corpo corruptível;
ser corruptível e mortal que sou,
passo algum tempo na terra,
vivendo na carne.

Depois morro,
e ao sair desta vida
dou início a outra,
deixando na terra o meu corpo,
destinado a ressuscitar
e a viver uma vida sem fim,
pelos séculos fora.

Agora, pois, meu Deus, olha para mim,
deixa-Te enternecer, meu Único,
tem piedade de mim!

Peço-Te, Mestre,
suplico-Te pela tua misericórdia,
meu Salvador:

concede-me que, no dia
em que a minha alma sair do meu corpo,
eu possa, com um simples sopro,
cobrir de confusão

todos quantos vierem atacar-me,
a mim, teu servo.

Que eu atravesse o limiar sem danos,
protegido pela luz do teu Espírito,
e me apresente ao teu tribunal
tendo comigo, meu Cristo,
a proteção da tua graça divina
que me poupe toda a confusão!

Com efeito,
quem ousaria comparecer diante de Ti
sem estar revestido desta graça,
sem a possuir dentro de si,
sem ser iluminado por ela?

Qual é a criatura capaz de ver-Te
com as suas próprias forças
e só com o seu esforço,
se não for Tu, Senhor,
a enviar o teu Espírito divino,
que confere vigor, força e poder
à nossa natureza enferma?

Se não for Tu a tornar o homem
capaz de contemplar a tua glória,
a tua divina glória?

Pois, de outra maneira,
homem nenhum verá,
ou terá forças para contemplar
o Senhor que vem na sua glória.

Então, os injustos serão separados dos justos,
os pecadores, dos justos;

e quantos não tiveram luz em si neste mundo
serão engolidos pela obscuridade.

Mas os que nesta vida foram afins da luz,
esses também serão afins de Deus,
e, de maneira misteriosa, mas muito real,
permanecerão inseparavelmente
na sua intimidade.

124. «Sê celestial como o teu Mestre!»

Hinos 44; SC 196

Tal como o primeiro homem foi terreno,
assim são terrenos os que nascem dele;
mas, tal como Cristo, nosso Mestre, é celestial,
celestiais são também todos os que n'Ele acreditaram:
renasceram do alto e foram batizados no Espírito santíssimo
(cf. 1Cor 15,48; Jo 3,3; At 1,5).

Tal como o Espírito que os faz nascer é o verdadeiro Deus,
assim são aqueles que nascem d'Ele:
deuses por adoção de Deus
e todos, filhos do Altíssimo, como diz a boca divina. [...]

Não hesites mais: se és cristão,
tal como Cristo é celestial, assim deves ser tu também;
mas se não és, como podes chamar-te cristão?

Com efeito,
se todos os que acreditaram no Mestre
são celestiais como Ele,
então, aqueles que têm os pensamentos do mundo,
aqueles que vivem segundo a carne,
não pertencem ao Deus Verbo que veio do alto,
mas àquele que foi moldado com terra, o homem terreno.

É assim que deves pensar,
assim julgar, assim acreditar,
e procurar tornar-te como Ele, celestial,

segundo a palavra daquele que veio dos Céus
e deu a vida ao mundo (cf. Jo 6,33):

Ele é também o pão que desce do Alto,
e aqueles que O comem jamais conhecerão a morte (cf. Jo 6,50s),
porque, sendo celestiais,
serão para sempre despojados da corrupção
e revestidos de incorruptibilidade,
libertos da morte e estreitamente unidos à vida,
visto que se tornam imortais e incorruptíveis
e, por isso, são chamados celestiais.

125. «Aproximou-se, ligou-lhe as feridas»

Hinos 46; SC 196

Fui para longe, Amigo do homem, habitei no deserto,
Escondi-me de Ti, meu doce Mestre,
mergulhei na noite das preocupações da vida,
onde sofri muitos ataques e muitas feridas,
de onde regresso com a alma cheia de cicatrizes;
e, na minha dor e no sofrimento do meu coração, brado:
Tem piedade de mim, tem misericórdia deste pecador!

Médico que amas as almas, que amas a misericórdia,
que curas gratuitamente os doentes e os feridos,
sê o médico das minhas contusões e das minhas feridas!
Destila o óleo da tua graça, meu Deus,
espalha-o sobre as minhas feridas, sela as minhas úlceras,
cura e revigora os meus membros decadentes,
apaga todas as cicatrizes, meu Salvador,
restitui-me a saúde total e perfeita. [...]

Deixei-me ir, Mestre, porque confiei em mim próprio;
deixei-me levar pelo desassossego com as coisas deste mundo
e sucumbi, mal de mim, à preocupação com as coisas da vida.

Como o ferro arrefecido, tornei-me negro
e, à força de me arrastar pelo chão, ganhei ferrugem.

Por isso clamo a Ti, para ser novamente purificado,
peço-Te, Amigo do homem, que me devolvas
a minha beleza original, para gozar a tua luz
agora e para todo o sempre. Amém.

126. «Para que vejam a minha glória»

Hinos 47; SC 196

Tu, que estás lá em cima com o Pai e Te encontras conosco, [...]
Tu mostraste-nos a luz da tua glória imaculada,
dá-me, sim, uma vez mais, para que nunca me abandone!
Dá-me contemplar-Te sempre nela, ó Verbo,
captar a tua beleza inacessível tal como é,
essa beleza que, permanecendo absolutamente fugidia,
atinge e penetra a minha inteligência,
transporta o meu espírito
e acende no meu coração o fogo do teu amor!

É esta luz que, espalhando-se como chama de desejo divino,
me faz ver mais claramente a tua glória, ó meu Deus;
glória que, ao adorar-Te,
Te peço, Filho de Deus, que me concedas
agora e no futuro, possuir sem medida
e, por ela, contemplar-Te, ó Deus, eternamente! [...]

Sim, Pastor compassivo, bom e manso,
que queres a salvação de todos os que creem em Ti,
tem piedade de mim e responde à oração que Te dirijo.
Não Te irrites, não desvies o teu rosto de mim,
mas ensina-me a fazer a tua vontade,
pois não procuro que se faça a minha vontade,
mas a tua, para Te servir, ó Misericordioso!

Suplico-Te que tenhas piedade de mim,
Tu, que és naturalmente piedoso,
e faças o que for útil à minha alma miserável,
porque só Tu és o Deus Amigo do homem,
incriado, infinito, todo-poderoso, verdadeiro,
vida e luz para aqueles que Te amam
e tão amados são por Ti, Amigo do homem!

Coloca-me entre eles, Mestre, e da tua glória divina
faz-me participante, faz-me co-herdeiro,
pois a Ti, Pai, com o Filho coeterno e o Espírito divino,
seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

127. «Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o Reino de Deus»

Hinos 48, SC 196

Ai daqueles que guardam as suas riquezas para si!
Ai daqueles que querem receber a sua glória dos homens!
Ai daqueles que se escondem entre os ricos,
em vez de desejarem a glória de Deus, as riquezas de Deus,
em vez de desejarem estar unidos a Ele e nada mais!

Pois vão é o mundo,
e tudo o que há no mundo,
tudo será vaidade das vaidades...

Ai daqueles que desejam a glória dos homens,
porque assim ficarão privados da glória de Deus!

Ai daqueles que guardam as suas riquezas acumuladas,
porque no outro mundo pedirão ansiosamente
uma gota de água!

Ai daqueles que depositam a sua esperança no homem,
porque o homem morrerá,

e com ele morrerão também as suas esperanças,
e ver-se-ão totalmente desprovidos de esperança!

Ai daqueles que encontram o seu repouso neste mundo,
porque no outro mundo encontrarão a aflição eterna!

— Diz-me, minha alma,
por que estás triste?
O que procuras dos bens desta vida?

Responde-me, e ensinar-te-ei a utilidade de cada um deles.
Deixa-te instruir, aprende o que há de bom em cada um.

— Queres ser glorificada, minha alma?
Queres ser louvada?

Ouve, então:
o que é a honra e o que é a desonra.

Honra é honrar todos os seres,
mas a Deus acima de todos.
Honra é ter por única riqueza os seus mandamentos
e por eles sofrer injúrias,
por eles sofrer insultos,
por eles suportar ultrajes de todo o gênero.

Pois quando, minha alma,
te esforçaste em alguma ocasião por honrar a Deus,
quando, por isso, foste injuriada e desprezada,
então, terás obtido a honra e a glória que permanecem.

Pois a glória de Deus não deixará de vir sobre ti,
e todos os anjos te louvarão,
porque honraste a Deus,
o Deus que eles próprios cantam!

.

128. «Mulher, […] a quem procuras?»

Hinos 48; SC 196

Não abrandes, minha alma, no seguimento do Mestre,
mas, tal como uma alma que já duma vez se entregou
pessoalmente à morte,
não tateies à procura de facilidades,
não procures glória,
nem os prazeres do corpo,
nem a afeição dos teus próximos,
não olhes à direita nem à esquerda,
mas, tal como começaste, e melhor ainda, corre,
apressa-te sem descanso para alcançar,
para apanhar o Mestre!

E mesmo que Ele desaparecesse dez mil vezes
e dez mil vezes te reaparecesse,
e assim o inalcançável fosse para ti alcançável,
dez mil vezes, ou melhor, tantas quantas respiras,
redobra o ardor do seu seguimento
e corre para Ele!

Porque não te abandonará nem te esquecerá,
pelo contrário,
a pouco e pouco, cada vez melhor se mostrará,
mais frequente se fará para ti, minha alma,
a presença do Mestre;
e, depois de te ter perfeitamente purificado
pelo clarão da sua luz,
virá Ele mesmo plenamente a ti,
Ele mesmo habitará em ti,
Ele mesmo estará contigo,
Ele, o autor do mundo,

e possuirás a riqueza verdadeira que o mundo não possui,
que só possuem o Céu
e aqueles que nele estão inscritos. [...]

Aquele que fez o Céu, o Senhor da Terra
e de tudo o que há no Céu
e de tudo o que há no mundo,
o Criador, o único Juiz, o único Rei,
é Ele que habita em ti,
que Se mostra em ti,
que inteiramente te ilumina com a sua luz
e te faz ver a beleza da sua face,
que te permite vê-l'O em pessoa mais distintamente,
que te dá parte na sua própria glória.

Diz-me, existe coisa maior que esta?

129. «Os três são Deus»

Hinos 51, SC 196

Os três são Deus,
porque a Trindade é um só Deus.

Foi Ela que deu o ser ao universo,
foi Ela que criou todas as coisas,
foi Ela que, segundo a carne,
criou no mundo, para nossa salvação,
o Verbo, Filho do Pai,
tão inseparável do Pai como do Espírito.

Ele encarnou realmente
pela descida do Espírito,
e tornou-Se o que não era:
homem semelhante a mim,
à exceção do pecado e de toda a iniquidade.

Deus e ao mesmo tempo homem,
visível para todos os olhos,
possuindo o Espírito divino,
que está unido a Ele por natureza,
com o qual deu vida aos mortos,
abriu os olhos dos cegos,
purificou os leprosos
e expulsou os demônios.

Foi Ele que sofreu a cruz,
assim como a morte;
foi Ele que ressuscitou no Espírito,
foi elevado em glória
e traçou uma nova via para os Céus
para todos os que creem n'Ele
com fé sem vacilações.

Ele derramou com profusão o Espírito santíssimo
sobre todos os que mostravam a fé pelas obras;
Ele ainda agora O derrama sem medida
sobre aqueles que assim creem;
Ele, pelo mesmo Espírito,
diviniza os que são da terra,
a quem está unido,
e, de homens que eram,
os transforma, sem os mudar,
fazendo-os filhos de Deus,
irmãos do Salvador,
co-herdeiros com Cristo,
herdeiros de Deus,
eles próprios deuses,
na companhia de Deus, no Espírito Santo.

Sem dúvida,
prisioneiros na carne, mas apenas nela;
livres no espírito,
elevando-se com Cristo aos Céus,

tendo lá no alto sua cidadania,
na contemplação dos bens que olhos jamais viram.

[...]

A Ti, ó meu Cristo,
com o Pai e com o teu Espírito divino,
pertencem a glória e o louvor,
a honra e a adoração,
agora e para sempre,
como Soberano,
pelos séculos dos séculos,
como Criador do universo,
seu Deus e seu Senhor.
Amém.

130. «Para aqueles que habitavam na sombria região da morte, uma luz se levantou»

Hinos 51; SC 196

A tua luz rodeia-me e dá-me vida, ó meu Cristo,
porque o teu olhar é fonte de vida,
o teu olhar é ressurreição.
Não sou capaz de falar sobre a ação da tua luz,
mas o que conheci na realidade
e o que sei, meu Deus,
é que mesmo na doença, ó Mestre,
mesmo nas aflições e nas dores,
na prisão, na fome, em mil sofrimentos, ó meu Cristo,
a tua luz, ao brilhar,
dissipa tudo isso como trevas,
e o teu divino Espírito transporta-me para o repouso,
a luz e o gozo da luz. [...]

Porque, assim como quando o Sol se põe,
a noite cai e a escuridão se instala,
e os animais selvagens vão procurar alimento,
assim também, ó meu Deus,
quando a tua luz deixa de me cobrir,
imediatamente as trevas desta vida
e o mar dos pensamentos me envolvem,
as feras da paixão me devoram,
e todos os pensamentos me enredam.

Mas, quando de novo Te compadeces de mim,
quando tens misericórdia,
quando escutas os meus gemidos e lamentações,
e acolhes as minhas lágrimas,
quando Te dignas fixar a humilhação
deste que está carregado de pecados inexpiáveis,
ó meu Cristo, fazes-Te ver de longe,
como estrela que se eleva e vai aumentando pouco a pouco —
não porque mudes,
mas porque abres o espírito ao teu servo
para que possa ver-Te.

Pouco a pouco, mostras-Te mais e mais, como o Sol,
pois, à medida que as trevas se dissipam e desaparecem,
é a Ti que creio ver chegar,
a Ti, que estás presente em toda a parte;
e, quando me envolves por inteiro,
como no passado, ó meu Salvador,
quando me cobres completamente,
quando me rodeias,
libertas-me de todos os males e das trevas.

131. «Meu Pai o amará; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14,23)

Hinos 52, SC 196

Quando Paulo te diz:
«O Deus que disse:
Das trevas brilhe a luz,
foi quem brilhou nos nossos corações» (2Cor 4,6),
que outro Deus está a convidar-te a conceber,
senão Aquele que habita numa luz inacessível,
que nenhum homem jamais viu?

Foi Ele, superessencial e incriado,
que tomou carne,
e Se mostrou a mim como criatura,
divinizando-me totalmente,
a mim, que Ele assumiu de forma maravilhosa.

[...]

Aqueles que receberam a Deus
pelas obras da fé,
e mereceram o nome de deuses,
gerados pelo Espírito,
esses O veem,
ao Pai que habita na luz inacessível.

Têm-no em si mesmos,
Ele habita em sua morada,
e eles próprios habitam nele,
o absolutamente inacessível.

Eis a fé verdadeira.
Eis a obra de Deus.
Eis o selo dos cristãos.
Eis a comunhão com Deus.

Eis a participação.
Eis as arras divinas.

Eis em que consiste a vida,
eis o Reino,
eis a veste,
o manto do Senhor,
de que os batizados se revestem pela fé.

E não o fazem sem o notar,
nem de forma inconsciente,
mas cientes e conscientes,
pela fé.

[...]

Uma vez que te tornes por inteiro
o que te digo,
vem juntar-te a nós, meu irmão,
na montanha do conhecimento divino,
na contemplação divina.

E ouviremos juntos
a voz do Pai!

132. «A cegueira dos homens»

Hino 53; SC 196

[Diz Cristo:]

Quando criei Adão,
permiti-lhe que Me visse
e, por isso, o coloquei
na dignidade dos anjos.

Ele via tudo o que Eu criara
com os seus olhos corpóreos;

mas, com os da inteligência,
via o meu rosto, o rosto do seu Criador.
Contemplava a Minha glória
e conversava comigo sem cessar.

Mas, transgredindo o meu mandamento,
provou da árvore proibida:
ficou cego
e caiu na obscuridade da morte.

Então tive piedade dele
e desci do alto.
Eu, o absolutamente invisível,
partilhei da opacidade da carne.
Recebendo um começo da carne,
tornando-Me homem,
fui visto por todos.

Por que aceitei fazê-lo?
Porque esta era a verdadeira razão
de ter criado Adão:
para Me ver.

Quando ele ficou cego,
e com ele todos os seus descendentes,
não suportei permanecer na glória divina
e abandonar aqueles que criara
com as minhas mãos.

Tornei-Me semelhante em tudo aos homens,
corporal com os corporais,
e uni-Me a eles voluntariamente.

Por aqui podes compreender
o meu desejo de ser visto pelos homens.
Como podes então dizer:
«Ele se esconde de mim,
não Se deixa ver»?

Na verdade, Eu brilho,
mas tu não olhas para Mim.

133. «Reconhecer desde já a porta aberta»

Hino 53; SC 196

A alma:

Vê, ó Cristo, a minha angústia,
vê a minha pouca coragem,
vê como me faltam as forças,
vê também a minha pobreza,
vê a minha fraqueza
e tem piedade de mim, ó Verbo!

Brilha agora sobre mim, como outrora,
e esclarece a minha alma;
ilumina os meus olhos para que Te vejam,
ó luz do mundo (cf. Jo 8,12),
Tu que és a alegria, a felicidade, a vida eterna,
as delícias dos anjos,
Tu que és o Reino dos Céus e o Paraíso,
a coroa dos justos, o seu Juiz e o seu Rei.

Por que escondes o teu rosto?
Por que Te afastas de mim,
Tu, que és o meu Deus
e nunca queres afastar-Te dos que Te amam?

Por que foges de mim?
Por que me queimas, me feres e me esmagas?
Tu sabes que Te amo
e Te busco com toda a minha alma.

Revela-Te, como prometeste...
Abre-me de par em par a sala do banquete,

meu Deus!
Não feches a porta da tua luz,
ó meu Cristo!

Cristo responde:

«Imaginas, ó filho do homem,
que podes forçar-Me com as tuas palavras?
Que dizes tu, insensato?
Que escondo o Meu rosto?

Desconfias, por pouco que seja,
que Eu vou fechar-te as portas?
Suspeitarás de que Me afastarei de ti?
Que dizes tu?
Que Eu te inflamo, te queimo, te esmago?

Verdadeiramente, as tuas palavras não são justas,
nem justo é o teu pensamento.

Escuta antes as palavras que vou dizer-te:

Eu era luz,
mesmo antes de criar todas as coisas que vês.
Estou em toda a parte, estava em toda a parte,
e, como fiz todas as criaturas,
estou em tudo e em todos.

Considera os meus benefícios,
observa os meus desígnios,
aprende os meus dons!

Manifestei-Me ao mundo
e manifestei o Meu Pai.
Derramei em abundância
o Meu santíssimo Espírito
sobre todos os seres vivos, sem exceção.

Revelei o meu nome a todos os homens
e, pelas minhas obras, lhes mostrei:
Eu sou o Criador,
Eu sou o Autor do mundo.
Mostrei e mostro agora
tudo o que era preciso fazer.

134. «O senhor […] foi ajustar contas com eles»

Hinos 54, SC 196

O que pode saber uma criatura sem o seu Criador?
Qualquer que seja o conhecimento que tenha recebido,
terá de prestar contas dele,
da sua ação e da sua atividade,
com toda a justiça e equidade.

De fato,
a picareta, a foice, o gancho e a serra,
o machado, o bastão, a lança, o punhal e o arco,
o dardo e todos os instrumentos da vida,
cada um tem o seu funcionamento próprio;
mas não é de si mesmos que o têm:
é de nós, evidentemente;
e o artesão faz que cada um destes instrumentos funcione
segundo as regras da arte,
para aquilo que escolheu fazer.

[...]

Foi precisamente assim que Deus nos fez,
para que cada um de nós possa agir fielmente
nas ações da vida.

[...]

Assim como as ferramentas acima mencionadas
não podem mover-se
nem produzir coisa alguma
sem que a mão do homem as pegue
e faça alguma coisa com elas,
assim também o homem não pode conceber
nem produzir coisas boas
sem a mão divina.

Repara nisto:
o Verbo artesão fez-me como quis
e pôs-me no mundo.

Como poderia eu, então,
pensar ou realizar fosse o que fosse,
como poderia fazer fosse o que fosse,
sem o poder divino?

Aquele que me deu o dom da inteligência,
como quis, naturalmente,
é também aquele que me dá a possibilidade
de pensar o que sabe ser útil
e me concede o poder de realizar
o que Ele quer.

Se eu assim fizer,
Ele dar-me-á mais
e conceder-me-á pensamentos mais perfeitos,
no seu amor.

Mas, se eu negligenciar este pouco
que me foi confiado,
sofrerei — e com razão —
o castigo de ser privado dele para sempre
por Deus, que me tinha dado.

E serei ineficaz,
um instrumento inútil,
por não ter querido pôr em prática

os mandamentos do Criador
e por me ter abandonado
à preguiça e à indiferença.

Foi por isso que fui rejeitado pelo Mestre.

Teognosto – monge e presbítero

135. «O tesouro da humildade»

«Sobre a ação e a contemplação», nos. 1, 3, 10, 45, 62

Considera que tens em ti a verdadeira virtude quando desprezas por completo tudo o que existe neste mundo, mantendo o teu coração, graças a uma consciência pura, sempre disposto a partir para o Senhor. Se queres ser conhecido por Deus, sê ignorado pelos homens tanto quanto te for possível. [...]

Toma-te por uma formiga e por um verme em todos os sentidos, a fim de te tornares o homem criado por Deus; pois se não começares por fazer aquilo, isto não se seguirá. Quanto mais desceres, mais te elevarás. Pois é quando te consideras nada diante do Senhor (cf Sl 38,5-6, LXX), segundo o salmista, que te tornas grande, pois permaneceste oculto durante algum tempo; e é quando pensas nada ter e nada saber que te tornas rico em ações e conhecimentos louváveis no Senhor. [...]

Tendo sido salvo gratuitamente, dá graças a Deus, teu Salvador. Mas, se desejas oferecer-Lhe algum dom, oferece-Lhe reconhecidamente, com a tua alma viúva, as duas moedinhas que são a humildade e o amor. E sei que Ele as recebe melhor no tesouro (cf Mc 12,41-43) da salvação que a multiplicidade de virtudes oferecidas por muitos. [...]

Com efeito, se o tesouro dos impassíveis é feito da união de todas as virtudes, a pedra preciosa da humildade tem mais

valor que todas elas. Pois não só dá a quem a possui o poder expiar os seus pecados, como o faz entrar com os eleitos no lugar das núpcias do Reino.

Filoteu do Sinai

(Monge e hegúmeno do Monastério da Sarça Ardente)

136. «Dentro do coração, o Reino»

Capítulos néticos, nos 23, 33, 36

A toda a hora e a cada instante, guardemos cuidadosamente o coração (cf. Prov 4, 23, LXX) dos pensamentos que obscurecem o espelho da alma, no qual Jesus Cristo, sabedoria e poder de Deus Pai (cf. 1Cor 1, 24), imprime a sua marca e inscreve a sua imagem luminosa, e procuremos sem descanso dentro do coração o reino dos Céus (cf Mt 6,33) [...]

Quem se entrega a maus pensamentos não pode manter-se puro de pecados no seu homem exterior; e, se não arrancar os maus pensamentos do seu coração, é impossível que eles não o levem a praticar más obras. A causa do olhar adúltero é o fato de o olho interior já se ter entregado ao adultério e às trevas; e a causa do desejo de ouvir infâmias é o fato de ouvirmos o que nos murmuram os demônios infames que estão em nós. Devemos, pois, cada um de nós, purificar-nos por dentro e por fora no Senhor e guardar os sentidos, mantendo-nos puros de qualquer atividade inspirada pelas paixões e pelo pecado. E, assim como outrora nos dedicamos à vida do mundo, na nossa ignorância e na vaidade da nossa inteligência, submetida a inteligência e os sentidos à mentira do pecado, assim também devemos agora voltar-nos para a vida segundo Deus, submetendo-nos, com a mesma inteligência e os mesmos sentidos, ao Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Tess 1, 9), à sua justiça e a à sua vontade. [...]

Travemos, pois, o combate da inteligência contra estes demônios, a fim de não permitir que as suas vontades más passem para as nossas obras como pecados reais. Se arrancarmos o pecado do coração, encontraremos o Reino de Deus em nós. Por esta ascese, mantenhamos, em nome de Deus, a pureza e uma contínua compunção de coração.

Hesíquio do Sinai

(séc. V?), monge

137. «Sobre a sobriedade e a vigilância»

Dito de Batos, por vezes identificado com Hesíquio, sacerdote de Jerusalém

1. Jesus ilumina o espaço do coração

O sal dá sabor ao pão e a todos os alimentos, impede que certas carnes se estraguem, conservando-as por muito tempo. O mesmo acontece com a guarda da inteligência: ela cumula de sabor divino tanto o homem interior quanto o exterior, expulsa o mau odor dos pensamentos e nos faz perseverar no bem.

De uma simples sugestão nascem muitos pensamentos, e destes, más ações; mas aquele que, com Jesus, apaga imediatamente a primeira, evita as consequências e enriquece-se com o conhecimento divino pelo qual encontra Deus, presente em toda parte.

Quando o espelho da inteligência está voltado para Deus, permanece continuamente iluminado, como o cristal puro diante do sol. Alcançando o cume dos desejos, a inteligência repousa nele, afastada de toda outra contemplação. Assim como quem olha o sol não pode deixar de ficar inundado de luz, também quem contempla sem cessar o espaço do coração não pode deixar de ser iluminado.

Quando as nuvens se dissipam, o ar se torna límpido; assim também, quando as paixões se desfazem diante de Jesus Cristo, o Sol da Justiça, nascem no coração pensamentos

luminosos, semelhantes às estrelas. Pois Jesus ilumina o espaço do coração.

138. O combate da alma

Nosso Mestre e Deus encarnado deixou-nos um modelo de todas as virtudes (cf. 1Pd 2,21). Com seu exemplo, levantou-nos da antiga queda. Foi com suas próprias obras que Ele subiu ao deserto após o batismo, iniciando pelo jejum o combate da inteligência, quando o demônio O abordou como se fosse apenas um homem (cf. Mt 4,3). Pela forma como venceu, o Senhor ensinou-nos como lutar contra os espíritos do mal: com humildade, jejum, oração (cf. Mt 17,21), sobriedade e vigilância — embora Ele mesmo, sendo Deus, não tivesse necessidade disso.

Quem trava o combate interior deve ter sempre quatro coisas:

1. **Humildade**, porque enfrenta demônios orgulhosos; assim terá o auxílio de Cristo no coração, pois «o Senhor odeia os orgulhosos» (Pr 3,34 LXX).
2. **Atenção**, para manter puro o coração de todos os pensamentos, mesmo os que parecem bons.
3. **Refutação**, para contestar o maligno de imediato e com firmeza, como está escrito: «Responderei aos que me ultrajam, para que a minha alma esteja submetida a Deus» (Sl 61,2 LXX).
4. **Oração**, para dirigir-se a Cristo com «gemidos inefáveis» (Rm 8,26) após a refutação.

Assim, quem luta verá o inimigo dissipar-se com o aparecimento da imagem de Cristo, como poeira que o vento dispersa, expulso pelo adorável Nome de Jesus.

Quando a alma confia em Cristo, invoque-O sem temor, pois não combate sozinha, mas com o Rei terrível, Jesus Cristo, Criador de todos os seres, visíveis e invisíveis.

Hesíquio do Sinai

(dito de Batos, por vezes assimilado a Hesíquio, sacerdote de Jerusalém, séc. V), monge

139. Humildade, raiz de toda a vida espiritual

Capítulos sobre a sobriedade e a vigilância, n. 83-92.176.190

> *«Vinde a Mim, [...] que sou manso e humilde de coração»* (Mt 11,29)

O que é próprio da estrela é o resplendor da sua luz; o que é próprio do discípulo de Cristo é a simplicidade e a humildade. É este o sinal que dá a conhecer aqueles que pertencem ao Senhor, como o repetem incessantemente os quatro Evangelhos.

Quem não vive humildemente não imita Aquele que Se humilhou até à Cruz e à morte (cf. Fl 2,8). Como sem luz tudo fica em trevas, assim também, sem humildade, todo esforço espiritual é vão e fracassa. Ninguém se eleva mais do que o humilde.

A alma que recebeu de Jesus os dons e a doçura responde ao seu Benfeitor com ação de graças e amor, e vê dissiparem-se dentro de si os fantasmas dos maus espíritos. Por isso, agarremo-nos à oração e à humildade, junto com a sobriedade e a vigilância: eis armas de fogo contra os demônios. Assim cada dia e cada hora podem tornar-se, no mistério, uma festa do coração.

140. A oração incessante, caminho da vitória espiritual

Capítulos sobre a sobriedade e a vigilância

> «É *necessário orar sempre e nunca desfalecer*» (*Lc 18,1*)

A invocação contínua do Nome de Jesus, quando acompanhada de ternura e alegria, enche o coração de paz e de serenidade. Mas é Cristo quem leva a termo a purificação interior, Ele que é «o Deus da paz» (Is 45,7).

Sigamos o exemplo do profeta: «Senhor Jesus Cristo!» – que o nosso clamor nunca cesse, como ensina a parábola do juiz iníquo. Assim, a alma, sustentada por Cristo, não será confundida nem mesmo à hora da morte, mas sustentada pelo Filho de Deus.

Nada disto vem de nós, mas de Deus, que o concede. A Ele, no Pai, no Filho e no Espírito Santo, seja glória pelos séculos, com a intercessão da Puríssima Theotokos e de todos os santos.

141. A Páscoa, vitória da luz sobre a morte

I Homilia para a Páscoa, 1.5-6

> «*Esta é a noite em que Cristo, quebrando as cadeias da morte,*
> *Se levanta vitorioso do túmulo*»

O céu resplandece com o coro das estrelas, mas esta noite brilha ainda mais pela vitória do nosso Salvador. O «Sol da Justiça» (Ml 3,20) ergueu-Se da cruz, iluminando o mundo e destruindo o poder do inimigo.

Hoje o demônio foi vencido pelo Crucificado, e a humanidade encheu-se de alegria pelo Ressuscitado. O paraíso foi reaberto, Adão voltou à vida, Eva foi consolada, o Reino foi

preparado. Cristo esmagou a morte a seus pés, quebrou as portas do Hades e subiu aos céus glorioso, dizendo ao Pai: «Eis-Me aqui, com os filhos que Me deste» (Hb 2,13).

Glória a Ele, agora e sempre,
pelos séculos dos séculos. AMÉM!

João Cassiano

Nascido provavelmente na região da Cítia Menor (atual Dobruja, entre Romênia e Bulgária), João Cassiano recebeu sólida formação cultural e espiritual em Constantinopla, onde conheceu São João Crisóstomo. Em sua juventude, peregrinou ao Egito, permanecendo entre os monges de Nitria e Escete, dos quais recolheu preciosos ensinamentos sobre a vida espiritual, a oração e a luta contra as paixões.

Após passar também por Constantinopla e Roma, fixou-se em Marselha, no sul da Gália, onde fundou mosteiros e exerceu grande influência sobre o monaquismo ocidental. Suas obras principais, as **Instituições Cenobíticas** e as **Conferências (Collationes)**, transmitiram ao Ocidente a herança viva dos Padres do Deserto, adaptada às comunidades monásticas latinas.

Cassiano apresenta uma profunda síntese da espiritualidade cristã: o combate contra os **oito pensamentos de malícia** (raízes dos vícios), o caminho da **pureza de coração** como meta suprema e a oração contínua como respiração da alma. Sua doutrina teve enorme repercussão na vida monástica e espiritual da Igreja, influenciando não apenas São Bento, mas toda a tradição monástica latina.

Faleceu por volta de 435 em Marselha, sendo venerado como **pai espiritual** e transmissor da experiência do deserto ao Ocidente cristão.

142. Conferência I

«O Reino de Deus em nós»

A meu ver, seria indigno afastarmo-nos da contemplação de Cristo, ainda que por um só momento. Quando a nossa vida começar a desviar-se deste objetivo divino, voltemos imediatamente para Ele os olhos do coração e fixemos n'Ele o olhar do espírito.

Tudo repousa no santuário profundo da alma: quando o demônio é dele expulso e o mal já não reina, o Reino de Deus estabelece-se em nós. Com efeito, escreve o evangelista:

> *«O reino de Deus não vem de maneira visível; [...] porque o reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17,20-21).*

Em nós não pode haver senão ignorância ou conhecimento da verdade, amor do vício ou da virtude — e é por esses caminhos que entregamos o reinado do coração ao demônio ou a Cristo. O apóstolo Paulo descreve assim a natureza desse Reino:

> *«O Reino de Deus não é uma questão de comer e beber, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (Rm 14,17).*

Assim, pois, se o Reino de Deus está dentro de nós e consiste em justiça, paz e alegria, quem permanece nessas virtudes vive já no Reino. Elevemos, portanto, o olhar da nossa alma para esse Reino, que é alegria sem fim.

«O verdadeiro tesouro a oferecer»

Muitos, para seguirem a Cristo, desprezaram fortunas consideráveis, enormes quantias de ouro e de prata e propriedades magníficas. Contudo, mais tarde, deixaram-se apegar a pequenos objetos — um raspador, uma agulha, um estilete, um simples

junco de escrita — e, depois de terem distribuído todas as riquezas por amor a Cristo, voltaram à antiga paixão, aplicando-a a futilidades. Tornaram-se até capazes de se enfurecerem apenas para as defender.

Assim, a sua vida ficou marcada pela esterilidade, porque não possuíam a caridade de que fala o Apóstolo. Ele mesmo previra essa desgraça quando disse:

> *«Ainda que eu distribua todos os meus bens para sustento dos pobres e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita» (1Cor 13,3).*

É, portanto, claro que não atingimos a perfeição apenas pela renúncia às riquezas e pelo desprezo das honras, se a isso não acrescentarmos a caridade, cujas características o Apóstolo descreve. Ora, essa caridade só se encontra na pureza do coração.

Porque rejeitar a inveja e a arrogância, vencer a ira e a frivolidade, não procurar o próprio interesse, não se alegrar com a injustiça, não guardar ressentimento e tudo o mais (cf. 1Cor 13,4-5), não é senão oferecer continuamente a Deus um coração perfeito e puro, mantendo-o livre das paixões.

Assim, a pureza do coração deve ser o fim último de todas as nossas ações e de todos os nossos desejos, pois é nela que o Reino de Deus se firma em nós, tornando-nos capazes de viver na caridade, que é o verdadeiro tesouro a oferecer a Deus.

143. Conferências III

(6-7)

«Renunciar a todos os bens»

Segundo a tradição dos Padres e a autoridade das Sagradas Escrituras, as renúncias são em número de três. [...] A primeira diz

respeito às coisas materiais; devemos desprezar as riquezas e todos os bens deste mundo. Pela segunda, repudiamos a nossa antiga maneira de viver, os vícios e as paixões da alma e da carne. Pela terceira, distanciamos o nosso espírito de todas as realidades presentes e visíveis, para contemplarmos apenas as realidades futuras e desejarmos apenas as realidades invisíveis. Estas renúncias devem ser observadas em conjunto, como o Senhor ordenou a Abraão quando lhe disse:

> *"Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai" (Gn 12, 1).*

"Deixa a tua terra" – isto é, as riquezas da terra –, disse em primeiro lugar. Em segundo lugar disse: "Deixa a tua família", isto é, os hábitos e os vícios passados que, agregando-se a nós desde o dia em que nascemos, estão estreitamente unidos a nós por uma espécie de parentesco. E, em terceiro lugar, "Deixa a casa de teu pai", quer dizer, todas as ligações a este mundo que se apresentam aos nossos olhos. [...]

Contemplemos, como diz o Apóstolo Paulo, "não as coisas visíveis, mas as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas" (2 Cor 4, 18) [...]; "nós, porém, somos cidadãos do céu" (Fil 3, 20). [...] Sairemos, pois, da casa do nosso antigo pai, daquele que era nosso pai segundo o homem velho, desde o dia em que nascemos, desde que "éramos por natureza filhos da ira, como os demais" (Ef 2, 3), e transferiremos toda a nossa atenção, todo o nosso espírito, para as coisas celestes. [...] Então, a nossa alma elevar-se-á até ao mundo invisível, pela meditação constante das coisas de Deus e pela contemplação espiritual.

144. Conferência X

(6-7; PL 49, 827)

> «*Para que o amor com que Me amaste esteja neles, e Eu esteja neles*»

O Salvador dirigiu a seu Pai esta prece pelos seus discípulos: «para que o amor com que Me amaste esteja neles, e Eu esteja neles»; e ainda: «que eles sejam todos um, como Tu, Pai, o és em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós». Esta prece há de realizar-se plenamente em nós quando o perfeitíssimo amor com que Ele nos amou (1Jo 4,10) for o próprio movimento do nosso coração, em cumprimento desta prece do Senhor [...].

Isto acontecerá quando todo o nosso amor, todo o nosso desejo, esforço, procura e pensamento, tudo aquilo que vivemos e de que falamos, tudo o que respiramos, outra coisa não for senão Deus; quando assimilarmos, na alma e no coração, a unidade presente do Pai com o Filho e do Filho com o Pai – isto é, quando, imitando finalmente a caridade verdadeira, pura e indestrutível com que Ele nos ama, a Ele nos unirmos também por uma caridade contínua e inalterável, e a Ele estivermos tão ligados que a nossa respiração, o nosso pensamento e a nossa linguagem mais não sejam que Ele e só Ele. Alcançaremos assim, por fim, [...] o que o Senhor na sua prece desejava ver cumprir-se em nós:

> ... «*que eles sejam todos um, como Tu, Pai, o és em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós*» e «*Pai, quero que onde Eu estou, também estejam comigo os que Me deste*».

A isto está destinado aquele que na solidão ora, a isto deve levar todo o seu esforço: à graça de possuir, já desde esta vida, a imagem da futura bem-aventurança, como uma antecipação, no seu corpo mortal, da vida e da glória do Céu.

145. Conferência XIII

> *«Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos» (Mt 11,28)*

Deus não criou o homem para que se perca, mas para que viva eternamente; e este desígnio permanece imutável. Pois está escrito:

> *«Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tim 2,4).*

É também vontade do vosso Pai que está nos céus — diz Jesus — «que não se perca nenhum destes pequeninos» (Mt 18,14).

Em toda a Escritura, esta vontade salvífica é reiterada:

> *«Deus não quer que uma só alma pereça; Ele difere a execução dos seus decretos, a fim de que aquele que foi rejeitado não se perca sem remédio» (2Sam 14,14; cf. 2Ped 3,9).*

Deus é verdadeiro e não mente quando, por juramento, afirma:

> *«Eu sou o Vivo! Não tenho prazer na morte do pecador, mas que ele se converta do seu mau caminho e viva» (Ez 33,11).*

Poderá alguém, sem incorrer em enorme sacrilégio, pensar que Ele não quer a salvação de todos em geral, mas apenas de alguns? Quem se perde, perde-se contra a vontade de Deus, que clama sem cessar:

> *«Convertei-vos! Afastai-vos desse mau caminho; porque persistis em querer morrer, ó casa de Israel?» (Ez 33,11).*

E de novo:

> *«Por que persiste este povo de Jerusalém na sua obstinada rebeldia? [...] O seu semblante é mais duro do que pedra; recusam-se a converter-se» (Jer 8,5; 5,3).*

A graça de Cristo está sempre à nossa disposição. Visto que Ele quer que todos os homens se salvem, chama-os a todos, sem exceção:

> *«Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei»* (Mt 11,28).

146. Conferência XV

(6-7)

> *«Vinde e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração»* (Mt 11,28-29)

Os grandes da fé não tiravam proveito algum do poder que possuíam de realizar milagres. Confessavam que nenhum mérito lhes pertencia, mas que tudo era obra da misericórdia do Senhor. Quando alguém se admirava dos seus prodígios, rejeitavam toda glória humana, repetindo as palavras dos apóstolos:

> *«Homens de Israel, por que vos admirais com isto? E por que olhais para nós, como se fosse por nosso próprio poder ou piedade que fizéssemos andar este homem?»* (At 3,12).

Entendiam que ninguém devia ser louvado pelos dons e maravilhas de Deus, pois eles eram apenas sinais da sua graça. E todavia, às vezes, até homens de fé vacilante ou de vida condenável expulsam demônios e realizam prodígios em nome do Senhor. Foi disso que os apóstolos se queixaram:

> *«Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e proibimo-lo, porque não é dos nossos»* (cf. Lc 9,49).

Mas Jesus respondeu:

> *«Não o impeçais, porque quem não está contra vós está convosco».*

E, no entanto, o próprio Senhor advertiu que, no fim dos tempos, a alguns que disserem:

> *«Senhor, não foi em teu nome que profetizamos, expulsamos demônios e fizemos muitos milagres?», Ele responderá: «Nunca vos conheci; afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade» (Mt 7,22-23).*

Por isso, mesmo àqueles a quem Ele concede a graça gloriosa dos sinais e dos milagres, Cristo previne:

> *«Não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, porque os vossos nomes estão escritos no céu» (Lc 10,20).*

O Autor de todos os prodígios chama os discípulos a guardar a sua doutrina, e diz-lhes: «Vinde e aprendei de Mim» (Mt 11,28). Mas não a expulsar demônios, a curar leprosos, a dar vista a cegos ou a ressuscitar mortos; e sim:

> *«Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração» (Mt 11,29).*

Eis o que todos podem aprender e praticar: a humildade, mestra de todas as virtudes, fundamento inabalável do edifício espiritual, dom próprio e magnífico do Salvador. Quem a possui pode, sem perigo, realizar também os milagres de Cristo, porque procura imitá-Lo não na sublimidade dos prodígios, mas na paciência e na mansidão.

Em contrapartida, quem se apressa em ostentar curas e sinais extraordinários pode até invocar o nome de Cristo, mas permanece estranho a Ele, pois sua alma orgulhosa não segue o Mestre da humildade.

Eis o verdadeiro legado que Cristo deixou aos discípulos quando regressava ao Pai:

> *«Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,34-35).*

Ora, quanto menos mansos e humildes formos, menos cumpriremos este amor que nos identifica como discípulos do Senhor.

147. Sobre o Discernimento

(Conferência II; Instituições II, 2-3.16-17; SC 54)

O discernimento é o olho e a lâmpada da alma, segundo esta palavra do Evangelho:

> «*A lâmpada do corpo são os olhos. Se o teu olhar for límpido, todo o teu corpo será iluminado. Mas, se o teu olhar for mau, todo o teu corpo estará em trevas. E, se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão essas trevas!*» (Mt 6,22-23).

Ele é quem examina todos os pensamentos e as ações do homem, rejeitando e dissipando o que é mau e desagradável a Deus, protegendo-o das quedas. É também ao discernimento que o Apóstolo se refere ao dizer:

> «*Não se ponha o sol sobre a vossa ira*» (Ef 4,26).

É ele o leme da nossa vida, conforme está escrito:

> «*Aqueles que não têm direção caem como folhas*» (Pr 11,14 LXX).

Nele está a sabedoria, a inteligência e o juízo, sem os quais não podemos construir a nossa morada interior nem acumular riquezas espirituais.

> «*É pela sabedoria que se edifica uma casa; pela inteligência ela se firma, e pelo juízo se enchem os cofres de riquezas*» (Pr 24,3-4 LXX).

Ele é o alimento sólido dos adultos, cujo senso é exercitado pelo hábito de discernir o bem do mal (cf. Hb 5,14). Sem o carisma do discernimento, a virtude não pode permanecer

firme até o fim, pois é ele que gera, conserva e ordena todas as virtudes.

Por isso, os Padres dizem que devemos esforçar-nos com todo o ardor para adquirir o discernimento, que nos protege de dois excessos igualmente perigosos: tanto da negligência e da tibieza, como do zelo desordenado e da austeridade sem caridade. Com efeito, os excessos em qualquer direção são nocivos, e somente o discernimento mantém a alma na justa medida, segundo a vontade de Deus.

Assim nos ensinava o bem-aventurado abade Moisés, cuja sabedoria iluminada pelo Espírito Santo enchia de alegria os irmãos: para que glorificássemos o Senhor, que dá tamanha luz e prudência àqueles que O temem.

A Ele sejam a honra e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

148. Sobre a Castidade

(Conferência SC 54)

«Não me canso de esperar o Senhor» (Sl 39,2) – [cap. VI]

O remédio mais eficaz para o coração humano é a paciência, conforme as palavras de Salomão:

> *«O homem manso é o médico do coração» (Prov 14,30).*

Ela extirpa a ira, a tristeza, a preguiça, a vanglória e a soberba, bem como a volúpia e todos os vícios:

> *«A longanimidade faz a prosperidade dos reis», diz também Salomão (Prov 25,15).*

Quem é sempre manso e tranquilo não se deixa inflamar pela ira nem consumir pela angústia do tédio e da tristeza, não se dispersa nas fúteis buscas da vanglória nem consente em se elevar pela soberba: «Há superabundância de paz para aqueles que amam o nome do Senhor e nada é para eles ocasião de queda» (Sl 118,165).

Na verdade, o sábio tem razão em dizer:

> *«O homem paciente vale mais que o soldado corajoso; quem domina a sua cólera tem mais valor que o homem que toma uma cidade» (Prov 16,32).*

Porém, enquanto não alcançamos esta paz sólida e duradoura, devemos contar com múltiplos assaltos. Muitas vezes, teremos de dizer entre lágrimas e gemidos:

> *«Sou miserável, estou afligido sem medida, todo o dia esmagado pela tristeza, os meus rins encheram-se de ilusões» (Sl 37,7-8).*

Enquanto a alma não chegar ao estado de pureza perfeita, passará frequentemente por estas alternativas, que são necessárias à sua formação; até que, por fim, a graça de Deus lhe preencha todo o desejo, tornando-a firme para sempre. Então, poderá dizer com plena verdade:

> *«Não me cansei de esperar o Senhor e Ele olhou para mim. Ele ouviu a minha oração, retirou-me do fosso da minha miséria, dos abismos da lama; Ele me fez apoiar os pés sobre a rocha e firmou os meus passos» (Sl 39,2-3).*

«Que prodígio, ver publicanos transformados em apóstolos!» – [caps. XII–XIII]

Grande, maravilhosa e profundamente desconhecida dos homens – a não ser daqueles que a experimentam – é a generosidade de Deus, a sua inefável liberalidade com os seus fiéis, mesmo enquanto habitam este vaso de corrupção. Quem poderá

deixar de se maravilhar com as obras de Deus e de exclamar do fundo do coração: «Eu sei que o Senhor é grande» (Sl 134,5), quando passa, ou vê outros passarem, da avareza extrema à liberalidade, da prodigalidade à vida de abstinência, da soberba à humildade?

São estas, de fato, as maravilhas divinas que a alma do profeta e daqueles que se lhe assemelham descobre com espanto numa contemplação cheia de milagres. Com efeito, poderá haver maior prodígio do que ver, num breve momento, publicanos gananciosos tornarem-se apóstolos, perseguidores ferozes transformarem-se em pregadores do Evangelho, prontos a tudo suportar e propagando a fé que perseguiam à custa do seu sangue?

São estas as obras de Deus, que o Filho testemunha realizar todos os dias, em união com o Pai:

> *«Meu Pai até agora trabalha, e Eu também trabalho» (Jo 5,17).*

Tais são as obras de Deus, que o bem-aventurado Davi canta no Espírito:

> *«Bendito seja o Senhor, que é Deus, o Deus de Israel, Ele é o único a realizar maravilhas» (Sl 71,18).*

É delas que fala o profeta Amós:

> *«Ele fez todas as coisas e as muda; transforma a sombra da morte em manhã» (Am 5,8 LXX). «Estas são as mudanças que produziu a mão direita do Altíssimo» (Sl 76,11 Vg),*

em relação às quais o profeta reza ao Senhor:

> *«Confirma, ó Deus, o que fizeste em nós» (Sl 67,29 Vg).*

Sim, é este o grande milagre de Deus: que um homem de carne tenha rejeitado todas as inclinações carnais; que, no meio de tantas circunstâncias adversas e de tantos ataques, tenha mantido a sua alma no mesmo estado de espírito, permanecendo inamovível no fluxo incessante dos acontecimentos.

149. «Sobre a amizade»

(cap. XXVI; SC 54)

Sejam quais forem as injúrias que descarreguem sobre o monge, ele mantém a paz; e não apenas nos lábios, mas no fundo do coração. Se se sentir minimamente perturbado, contém-se em absoluto silêncio e segue exatamente o que diz o salmista:

> *«Fiquei perturbado sem nada dizer» (Sl 76,5 LXX). «Disse a mim próprio: vigiarei a minha conduta, para não pecar com a língua; refrearei a minha boca enquanto o ímpio estiver diante de mim. Fiquei calado e em silêncio» (Sl 38,2-3).*

Ele não deve deter-se considerar o presente; não deve deixar que os seus lábios profiram o que a ira lhe sugere naquele momento, o que lhe dita o coração exasperado. Deve antes ponderar no seu espírito a graça da caridade passada; ou voltar o olhar para o futuro, para ver, em espírito, a paz já restabelecida; dedicar-se a contemplá-la quando se encoleriza, ciente de que ela voltará.

Enquanto se reserva para a suavidade da concórdia próxima, não sentirá a amargura da querela presente, e dará uma resposta tal que nem tenha de se acusar a si mesmo nem de ser censurado pelo irmão quando a amizade for restabelecida. Desta forma, cumprirá a palavra do profeta:

> *«Na ira, lembra-te da misericórdia» (Hab 3,2 LXX).*

150. Sobre a Proteção Divina

(caps. VI–VIII; SC 54)

«Queres ser curado?»

O homem tem uma necessidade permanente do socorro divino; é fácil demonstrar esta afirmação.

A fragilidade humana nada pode fazer, por si só e sem a ajuda de Deus, pela sua salvação.

Muitas vezes, desejamos executar um qualquer plano útil; nada falta ao ardor dos nossos desejos e temos uma boa vontade perfeita. Pois não é verdade que, apesar disto, há uma fraqueza que se atravessa no nosso caminho, tornando inúteis os votos que formámos e impedindo o bom efeito dos nossos propósitos, se o Senhor, na sua misericórdia, não nos der forças para os cumprir? É imensa a multidão de quantos desejam lealmente consagrar-se à busca da virtude; mas, se contarmos aqueles que conseguem alcançar esse sonho e perseverar no seu esforço, poucos encontramos!

A proteção divina segue-nos, pois, inseparavelmente. Tão grande é a ternura do Criador pela sua criatura que não basta à sua Providência acompanhar-nos, mas tem sempre de nos preceder. O profeta, que tinha feito esta experiência, dá abertamente testemunho disto:

> *«A misericórdia do meu Deus adiantar-se-á» (Sl 58,11 Vulg).*

Assim que Ele percebe em nós um começo de boa vontade, logo derrama a sua luz e a sua força, excitando-nos à salvação, fazendo crescer a semente que Ele próprio semeou ou que vê surgir da terra com o nosso esforço.

> *«Antes que venham ter comigo, Eu os ouvirei; ainda estarão a falar e atendê-los-ei» (Is 65,24).*

E diz também:

> *«Ao som do teu clamor, assim que te ouvir, Ele te responderá» (Is 30,19).*

E não Se limita a inspirar-nos desejos santos, mas prepara-nos oportunidades para voltarmos à vida, circunstâncias

favoráveis para darmos bons frutos. Ele mostra aos transviados o caminho reto da salvação.

«O amor maternal de Deus»

(caps. XIII–XIV; SC 54)

Procuremos nas coisas humanas uma comparação para a incomparável clemência do nosso Criador; não com a mira de nelas encontrar igualdade de ternura, mas ao menos uma certa semelhança na bondade indulgente.

Pensemos numa mãe cheia de amor e de cuidados, que durante muito tempo anda com o filho ao colo, até que, finalmente, o ensina a caminhar. A princípio, deixa-o gatinhar. Depois, levanta-o, pegando-lhe na mão, a fim de que ele aprenda a pôr os pés um à frente do outro. A seguir, solta-o uns momentos; porém, vendo que o filho vacila, rapidamente lhe estende a mão, apoiando-lhe os passos hesitantes, levantando-o do chão quando ele cai ou evitando a queda, ou então deixando-o cair suavemente e voltando a levantá-lo.

Com o passar do tempo, o filho torna-se um rapazinho, e ei-lo em toda a força da adolescência e da juventude. Nessa altura, a mãe pode encomendar-lhe recados, pedir-lhe pequenos trabalhos em que ele possa exercitar-se sem ficar sobrecarregado, autorizá-lo a lutar com os amigos.

Pois o nosso Pai que está nos Céus bem sabe quem deve aproximar do seio da sua graça e quem deve exercitar na virtude, na sua presença, deixando-o árbitro da sua vontade! Contudo, continua a ajudar-nos nas nossas lutas, ouve os nossos pedidos, não se esquiva às nossas solicitações, indo por vezes a ponto de nos afastar dos perigos contra a nossa vontade.

Tudo isto mostra claramente que os juízos de Deus são insondáveis, que são incompreensíveis os caminhos pelos quais Ele atrai a humanidade à salvação.

«Deus deseja que todos os homens se salvem»

(cap. VII; SC 54)

Deus não criou o homem para que ele perecesse, mas para que vivesse eternamente, e este desígnio permanece inalterado. Assim que vê brotar em nós a mais pequena centelha de boa vontade, ou que Ele próprio a faz brotar da pedra dura do nosso coração, a sua bondade cuida dela com atenção: estimula-a, fortalece-a com a sua inspiração, pois Ele

> ... «*deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*» (*1Tm 2,4*).
>
> «*Não é da vontade do vosso Pai que está nos céus que se perca nem um destes pequeninos*», *diz o Senhor* (*Mt 18,14*).

Deus é verdadeiro, e não mente quando jura:

> «*Pela minha vida, oráculo de Deus, o Senhor, Eu não desejo a morte do malfeitor, mas, pelo contrário, que o malfeitor se converta do seu caminho e viva*» (*Ez 33,11*).

Se não é da sua vontade que um só destes pequeninos se perca, poderemos pensar, sem cometer um enorme sacrilégio, que Ele não quer a salvação de todos em geral, mas apenas de alguns? Quem se perde, perde-se contra a sua vontade, pois Ele grita-lhes todos os dias:

> «*Convertei-vos dos vossos maus caminhos! Porque haveríeis vós de morrer, ó casa de Israel?*» (*Ez 33,11*).

E ainda:

> *«Quantas vezes quis reunir os teus filhos, como uma galinha reúne os seus pintainhos debaixo das asas, e vós não quisestes!»* (Mt 23,37);

ou também:

> *«Por que se revolta, então, este povo e Jerusalém persiste na revolta? Obstinam-se na falsidade e recusam voltar atrás»* (Jer 8,5).

A graça de Cristo está sempre à nossa disposição. Uma vez que Ele

> *... «deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade», também os chama a todos, sem exceção: «Vinde a Mim, todos os que andais fatigados e oprimidos, e Eu vos darei descanso»* (Mt 11,28).

151. Sobre a Perfeição

O caminho dos filhos e a perfeição de um coração puro

cap. VII (SC 54)

Se alguém quer tender à perfeição, partirá do primeiro degrau, que é o do temor, estado propriamente servil, e elevar-se-á, em progresso continuado, até às vias superiores da esperança. Esta espera a recompensa, mas ainda não alcançou aquele sentimento do filho, que, confiando-se à indulgência e à liberalidade paternas, não duvida de que tudo o que é de seu Pai também é seu.

O filho pródigo do Evangelho não ousa aspirar, depois de tudo o que perdeu, ao nome de filho. Reparai que ele invejava as alfarrobas que os porcos comiam, ou seja, o alimento sórdido do

vício, e ninguém lhes dava. Então, voltou-se para si mesmo e, tocado por um temor salutar, encheu-se de horror pela imundície dos porcos e rejeitou o cruel tormento da fome, sentimentos que, de certa maneira, fazem dele um escravo.

Porém, sonhando com o salário que se paga aos mercenários, cobiçou a situação destes, dizendo:

> *«Quantos trabalhadores de meu Pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Vou-me embora, vou ter com meu Pai e dizer-Lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra Ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas trata-me como um dos teus trabalhadores».*

Entretanto, o Pai foi ao seu encontro e acolheu estas palavras de arrependimento humilde, ditadas pela ternura, ainda com maior ternura: Ele não quer conceder ao filho bens de menor valor, mas restitui-o à dignidade de filho, fazendo-o subir imediatamente os dois degraus inferiores.

Apressemo-nos, também nós, a subir, pela graça de uma indissolúvel caridade, a este terceiro grau, o dos filhos, que consideram seu tudo o que pertence ao Pai; mereçamos receber em nós a imagem e semelhança do nosso Pai dos Céus. E então, tal como o Filho verdadeiro, poderemos proclamar:

> *«Tudo o que é do Pai Me pertence também» (Jo 16,15).*

Na verdade, é totalmente diferente ter ódio à sujidade dos vícios e da carne por saborear o bem já presente, de refrear as cobiças ilícitas tendo em vista uma recompensa futura; ter medo de uma pena no presente, ou recear os tormentos que virão. Em suma, é perfeição muito maior não querer afastar-se do bem por amor ao próprio bem, do que não dar o consentimento ao mal por medo de sofrer outro mal.

No primeiro caso, o bem é voluntário; no segundo, parece uma recusa forçada e arrancada com muita luta, por temor ao suplício ou por apetite pela recompensa. Por isso mesmo, aquele

que só renuncia às seduções do vício por medo voltará para o objeto dos seus amores assim que o medo, que lhe era obstáculo, se desvanecer. Para ele, não há estabilidade no bem.

Pelo contrário, aquele que ultrapassou os assaltos do vício e goza da segurança da paz, estando inteiramente transformado por amor à virtude em si mesma, permanecerá constante no bem, ao qual pertence sem divisões, porque a seus olhos já não há pena mais dolorosa que um ataque à castidade íntima da sua alma. A pureza que tem presente é o seu mais caro e precioso tesouro, tal como o mais grave dos castigos seria ver as suas virtudes perniciosamente violadas, ou experimentar a sujidade envenenada do vício.

O temor, a esperança e a caridade

CONFERÊNCIAS, VII; SC 54

Se alguém deseja tender à perfeição, deve partir do primeiro degrau, o do temor — estado propriamente servil — e, em progresso contínuo, elevar-se às vias superiores da esperança. Esta espera a recompensa, mas ainda não alcançou a confiança filial daquele que, apoiando-se na indulgência e liberalidade do Pai, não duvida de que tudo o que é de seu Pai também é seu.

O filho pródigo não ousava aspirar, depois de tudo o que perdera, ao nome de filho. Mas o Pai restituiu-lhe de imediato a dignidade filial, não lhe concedendo apenas bens de menor valor, mas elevando-o aos graus superiores.

Assim também nós: apressemo-nos a subir pela graça de uma caridade indissolúvel até este terceiro grau, o da filiação, que considera como próprio tudo o que pertence ao Pai. Então, configurados ao Filho verdadeiro, poderemos proclamar: «Tudo o que é do Pai é também meu» (Jo 16,15).

É muito diferente evitar o vício por medo do castigo, ou renunciar ao mal por amor ao bem em si. O primeiro é instável e sem repouso; já o segundo permanece constante. Quem alcançou a paz interior, transformado pelo amor à virtude, considera a pureza do coração como tesouro supremo.

É o próprio Salvador quem nos convida:

> *«Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito» (Mt 5,48).*

Os degraus inferiores são apenas etapas de aprendizagem. A verdadeira perfeição é chegar à caridade:

> *«No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor. Pois o temor supõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor. Nós amamos porque Deus nos amou primeiro» (1Jo 4,18-19).*

Esforcemo-nos, pois, por subir do temor à esperança, e desta à caridade perfeita, que é o amor de Deus e das virtudes.

«Amai os vossos inimigos [...] para serdes filhos»

cap. IX; SC 54

Todo aquele que consegue, pela caridade, chegar à imagem e semelhança de Deus, deleita-se no bem pelo sabor que nele encontra. Abraça com amor a paciência e a mansidão. As falhas dos pecadores já não o irritam, mas implora o seu perdão, por compaixão diante das suas penas.

Reconhece que não foram os seus próprios esforços que o libertaram, mas a misericórdia de Deus. Por isso, não manifesta cólera, mas comiseração, e canta a Deus em paz:

> *«Quebraste as minhas cadeias. Hei de oferecer-te sacrifícios de louvor» (Sl 115,16-17).*

Assim cumpre o preceito evangélico da perfeição:

> «*Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem*» (Mt 5,44).

Desta forma, não só somos imagem de Deus, mas recebemos também o nome de filhos:

> «*Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu*» (Mt 5,45).

O temor do amor

cap. XIII; SC 54

Fundados na perfeição da caridade, elevamo-nos a um grau ainda mais sublime: o temor de amor. Este não nasce do medo do castigo ou do desejo de recompensa, mas da grandeza mesma do amor. É respeito reverente e afeição atenciosa, como a de um filho por seu pai, de um amigo por seu amigo, de uma esposa por seu esposo. Não teme golpes nem censuras, mas apenas ferir o amor com a menor injúria.

Assim, há uma diferença entre o temor imperfeito, «princípio da sabedoria» (Sl 110,10), e o temor perfeito, que é tesouro da sabedoria e da ciência. No amor não há temor servil, pois o amor perfeito lança fora o medo (1Jo 4,18).

Este é o temor do Homem-Deus, que veio não só para nos redimir, mas para nos dar, na sua Pessoa, o modelo da perfeição e o exemplo das virtudes.

152. Sobre os Carismas Divinos

A natureza do dom de cura

cap. I; SC 54

A tradição dos antigos ensina-nos que a natureza dos carismas espirituais se reveste de uma tríplice forma.

A primeira causa do dom de cura é o mérito da santidade: a graça dos milagres acompanha todos os eleitos e os justos. É bem claro, por exemplo, que os apóstolos e muitos santos realizaram sinais e prodígios, segundo o mandamento do Senhor:

> *«Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios; recebestes de graça, dai de graça»* (Mt 10,8).

A segunda é a edificação da Igreja, ou para recompensa da fé, quer daqueles que apresentam os seus doentes, quer dos próprios doentes; a virtude de curar pode proceder até de homens pecadores e indignos. Pelo contrário, a falta de fé dos doentes ou daqueles que os apresentam não permite que aqueles que receberam o dom da cura exerçam esse poder. Sobre isso, diz o evangelista São Marcos:

> *«Jesus não pôde ali fazer muitos milagres e estava admirado com a falta de fé daquela gente»* (Mc 6,5-6).

O terceiro tipo de cura é um jogo e uma habilidade dos demônios. O Senhor mesmo advertiu:

> *«Haverá falsos messias e falsos profetas, que farão grandes sinais e prodígios, a ponto de induzirem em erro, se fosse possível, os próprios eleitos»* (Mt 24,24).

Por isso, não devemos admirar os milagres daqueles que buscam exibição, mas considerar se procuram corrigir os seus vícios e emendar a própria vida. Este benefício não se alcança pela fé de terceiros nem por causas estranhas, mas é dado a cada um pela graça divina, na proporção do seu zelo.

Aquilo que os discípulos devem reter do Mestre

cap. VI; SC 54

Um dia, os apóstolos queixaram-se a Jesus:

> «*Mestre, vimos um homem a expulsar os demônios em teu nome e procuramos impedir-lhe, porque ele não anda conosco*».

Jesus atalhou imediatamente:

> «*Não o proibais. Quem não é contra nós é por nós*» (*cf. Lc 9,49-50*).

Mas quando, no final dos tempos, estas pessoas disserem:

> «*Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? Não foi em teu nome que fizemos numerosas ações poderosas?*»,

Ele afirmará:

> «*Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!*» (*Mt 7,22-23*).

Assim, o Senhor adverte mesmo aqueles a quem concede a graça dos sinais e prodígios, para que não se exaltem por isso:

> «*Não vos alegreis porque os espíritos se submetem a vós; alegrai-vos, antes, porque os vossos nomes estão inscritos nos Céus*» (*Lc 10,20*).

Agora, o próprio Autor de todos os sinais chama os seus discípulos a aprenderem d'Ele a verdadeira doutrina. Ele esclarece o que os seus verdadeiros seguidores devem aprender com particularidade:

«Vinde», diz, «e aprendei de Mim» — não a expulsar os demônios, nem a curar os leprosos, nem a dar vista aos cegos, nem a ressuscitar mortos. É verdade que Ele realiza tais prodígios por

meio de alguns servos; no entanto, a glória pertence somente a Deus.

O que todos podem aprender e praticar é isto:

> «*Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração*» (Mt 11,28-29).

Eis o dom universal, que não é concedido a poucos, mas oferecido a todos: a humildade, raiz de toda a perfeição.

153. Sobre a Ciência Espiritual

(Conferências, SC 54)

O vaso purificado do coração

Se quereis chegar à verdadeira ciência das Escrituras, apressai-vos a adquirir uma inabalável humildade de coração, pois é ela que conduz não à ciência que incha, mas àquela que ilumina pela consumação da caridade. A alma impura não pode obter o dom da ciência espiritual.

Com efeito, não se coloca perfume de qualidade, mel excelente ou licor precioso em vaso fétido e corrompido. Antes, o que é puro se corrompe no contato com o que é impuro. Assim é com o vaso do nosso coração: se ele não estiver purificado dos vícios, não será capaz de receber e conservar a suavidade da Palavra divina, mais doce que o mel que escorre dos favos (Sl 18,11).

Por isso, diz o Apóstolo:

> «*A caridade é paciente, benigna, não é invejosa, não se ensoberbece, não procura os próprios interesses, não guarda rancor...*» (1Cor 13,4-5).

É essa caridade que só pode ser mantida no coração puro, livre do contágio das paixões. Eis o verdadeiro fim da vida espiritual: oferecer continuamente a Deus um coração limpo, capaz de conservar a ciência da Escritura sem mancha.

Sede, pois, «prontos para ouvir e lentos para falar» (Tg 1,19), não aconteça que se realize em vós o provérbio:

> *«Viste um homem precipitado no falar? Há mais a esperar de um insensato do que dele» (Pr 29,20).*

Não pretendas ensinar aos outros aquilo que não praticaste. O Senhor mesmo mostrou a ordem: «Começou a fazer e a ensinar» (At 1,1).

Aquele que ousa impor aos outros preceitos que não observa é como os que

> *«atam pesados fardos e os colocam nos ombros dos homens, mas eles mesmos não querem movê-los nem com um dedo» (Mt 23,4).*

E ainda:

> *«Quem violar um só destes mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os homens a fazer o mesmo, será chamado o menor no Reino dos céus» (Mt 5,19).*

Quanto mais, então, aquele que, além de não praticar, presume ensinar preceitos maiores e mais graves!

Não vos deixeis enganar pela facilidade de palavra ou pela eloquência. Uma coisa é saber dissertar com elegância; outra, muito diferente, é penetrar até o coração das palavras celestiais, contemplando-as com o olhar purificado pelo Espírito. Só a pureza da alma, iluminada do alto, alcança esta ciência verdadeira, que nenhuma sabedoria humana pode produzir.

Assim, a ciência espiritual não é fruto de raciocínio, mas dom de Deus dado àqueles que, com humildade e coração purificado, se tornam morada digna da Palavra.

As palavras salutares que alegram o coração do homem

cap. IX; SC 54

A mente humana não consegue permanecer vazia. Se não estiver ocupada com as coisas de Deus, dedica-se fatalmente ao que aprendeu anteriormente; se não tiver para onde voltar a qualquer momento e exercitar a sua infatigável atividade, é atraída por uma inclinação irresistível para os temas de que foi impregnada na primeira infância.

Recolhidas com avidez, cuidadosamente depositadas e guardadas nos recônditos da alma com o selo do silêncio, as palavras salutares serão como vinhos de doce perfume, que alegram o coração do homem. Amadurecidas por longas reflexões e na lentidão da paciência, derramá-las-ás do receptáculo do teu peito com torrentes de aromas perfumados; como fonte que jorra incessantemente, elas transbordarão dos canais da experiência e das virtudes; fluirão do teu coração, como de um abismo, em rios inesgotáveis.

Então se cumprirá o que diz o Livro dos Provérbios:

> «*Bebe a água das tuas cisternas e da fonte dos teus poços*» (*Pr 5,15 LXX*).

Nas palavras do profeta Isaías:

> «*Serás como um jardim bem regado, como uma nascente de água cujas águas não desiludem; reconstruirás em ti as ruínas de outrora, erguerás os fundamentos de gerações e gerações*» (*Is 58,11-12*).

E ainda:

> «*Aquele que te dá a instrução não se esconderá mais; teus olhos verão o teu mestre, e teus ouvidos ouvirão atrás de ti esta*

> *palavra: 'Este é o caminho, segui por ele', quer te desvies para a direita, quer para a esquerda»* (Is 30,20-21).

Assim, a direção do vosso coração e o seu estudo, mas também o próprio vaguear dos vossos pensamentos e a sua deambulação incerta, tornar-se-ão uma santa e incessante meditação da lei divina.

154. Sobre a Oração

(Compilação a partir das Conferências, SC 54)

O Pai-Nosso

> «*Pai nosso, que estás nos Céus,*
> *santificado seja o teu nome*» (Mt 6,9).

Com estas palavras, confessamos que o Deus e Senhor do Universo é nosso Pai, reconhecendo que fomos chamados da condição de servos à condição de filhos adotivos.

> «*Que estás nos Céus*»:

... porque o tempo da nossa vida é um exílio, e esta Terra é uma terra estrangeira, que nos separa do nosso Pai. Caminhemos, pois, apressadamente, com todo o ardor dos nossos desejos, para a região onde proclamamos que reside o nosso Pai!

Uma vez alcançada esta dignidade de filhos de Deus, arderemos com a ternura que se encerra no coração de todos os filhos; e, sem pensar nos nossos interesses, teremos como única paixão a glória do nosso Pai.

Dir-Lhe-emos:

> «*Santificado seja o teu nome*»,

... afirmando assim que o nosso maior desejo e alegria é a sua glória, a imitação daquele que disse:

> *«Quem fala por sua conta procura a sua glória pessoal; mas quem procura a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro e nele não há impostura» (Jo 7,18).*

Estas palavras também significam que Deus é santificado pela nossa perfeição. Assim, dizer-Lhe: «Santificado seja o teu nome» é o mesmo que dizer:

> *«Pai, torna-nos de tal maneira que mereçamos conhecer e compreender a grandeza da tua santidade, ou pelo menos que esta santidade se manifeste na nossa vida espiritual».*

É isto que se realiza em nós quando os homens, vendo as nossas boas obras, glorificam o nosso Pai que está nos Céus (cf. Mt 5,16).

> *«Venha a nós o teu reino».*

No segundo pedido, a alma puríssima exprime o desejo de ver chegar muito em breve o reino de seu Pai.

Ao dizer isto, pode visar, em primeiro lugar, o reino inaugurado em cada dia por Cristo na alma dos santos. É isso que acontece uma vez o diabo expulso do nosso coração mais os seus vícios, com os quais o infetava, e desfeito o seu império: Deus entra soberano em nós, espalhando o bom odor das virtudes: vencida a fornicação, é a castidade que reina na nossa alma; ultrapassada a raiva, a tranquilidade; calcada aos pés a soberba, a humildade.

Pode também ter em vista aquilo que foi prometido para um tempo antecipadamente estabelecido a todos os perfeitos de uma maneira geral, a todos os filhos de Deus. Então, Cristo dir-lhes-á:

> *«Vinde, benditos do meu Pai; herdai o reino preparado para vós desde a fundação do mundo» (Mt 25,34).*

A alma mantém o seu olhar ardentemente fixo nesta feliz palavra, cheia de desejo e de esperança, e exclama:

> *«Venha a nós o teu reino».*
>
> *«Perdoa as nossas dívidas,*
> *assim como nós perdoamos aos nossos devedores»* (Mt 6,12).

Ó clemência inefável de Deus! Para além de nos dar um modelo de oração, para além de instituir a regra de vida pela qual podemos tornar-nos agradáveis a seus olhos, através da fórmula que nos ensina e nos recomenda que utilizemos constantemente, Ele arranca como que por necessidade as raízes da ira e da tristeza.

Mas não é tudo. Também nos permite, na própria oração, pedir-Lhe que faça um juízo indulgente e misericordioso sobre nós, dando-nos a possibilidade de suavizar a nossa sentença, levando-O ao perdão pelo exemplo da nossa própria indulgência, quando Lhe dizemos:

> *«Perdoa-nos assim como nós perdoamos».*

Se queremos ser julgados com clemência, sejamos clementes para com aqueles que nos trataram mal, pois seremos perdoados na medida em que — por grande que tenha sido a sua maldade — perdoarmos àqueles que nos fizeram o mal.

Muitos, porém, tremem ao ouvir estas palavras e chegam até a omiti-las quando a Igreja inteira, unida, recita o Pai-Nosso, temendo condenar-se pela própria boca. Mas são vãs sutilezas: ninguém se pode esconder diante do Juiz soberano, que quis antes mostrar-nos de antemão o critério com que nos julgará. É por não querer ser severo conosco que nos dá a regra dos seus juízos: que julguemos os irmãos como desejamos ser julgados por Ele.

Estados e disposições da oração

É impossível distinguir todos os tipos de oração, a não ser que se tenha uma pureza de coração singular e luz extraordinária do Espírito Santo, pois são muitos os estados que podem existir numa mesma alma.

A oração muda conforme a disposição interior: ora nasce da leveza do coração, ora da tristeza; ora da luta contra tentações, ora da compunção inspirada pelo juízo; ora do desejo ardente dos bens futuros, ora do pedido de perdão ou de virtude; ora da gratidão pela luz recebida, ora da aridez e secura da alma.

Mas todas estas formas conduzem a algo mais elevado: um olhar único para Deus, um grande fogo de amor, onde a alma se funde na santa dileção, entretendo-se com Ele como filha diante do Pai, numa familiaridade simples e terna.

> *«Sou um pobre mendigo, mas Deus é o meu sustento!» (Sl 73,21).*

Que pobreza maior e mais santa pode haver do que a de um homem que se sabe totalmente desprovido de meios de sustento, e que todos os dias pede auxílio à generosidade dos outros? Assim também nós, que percebemos que a nossa vida e todo o nosso ser são sustentados pela assistência divina, podemos proclamar com razão:

> *«Sou um pobre homem, um mendigo, mas Deus é o meu sustento».*

O próprio Deus nos ilumina, para nos ajudar a ascender ao conhecimento multiforme do seu Ser; e ficamos saciados com a visão dos mistérios mais sublimes e ocultos, como diz o profeta:

> *«Os penhascos são o refúgio dos ouriços» (Sl 103,18 Vg).*

Quem persevera na inocência e na simplicidade não faz mal e não é peso para ninguém. Torna-se como que um ouriço espiritual, que encontra abrigo sob a pedra do Evangelho: protegido pela memória da Paixão do Senhor e pela meditação

incessante, escapa a todas as ciladas e ataques do inimigo. São estes os ouriços espirituais de que fala o Livro dos Provérbios:

> *«os ouriços, seres sem poder, que fazem dos rochedos a sua habitação» (Pr 30,26 LXX).*

Pois quem é mais fraco que um cristão, mais enfermo que um monge?

«Uma oração para todos os estados».

Para estardes sempre na presença de Deus, podeis repetir continuamente esta fórmula:

> *«Deus, vem em nosso auxílio. Senhor, socorre-nos e salva-nos!».*

Este curto versículo exprime os sentimentos a que a natureza humana é suscetível, adapta-se a todos os estados e convém a todo o gênero de tentações. Ele é ao mesmo tempo pedido de socorro contra todos os perigos, confissão humilde da nossa fragilidade, vigilância contínua e confiança segura na misericórdia.

É a voz da caridade ardente, o grito da alma que, vendo-se atacada, reconhece que não pode escapar senão pelo auxílio divino. É fortaleza inexpugnável, couraça impenetrável e escudo seguro.

A eficácia da oração

A experiência ensina quais são os sinais de que a oração foi ouvida pelo Senhor. Se, na súplica, não houve hesitação nem sombra de dúvida, mas sentimos interiormente já ter recebido o que pedíamos, esta oração foi eficaz diante de Deus.

Pois o que nos faz ser ouvidos é a fé no olhar de Deus sobre nós e a confiança de que Ele pode conceder o que Lhe pedimos:

> *«Tudo o que pedirdes na oração, crede que o obtereis, e vos será concedido» (Mc 11,24).*

Por isso, afastemos toda hesitação e perseveremos na súplica. O Senhor deseja que O importunemos com santa insistência; longe de rejeitar os importunos, Ele os encoraja e promete dar-lhes o que pedirem com constância:

> *«Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e vos será aberto» (Lc 11,9-10).*

«Quando orares, entra no teu quarto e fecha a porta» (Mt 6,6).

Devemos ter um cuidado especial em seguir este preceito evangélico. Rezamos no nosso quarto quando retiramos totalmente o coração do tumulto e do ruído, e, em doce intimidade, apresentamos ao Senhor os nossos desejos.

Oramos de porta fechada quando suplicamos em silêncio interior Àquele que não olha as palavras, mas o coração.

Rezamos em segredo quando falamos só com Deus, de modo que nem as potestades adversas possam devassar os nossos pedidos. Eis a razão do silêncio profundo na oração: não apenas para não distrair os irmãos, mas também para esconder das forças inimigas o objeto da súplica. Assim se cumpre a palavra:

> *«Não abras a tua boca nem àquele que dorme em teus braços» (Mq 7,5).*

Conclusão

Para Cassiano, a oração é escola de purificação do coração e caminho de filiação. Não consiste apenas em pedir ou em multiplicar palavras, mas em conformar-se ao querer do Pai: mansidão, humildade, perdão e perseverança. Oração é olhar fixo em Deus, sustentado pela fé, pela caridade e pela pureza do coração.

155. Sobre os Principados

(Conferências, SC 54)

«Sobre os principados»

Há uma razão para o nome de *principados* e *potestades* que se dá aos espíritos maus: é o fato de exercerem dominação e império sobre povos diversos, ou de terem sob sua autoridade espíritos e demônios de categoria inferior, chamados de *legião* no Evangelho.

Com efeito, não poderiam ser chamados de dominações, se não tivessem sobre quem exercer poder; nem de potestades ou principados, se não houvesse ninguém sobre quem pudessem reivindicar preeminência. A blasfêmia dos fariseus bem o mostra, quando diziam:

> *«É por Belzebu, o príncipe dos demônios, que Ele expulsa os demônios»* (Mt 12,24).

Também a Escritura fala do «poder das trevas» (Ef 6,12) e de «um príncipe deste mundo» (Jo 14,30).

Entretanto, como afirma o bem-aventurado Apóstolo, todas essas dignidades hão de desaparecer, quando todas as coisas forem submetidas a Cristo,

... «que devolverá o Reino a Deus, seu Pai, depois de ter aniquilado todos os principados, potestades e dominações» (1Cor 15,24).

Isso não poderá deixar de acontecer, pois aqueles que hoje estão sob o jugo dos demônios serão arrancados de seu império e libertados pela vitória de Cristo.

Mas, se tais nomes se aplicam aos espíritos das trevas, também se aplicam com verdade aos anjos de Deus. Não se duvida de que os anjos recebem títulos que exprimem sua função, seus méritos e sua dignidade. Anjos, ou mensageiros, são assim chamados porque anunciam a vontade divina; arcanjos, porque têm poder sobre os anjos, como o indica o nome. Outros são chamados *dominações*, porque presidem a muitos; *principados*, porque têm quem lhes obedeça como súditos a seus príncipes; e outros ainda, *tronos*, pela familiaridade íntima que têm com Deus, de modo que a Divina Majestade parece repousar neles como em trono firme.

Sobre esses anjos, diz-nos o Salvador:

> «*Não desprezeis um só destes pequeninos, porque os seus anjos veem constantemente o rosto de meu Pai que está nos céus*» (Mt 18,10).

Também está escrito:

> «*O anjo do Senhor acampa em redor dos que O temem e os liberta*» (Sl 33,8);

E, nos Atos dos Apóstolos: «É o seu anjo» (At 12,15).

Assim, ao passo que os principados malignos serão destruídos, a hierarquia dos anjos fiéis permanece firme, ministros do Altíssimo, contemplando sem cessar a sua face e assistindo com solicitude os que herdarão a salvação.

«O luxuriante paraíso das Escrituras espirituais»

Entre as verdades que a autoridade das divinas Escrituras destinou à nossa instrução, há algumas que estão expressas com tão óbvia clareza, mesmo para as mentes menos dotadas de penetração, que não só não são veladas pela obscuridade de um significado mais secreto, como nem sequer é necessária a ajuda da exegese: a letra das palavras já transmite o seu pleno significado. Outras, ao contrário, estão envoltas em misteriosa obscuridade e abrem um campo imenso aos esforços e à solicitude de quem deseja esclarecê-las e compreendê-las.

A Escritura pode ser comparada com uma terra rica e fértil, na qual nascem e se desenvolvem muitos produtos que beneficiam a vida humana sem serem previamente cozinhados. Outros, se não perdessem a sua dureza natural ao fogo e não se tornassem macios e tenros, revelar-se-iam impróprios para o nosso uso ou mesmo nocivos. E há alguns que são naturalmente adequados para ambas as formas: se não passarem pelo fogo, a sua crueza não é desagradável, nem causa qualquer dano; a cozedura, no entanto, aumenta os seus efeitos positivos.

Economia semelhante parece ser bem evidente no luxuriante paraíso das Escrituras espirituais: há passagens que, logo no seu sentido literal, brilham com uma claridade tão luminosa que, só por si, as palavras oferecem aos ouvintes alimento substancial e abundante; outras, pelo contrário, se não forem refinadas pela interpretação alegórica e suavizadas pela prova do fogo espiritual, longe de fornecerem ao homem interior um alimento sadio e purificado de germes malignos, serão mais prejuízo do que vantagem para ele; e há passagens que são vantajosas e necessárias tanto no seu sentido literal como no alegórico, pois em ambos os casos a alma retira delas sucos nutritivos.